

CLÉRIA MARIA MACHADO MARCONDES

**IRACEMA DE JOSÉ DE ALENCAR: Estudo Histórico –
Historiográfico da Língua Portuguesa no Século XIX.**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUCSP

SÃO PAULO - 2012

CLÉRIA MARIA MACHADO MARCONDES

**IRACEMA DE JOSÉ DE ALENCAR: Estudo Histórico –
Historiográfico da Língua Portuguesa no Século XIX**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de **Mestre** em Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUCSP

2012

BANCA EXAMINADORA

Aos meus pais, Salustriano José Machado (in memoriam), e Artumezina F. de Jesus. Ao meu marido, Julio, ao meu filho, Arthur, ao meu irmão, Luis Carlos, e a sua esposa, Nilma, pelo carinho, compreensão e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me proporcionar tudo na vida, e a todas as pessoas do meu convívio, que acreditaram e contribuíram, mesmo que indiretamente, para a realização e conclusão deste curso.

Diante da tarefa cumprida, agradeço à pessoa mais importante nessa jornada, meu orientador, Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, que me recebeu com carinho e disponibilidade incondicionais. Bati em sua porta com uma ideia e nenhuma produção: ele me compreendeu, fez observações pertinentes e teve uma compreensão maravilhosa e rápida do que realmente eu queria. Obrigada, Prof. Jarbas, por seu empenho, motivação e por me proporcionar a rica experiência de escrever esta dissertação, com segurança de saber que, a todo tempo, pude contar com sua orientação atenta, exigente e estimulante.

Meus agradecimentos também às Professoras Izilda e Marcia, que fazem parte dessa banca, e à professora e revisora Simone, por sua rapidez nas sempre urgentes leituras. Foi extremamente rica esta parceria com você, Simone, colocando as palavras certas nos lugares certos, para dar a fluidez adequada ao texto.

RESUMO

O Brasil, após três décadas de domínio português, chega ao século XIX sequioso por se libertar politicamente e de tudo o que lhe lembrasse o jugo imposto por Portugal. Nesse período, o Brasil recebe influências de outros povos, além dos portugueses, que apresentam novas perspectivas culturais, que ocasionam mudanças nas condições intelectuais e materiais do país.

A língua portuguesa, herança deixada pelos colonizadores, já apresentava traços que a diferenciavam do padrão lusitano da grande metrópole. Esses traços eram percebidos no nível da oralidade, porém ausentes na escrita.

Nesse período, foram surgindo inúmeras polêmicas por parte de alguns escritores, em especial José de Alencar, que se propusera a deixar esses traços registrados em seus textos, como forma de documentar certos aspectos da variante brasileira, pois o Brasil, recém-saído da independência, vivia um momento de paixões nacionalistas.

Esta dissertação situa-se no âmbito da Historiografia Linguística e objetiva analisar as marcas histórico-linguísticas que evidenciam o uso brasileiro da língua portuguesa no século XIX, em *Iracema*, de José de Alencar, procurando relacionar esse uso e o contexto histórico e sociocultural da época, focalizando um momento no processo de constituição da identidade linguística brasileira.

Para este estudo, examinaremos as especificidades do Português em uso no Brasil, no século XIX, e o modo como a expressão linguística de Alencar traduz uma identidade cultural brasileira. Para isso, serão verificadas também as condições históricas e socioculturais da época em *Iracema*.

Justifica-se nossa pesquisa, também, por trazer à reflexão a abordagem da língua portuguesa no Brasil como um imperativo social e cultural, na medida em que se propõe a analisar *Iracema*, um dos milhares documentos que estão inseridos em um contexto histórico-político, marcado pela independência brasileira e pelo afastamento de Portugal.

Iracema demonstrou que as marcas históricas e linguísticas presentes na obra revelam os conflitos gerados pela independência, o desencadear do nacionalismo, fruto do entrelaçamento da história e de Portugal.

ABSTRACT

Brazil, after three decades of Portuguese rule, the nineteenth century comes to a thirst for politically and get rid of everything that reminded him of the yoke imposed by Portugal. During this period, Brazil received influences from other people, besides the Portuguese, who have new cultural perspectives, which cause changes in intellectual conditions of the country.

The English language, heritage left by the colonists, already had features that differed from the pattern of Lusitanian metropolis. These traits were perceived in terms of orality, but absent in writing.

During this period, numerous controversies have arisen by some writers, especially José de Alencar, who had intended to leave these traces recorded in his writings as a means of documenting certain aspects of the Brazilian variant, since Brazil, fresh out of independence lived a moment of nationalist passions.

This thesis is situated within the Linguistic Historiography and objectively analyzing the historical-linguistic marks that show the use of the Brazilian Portuguese language in the nineteenth century, in *Iracema* by José de Alencar, trying to relate this use and socio-cultural and historical context of the time, focusing on a point in the process of formation of linguistic identity in Brazil.

For this study, we examine the specifics of the Portuguese used in Brazil in the nineteenth century, and how the linguistic expression represents a de Alencar Brazilian cultural identity. To do so, will be checked also the historical and sociocultural conditions of the time in *Iracema*.

It is appropriate to our research, too, for bringing to reflect the approach of the Portuguese language in Brazil as an imperative social and cultural, in that it proposes to analyze *Iracema*, one thousands of documents that are embedded in a historical and political context, marked by the Brazilian independence from Portugal and removal.

Iracema has shown that brands present in the historical and linguistic works reveal the conflicts generated by independence, the spark of nationalism, as a result of the intertwining of history and Portugal.

RESUMÉ

El Brasil, después de tres décadas de gobierno portugués, del siglo XIX llega a su sed de política y deshacerse de todo lo que le recordó el yugo impuesto por Portugal. Durante este período, Brasil ha recibido influencias de otras personas, además de los portugueses, que tienen nuevas perspectivas culturales, que causan cambios en las condiciones intelectuales y materiales del país.

El idioma inglés, herencia dejada por los colonizadores, ya contaba con características que difieren del patrón de la metrópoli lusitana. Estos rasgos se percibe en términos de la oralidad, pero ausente en la escritura.

Durante este período, han surgido numerosas polémicas por algunos escritores, especialmente José de Alencar, quien había tenido la intención de dejar estas huellas grabadas en sus escritos como una forma de documentar ciertos aspectos de la variante brasileña, ya que Brasil, recién salido de la independencia vivió un momento de las pasiones nacionalista.

Estas tesis se sitúa dentro de la historiografía lingüística y analizar objetivamente las marcas histórico-lingüísticos que muestran el uso de la lengua portuguesa de Brasil en el siglo XIX, en *Iracema* de José de Alencar, tratando de relacionar este uso y el contexto socio-cultural e histórico de la época, centrándose en un punto en el proceso de formación de la identidad lingüística en Brasil.

Para este estudio, examinaremos los detalles de la portuguesa usada en Brasil en el siglo XIX, y cómo la expresión lingüística representa una de Alencar identidad cultural brasileña. Para ello, se revisaron también las condiciones históricas y socioculturales de la época de *Iracema*.

Es apropiado para nuestra investigación, también, para sacar a reflejar el enfoque de la lengua portuguesa en Brasil como un imperativo social y cultural, en el que se propone analizar *Iracema*, una de miles de documentos que están incrustados en un contexto histórico y político, marcado por la independencia brasileña de Portugal y la eliminación.

Iracema ha demostrado que las marcas presentes en las obras históricas y lingüística revelan los conflictos generados por la independencia, la chispa del nacionalismo, como resultado de la interrelación de la historia y Portugal.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo I – Romantismo no Brasil e José de Alencar.....	06
1.1.O Brasil no século XIX.....	06
1.2.A Língua Portuguesa na história do século XIX.....	10
1.3.A produção lingüístico-literária no Brasil romântico.....	12
1.4.A Língua Portuguesa e José de Alencar.....	17
1.5.O movimento romântico na produção de José de Alencar.....	19
1.5.1. Marcas do romantismo em <i>Iracema</i>	20
1.5.2. José de Alencar e o romance indianista.....	21
1.5.3. A musicalidade do estilo de Alencar.....	24
Capítulo II – A língua em suas perspectivas histórica e historiográfica.....	26
2.1. A Língua em sua perspectiva histórica.....	26
2.2. A interdisciplinaridade linguística e história.....	27
2.3. A historiografia linguística: concepção e princípio.....	29
2.4. A noção de documento em historiografia linguística.....	32
2.5. A polémica: José de Alencar – Pinheiro Chagas e Antônio Henriques Leal.....	34
Capítulo III – A identidade linguística brasileira – Análise.....	39
3.1. Perspectiva da análise.....	39
3.2. <i>Iracema</i> : o enredo.....	40
3.3. <i>Iracema</i> de José de Alencar: apresentação da obra.....	43
3.4. O contexto histórico-cultural e a temática em <i>Iracema</i>	46
3.4.1. O índio de Alencar.....	50
3.4.2. A valorização do índio na valorização da linguagem.....	52
3.5. Elementos lexicais.....	53
3.5.1. Tupinismos.....	54
3.5.2. Brasileirismos semânticos.....	57
3.6. Escolhas sintáticas de Alencar.....	60
3.6.1. Topologia pronominal.....	60
3.7. O princípio da imanência.....	71
3.8. O princípio da adequação teórica.....	73
3.8.1. Emprego do gerúndio.....	74

3.8.2. Os adjetivos.....	76
3.8.3. Expressões literárias.....	77
3.8.4. Os verbos intransitivos.....	81
3.8.5. Marcas da oralidade no uso brasileiro.....	82
3.9. A identidade lingüística brasileira em <i>Iracema</i> de José de Alencar.....	83
Considerações Finais.....	87
Referências bibliográficas.....	92

INTRODUÇÃO

A língua é a nacionalidade do pensamento como a pátria é a nacionalidade do povo. Da mesma forma que instituições justas e racionais revelam um povo grande e livre, uma língua pura, nobre e rica anuncia a raça inteligente ilustrada.

(José de Alencar – DIVA)

A língua é um fator de unidade nacional considerada um elemento que caracteriza uma nação. Considera-se, também, esse fator preponderante a uma comunidade histórico-social, visto que os nativos oriundos de costumes e tradições de uma mesma língua, com ideais semelhantes e que aspiram a um mesmo futuro e um mesmo conceito coletivo. O fator ‘língua’ era de unidade nacional em que pesava em todo território nacional, já que a fala e a escrita eram vistas como uma autoridade em si tratando da nacionalidade linguística.

Na segunda metade do século XIX, a língua assume um elemento intelectual em transformação no Brasil, uma vez que os pensamentos, as modas literárias e as novas missões religiosas vinham da Europa e eram, portanto, uma cultura privilegiada apenas pela minoria de conhecimentos precisos à leitura, e esse privilégio era guardado apenas para as horas vagas que dessa minoria leitora. A classe menos favorecida era considerada ignorante, entretanto essa cultura não era reconhecida por eles. Esses conhecimentos culturais faziam a diferença entre os povos dessa época.

Com o desenvolvimento e o crescimento do país que se destacavam na cultura, na política e na economia, surgem então os primeiros prosadores e poetas, brasileiros nativos, porém traziam ainda consigo os hábitos da Metrópole portuguesa no pensamento e na forma de trabalho. A primeira geração já fora inteiramente educada pelos jesuítas aqui no Brasil, todavia segundo os moldes dos portugueses.

No final do século XVIII, o Brasil passava por grandes transformações revolucionárias. Precisava, nesse momento, ter uma língua própria e independente introduzida no contexto-histórico-cultural, já que se considerava independente desde 1500. A língua precisava ser própria, ou seja, o modelo, as normas, a padronização europeia precisava se declinar, enfim o velho voltava-se para o novo. Tudo isso,

Thomas Kuhn (2001:52), chama de ‘paradigmas’ a serem quebrados ...*transformações de paradigmas são revoluções científicas e a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida.* O Brasil estava em uma trajetória de crises e uma se resolve, de acordo com Kuhn, quando surge novas ideias ou novos paradigmas que atraem a maioria em número crescente de cientistas, em que o velho original seja derrubado e um novo entra em destaque. Para Kuhn, o progresso através das revoluções é o principal caminho para o desenvolvimento que incita acúmulos de novas ideias científicas. Segundo o autor, os paradigmas são persuasivos sobre uma ciência dentro do seu interior. Desta forma, a substituição do velho para o novo não passa de transformações revolucionárias.

O presente trabalho se sobressai, na medida em que propomos uma discussão que engloba a relação língua, cultura e história. É dentro dessa perspectiva interdisciplinar que será feito o estudo da Língua Portuguesa escrita no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, particularmente em *Iracema* de José de Alencar, a propósito de sua segunda edição – 1865 – e nos escritos dos críticos Pinheiro Chagas e Antônio Henrique Leal a respeito da obra.

José de Alencar visava a desempenhar um papel de influência direta em constituir a identidade nacional através de seus livros, dentre os quais *Iracema*. Alencar destacou nessa obra uma liberdade de um novo estilo em que defendeu maior aproximação entre língua escrita e falada. Um romance histórico e indianista em que o autor encontrou nas páginas da historiografia fontes de interpretação e composição de elementos nacionalizantes, tais como: a natureza, o passado grandioso e a língua selvagem, e os levou para suas narrativas objetivando projetar na alma de seus leitores um sentimento brasileiro. Porém, essa posição de independência causou uma provocação da metrópole. Grandes polêmicas entre escritores e críticos da época foram evidenciadas, sobretudo vindas de Pinheiro Chagas e Antônio Henrique leal.

Podemos perceber a diferença da língua em uso no Brasil no século XIX, em relação à língua de Portugal nessa época. Nota-se essa diferença mais na oralidade do que na escrita. Somente a partir da segunda metade do século XIX, os escritores românticos incorporam-na ao texto literário escrito como registro de uma realidade já consistente e, portanto documental. No final desse mesmo século, José de Alencar

dentre outros autores, em suas obras indianistas, segundo Brasil (1980:56), tiveram a preocupação de incorporar ao texto literário os elementos culturais que pertencem à sociedade brasileira, ou seja, o índio, a natureza intacta, enfim tudo o que chamasse a atenção do leitor.

A escolha do romance *Iracema* como corpus de nossa análise deveu-se à importância de José de Alencar na sua época, que reivindicou a liberdade de estilo e maior aproximação entre a língua literária e a falada, documentando em seus escritos alguns aspectos da variante brasileira. Nesse sentido, *Iracema* destaca dentro da obra alencariana como uma das mais ricas quanto ao aproveitamento de recursos variados da linguagem falada.

Nenhuma ciência, atualmente, acreditamos que esteja isolada de outras com as quais possa estabelecer relações de interdisciplinaridade, portanto a Historiografia Linguística, segundo Koerner, acena para uma série de problemas gerados pela terminologia, em fases anteriores de desenvolvimento de pesquisas linguísticas, quando se buscava a identificar, de modo inadequado, fatos passados, com termos atuais. Há diferenças de conceitos que o historiógrafo da língua deve não só perceber, mas também explicar. Isso implica o uso da metalinguagem da qual o pesquisador não se pode evadir, uma que seu papel é tornar acessível aos leitores da atualidade, épocas passadas, sem distorção dos sentidos e da intencionalidade que são impressos nos documentos originais. Então, propõe o autor, a adoção de três princípios que vão além da questão da metalinguagem e que pretendemos operacionalizar no desenvolvimento de nosso trabalho:

a) **Princípio da contextualização** – consiste em levantar e resgatar o clima de opinião da época em que o documento foi produzido, remontando o seu contexto histórico-cultural, as concepções linguísticas, sócio-econômicas e políticas.

b) **Princípio da imanência** – consiste no levantamento de informações e na percepção total do documento no que diz respeito às teorias linguísticas e às abordagens históricas em circulação da época e tem como objetivo restaurar e possibilitar a compreensão do documento e, juntamente com o princípio de contextualização, parece como uma metodologia segura de interpretação historiográfica.

c) **Princípio de adequação teórica** – consiste na possibilidade que tem o historiógrafo da língua para reatualizar o documento de forma a aproximá-lo das teorias e ideias atuais.

Como já esclarecemos, no século XIX, a sociedade brasileira estava à procura da consolidação de sua consciência cultural, já que tinha adquirido o direito de independência. Almejava-se, então, a própria identidade, tanto política quanto econômica, social e linguística. Portanto, por meio dos princípios de Koerner o historiógrafo da língua deve buscar nos registros materializados em língua no século XIX, mas precisamente no decorrer da segunda metade desse século a aproximação com a atualidade.

Segundo Nascimento (2005), *a Historiografia Linguística, parte do princípio de que a língua enquanto produto histórico-social, torna-se simultaneamente veículo e expressão de dados socioculturais que pressupõem um olhar histórico*, visto que a língua muda para atender as necessidades do homem, adaptando-se ao seu território.

Nosso trabalho se organiza em três capítulos. No primeiro, examinaremos a língua em seu contexto histórico desde a sua implantação no Brasil, suas transformações, os fatores de influência na diferenciação de Portugal, suas características e suas especificidades. Para este estudo, esboçaremos um panorama histórico-econômico e sociocultural do Brasil no século XIX, mais precisamente na segunda metade do século. Procuraremos apresentar também as perspectivas de visão do escritor José de Alencar em relação à língua que estava sendo formada no Brasil, e também, sua contribuição em constituir uma identidade linguística brasileira.

No segundo capítulo, analisaremos a língua em seus pressupostos que são os fundamentos para esta pesquisa. Apresentaremos os princípios da Historiografia Linguística que buscam aproximar, em essência, a Linguística e a História na análise da língua no documento. Assim sendo, com base nessas e em outras reflexões, objetivamos também, nesse capítulo, examinar a língua em uso no Brasil no século XIX em sua perspectiva histórica e historiográfica.

No terceiro capítulo, prosseguimos com a análise do *corpus* – *Iracema* – de José de Alencar, a propósito, como já foi dito, a segunda edição de 1865. Faremos uma breve apresentação da obra dentro dos parâmetros de nossa análise, evidenciando as marcas histórico-linguísticas da língua portuguesa em uso no Brasil e da língua portuguesa de Portugal nessa época, a relação de uso existente entre as mesmas e a identidade cultural de ambas. Abordaremos a temática de Alencar sobre o contexto histórico e sociocultural da época em que foi escrito o romance, as escolhas de Alencar em relação ao léxico e a sintaxe em que o autor procurou aproximar estas expressões, a uma identidade linguística-cultural já manifestada e nacionalizada.

Em suma, a proposta de apresentação deste trabalho se direciona para um estudo do português em uso no Brasil no século XIX, destacando-se as condições histórico-cultural de uso nesse século, tendo como objetivo a originalidade e a nacionalização linguística brasileira.

CAPÍTULO I

ROMANTISMO NO BRASIL E JOSÉ DE ALENCAR

1.1 – O Brasil no século XIX

O século XIX foi um século de transformações e inovações, chamado por Rémonde (1974)¹ de “o século das revoluções”, porque nenhum fora tão fértil em levantes, insurreições, guerras civis, ora vitoriosas, ora esmagadoras. Foi chamado também, por Alencar (1985)², de o século das “Luzes” porque, na esteira da Revolução Industrial, viu espalharem-se as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade nos Estados Unidos da América, na França e aqui no Brasil. Tais ideias influenciaram os movimentos artísticos e literários que, se por um lado só chegavam ao conhecimento de uma minoria das populações coloniais, por outro abriam novas perspectivas aos grandes colonos latifundiários.

Para Rémond (1974)³, o século XIX foi marcado por choques revolucionários, poderes estabelecidos entre os homens e entre as nações, o que se refletiu em conflitos e violência. Diante disso, as forças que se mantinham conservadoras se confrontaram com as forças da política social dos intelectuais da época, provocando grandes contestações. A força político-social tinha olhares voltados para novos caminhos e novos acontecimentos na história desse século.

No Brasil não foi diferente, pois o país passou por diversas mudanças, tanto no âmbito político-econômico, quanto no sociocultural. O século XIX foi um extenso período de evolução para o país, que começou a se transformar, lentamente, numa nação moderna. Essas mudanças tiveram início, principalmente, com a chegada da Família

¹ RÉMOND, René. *O Século XIX (1815/1914)*. Introdução à história de nosso tempo, 2º vol. 2ª ed. Trad. Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 1974.

² ALENCAR, Francisco et alii. *História da Sociedade Brasileira*. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

³ RÉMOND, op.cit.

Real, que se fixou no Rio de Janeiro por volta de 1808, propiciando ao país contatos europeus.

A partir de 1822, o Brasil já era independente, porém, diante de tantas transformações, não apresentou uma evolução satisfatória nos setores econômico e financeiro, pois dependia apenas das exportações e do setor agrícola e não era ainda um país industrializado. Assim sendo, permanecia ainda sob o domínio dos europeus, principalmente Inglaterra e Portugal.

Segundo Alencar (1985)⁴, “dependendo da Inglaterra, a metrópole procurava explorar ao máximo suas colônias, em especial o Brasil, para contrabalançar seu comércio deficitário”. Em vista desse fato, o Brasil começou a enfrentar uma grave crise no setor econômico, devido à redução dos preços dos produtos agrícolas e, conseqüentemente, uma redução nas exportações. Essa foi a crise principal pela qual o Brasil passou no século XIX: a crise no setor agrícola. Por outro lado, esse foi o período de realização e fortalecimento da independência política brasileira.

Segundo Teyssier (2007)⁵, com a fixação da família real no Rio de Janeiro, juntamente com aqueles que compunham a corte portuguesa - quase quinze mil pessoas, a cidade ficou mais populosa. Era natural que a convivência da corte com o povo brasileiro resultasse em novos hábitos, o que inclui a apreciação dos luxos que, até então, a nação brasileira não conhecia. Muitos fatores contribuíram para essa mudança, dentre os quais podemos citar o plantio do café que, segundo Alencar (1985)⁶, foi, a partir de 1840, o principal produto de exportação brasileira e o fator de recuperação da economia do país, que estava em crise desde a independência, em virtude da decadência das principais lavouras de exportação. Portanto, o Brasil avançou com a chegada do café num vasto território do Vale do Paraíba. Rapidamente, os cafezais chegaram ao sul de Minas e, também, nas terras do interior de São Paulo, com uma produção acelerada.

O processo de expansão cafeeira no Brasil foi lento, mas acarretou um sentimento de autoconfiança para os brasileiros. Modificou as atividades comerciais, tornando-as dinâmicas; os meios de transportes - as estradas ferroviárias - tiveram

⁴ ALENCAR, op.cit., p.83.

⁵ TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

⁶ ALENCAR, op.cit.

grande desenvolvimento, assim como as regiões portuárias de Santos e Rio de Janeiro e o trabalho escravo que foi sendo substituído pelo trabalho assalariado. Todas essas transformações contribuíram para o desenvolvimento e a recuperação econômica e financeira do Brasil.

Segundo Alencar (1965), neste período, mudou também a forma de governo, foi elaborada a Constituição Governamental e, em meados dos anos 1850 a 1860, segundo Alencar (1985)⁷, apareceram no Brasil as primeiras indústrias, as primeiras fábricas e os primeiros empregos assalariados, os primeiros bancos, dentre eles as caixas econômicas, as companhias de navegação a vapor, de seguro, das estradas de ferro, as empresas de mineração, transporte urbano, gás etc. Houve então um processo acelerado da urbanização. D. João providenciou escolas e colégios com novas exigências quanto aos professores (os professores passaram a ser nativos do país, pois, segundo Teyssier (2007)⁸, os educadores nativos propiciariam aos alunos “falares regionais mais flexíveis”). Era preciso que o ensino se voltasse para o homem da cidade, proporcionando uma elite intelectualizada. Nesse segmento, o desenvolvimento brasileiro propiciou também algumas províncias, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, grandes polos atrativos para os colonos da época, à procura de uma vida melhor e mais confortável. Os filhos dos grandes latifundiários vinham para essas cidades frequentar os melhores colégios e faculdades e ter contato com os jornais e revistas em circulação.

Ainda nesta época, aconteceram as primeiras greves. As condições de trabalho, tanto para o homem quanto para a mulher, eram péssimas e desordenadas, não havendo, portanto, uma regulamentação salarial.

Os negros passaram a ter uma incansável missão: percorreram um longo caminho até a Abolição da Escravatura. Fatos importantes entre os negros contribuíram para a concretização desse movimento: as fugas, as rebeliões, os quilombos, os trabalhos mal executados pelos escravos, tudo isso se tornava forma de protesto e revolta dos negros, que se confrontavam com leis rígidas, que os impediam de alcançar seus ideais de liberdade. Dessa forma, a partir da segunda metade do século XIX,

⁷ ALENCAR, op.cit.

⁸ TEYSSIER, op.cit.

protestos de outros setores de classes dominantes se juntaram ao movimento abolicionista, elevando o nível dos conflitos de forças.

Conforme Alencar (1985)⁹, por volta de 1880, as mudanças das relações no trabalho assalariado, as atividades industriais e o crescimento da população nas cidades mais urbanizadas fizeram com que o movimento abolicionista se intensificasse e, em 13 de maio de 1888, a princesa Izabel assinou a Lei Áurea, libertando incondicionalmente cerca de 750.000 mil escravos, que representavam aproximadamente um décimo da população negra do país.

Outra questão também relacionada com a vinda da Família Real para o Brasil foi o maior prestígio que esta deu ao branco, o que contribuiu para a formação de uma sociedade mestiça. Esse fenômeno se deveu ao fato de a nação brasileira querer afastar o fantasma de condição de colônia de suas mentes, ou seja, o fato de não querer tudo aquilo que fizesse lembrar a situação anterior. Em outras palavras, não queriam lembrar que eram uma sociedade formada também por negros e, por isso, a busca pelo apagamento da cor. O mestiço se igualava ao branco e não ao negro escravo. Nesse sentido, Silva Neto (1950)¹⁰ lembra que “a ascensão social do mestiço acarretava polimento e planificação da linguagem, uma vez que essa é um importantíssimo sinal de classe social”.

No ano de 1822, o país tornou-se independente e saiu em busca da expansão e da plena liberdade, tendo em vista a valorização do que poderia diferenciá-lo da antiga metrópole. No que se refere à língua em uso no Brasil, a elite colonial mantinha o modelo da corte de Lisboa e da Universidade de Coimbra, pois era lá que estudava. Era marcante a diferença entre a variante brasileira e a língua escrita de Portugal, considerada, até então, o modelo ideal de língua.

Muitos autores brasileiros com formação no Brasil foram surgindo nessa época. Como não tinham a referência da escrita literária da metrópole, passaram a registrar em seus escritos palavras e expressões próprias da língua falada no Brasil. Essa nova

⁹ ALENCAR, op.cit.

¹⁰ SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950, p.25.

geração de autores e escritores entendia que não tinha a obrigação de se submeter às normas gramaticais de Portugal. Um deles foi José de Alencar que, além de divergir da norma lusitana, introduziu termos indianistas na literatura, a partir do registro de neologismos. Ele defendia que o Brasil precisava ter a sua própria língua para ser uma nação.

Nas palavras de Rémond (1974)¹¹,

(...) o movimento das nacionalidades no século XIX foi em parte obra de intelectuais, graças aos escritores que contribuem para o renascer do sentimento nacional; graças aos linguistas, filósofos e gramáticos que reconstituem as línguas nacionais, apuram-nas, conferem-lhes suas cartas de nobreza; graças aos historiadores, que procuram encontrar o passado esquecido da nacionalidade; graças aos filósofos políticos, pois a idéia de nação constituía o centro de alguns sistemas políticos.

Dessa forma, o povo brasileiro vai despertando para a nacionalização, fenômeno que caracterizou o século XIX. Havia o desejo dessa nação recém dependente de manifestar em sua arte uma identidade própria, mas não havia padrões estéticos próprios para essa manifestação. Os padrões estéticos vigentes eram os do colonizador, que foram adaptados para a realidade brasileira. A língua em uso já se distanciava da europeia, refletindo a realidade brasileira e incorporando aspectos de sua história.

1.2 – A Língua Portuguesa na história do século XIX

A ocupação e a colonização do Brasil só se deram anos depois de sua descoberta. Nesse processo, os portugueses foram se concentrando, pouco a pouco, nas terras brasileiras, primeiro no litoral e, depois, nas regiões mais voltadas para o interior.

Os índios Tupis já ocupavam o litoral brasileiro quando o Brasil foi descoberto. Esse povo migrava do sul do continente, em grandes massas, em épocas não muito distantes, conforme Câmara (1985)¹². Já as tribos Jês, embora mais antigas e numerosas, habitam o interior, vindo a ter contato com os colonizadores nos fins do século XVII, quando estes iniciaram a exploração do sertão em busca do ouro e das pratas preciosas.

¹¹ RÉMOND, op.cit., p.150.

¹² CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

Outras nações, assim como a dos Arnak e a dos Karib, que habitavam a Amazônia e, ainda, outras tribos menores, só depois desse período é que vieram a ter contato com os colonizadores.

Câmara (1985)¹³ expõe que os Tupis eram domesticados, aculturados e escravizados pelos colonizadores. Eram aliados dos portugueses e os serviam como guias dentro das matas e na exploração das terras, das plantas etc. Em Tupi, “Tapuias” era o nome para “inimigos”. Foi a partir desse contato que os Tupis criaram uma dicotomia Tupi-Tapuia, que ficou valendo por muito tempo como uma divisão étnica e linguística. Entre a Bahia e o Rio de Janeiro, os Tupis formavam tribos bastante homogêneas, ou seja, de mesma cultura e mesma língua, fato que reforçava a dicotomia.

Além dos índios, a partir do século XVI, também foram trazidos para o Brasil os escravos, vindos de diferentes regiões da África, para trabalhar, principalmente, na lavoura. Em contato com os índios e com os colonizadores, eles também interferiram no panorama linguístico do Brasil.

Segundo Câmara¹⁴, no contato entre os colonizadores, os índios e os africanos escravos, desenvolveu-se uma língua geral de intercurso, que era, fundamentalmente, o dialeto tupinambá, porque os Tupis eram o grupo mais importante e o que mais teve contato com os portugueses. Consequentemente, os missionários estudavam essa língua geral, descreviam-na normativamente e ensinavam-na em tratados missionários, objetivando a catequese. Os missionários usaram o Tupinambá para se relacionar, não só com os Tupis, mas também para os contatos com os outros índios em geral. Os não-tupis aprendiam também esse dialeto com relativa facilidade, o que não sucedia com o português.

Assim sendo, ficou estabelecida uma língua geral Tupi, paralela ao português, no cotidiano da colônia, o que resultou na constituição de uma língua escrita e literária, para a qual os missionários traduziam as orações cristãs, as composições de hinos religiosos e as peças teatrais, no estilo da literatura hispânica.

¹³ Idem, 1985.

¹⁴ Idem, 1985.

1.3 – A produção linguístico-literária no Brasil Romântico

Segundo Bosi (1994)¹⁵, o Romantismo se caracteriza pelo efeito de duas posturas dos artistas frente à realidade: a fuga e a tentativa de modificação. Na primeira, o artista se aproxima da natureza e se torna um adepto do “bom selvagem” de Rousseau, ou seja, o homem puro, antes de ser contaminado pela sociedade; na segunda, participa de movimentos de liberdade, que eram numerosos na época. Quando os autores não conseguiam atingir seus objetivos como heróis, procuravam refúgio no isolamento e no escapismo, ou seja, fugiam de uma determinada situação não resolvida.

O Romantismo no Brasil surge após a sua independência, momento em que a Europa já estava mergulhada nesse movimento. O país já era independente, entretanto não deixava de lutar, pois ainda havia muitos laços culturais que o prendiam a ex-metrópole, principalmente a uma consciência intelectual. Para desenvolver uma intelectualidade, o Brasil precisava de muitas instituições, principalmente com formação em cursos jurídicos, de medicina e outros cursos de nível superior. Precisava também que a imprensa começasse a tomar lugar nas questões políticas, econômicas e sociais. Da mesma forma, muitas outras instituições, que não existiam no tempo da colônia, precisavam ser priorizadas.

De acordo com Coutinho (1971)¹⁶, o Brasil precisava caminhar sozinho. Era uma nação que estava crescendo e seu desenvolvimento precisava acompanhar esse crescimento. Bosi (1994)¹⁷ também afirma que alguns autores românticos lutaram pela libertação e formação de Estados nacionais patrióticos. Outros, como José de Alencar, reclamaram o que era nosso e que estava em poder dos ex-colonizadores: a originalidade do nacionalismo linguístico.

O Brasil segue independente e com novos ideais românticos, com influências não só de Portugal, mas também de outros países. Nesse sentido, Costa (1956)¹⁸ esclarece que

¹⁵ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

¹⁶ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2ª ed., vol. VI. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971.

¹⁷ BOSI, op.cit.

¹⁸ COSTA, João Cruz. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, p.81.

(...) à França pediram-se figurinos literários e filosóficos; à Inglaterra, senhora de uma monarquia modelo, o ritual do parlamentarismo, e a Alemanha, sobretudo depois de 1870, ao mesmo tempo que nos enviava a sua metafísica clássica, remetia-nos também às suas orientações científicas.

As mudanças ocorridas no Brasil nesta segunda metade do século XIX se deram tanto em aspectos materiais, quanto em intelectuais. Porém ainda é possível verificarmos uma imitação de países europeus, tanto nos costumes quanto nas artes.

Alencar (1985)¹⁹ expõe que:

A vida artística restringia-se à corte do Rio de Janeiro, onde os espetáculos teatrais eram apresentados (geralmente peças estrangeiras, em francês); pouco sobrava para os autores nacionais. Nos salões da aristocracia fluminense, dançava-se a polca e a valsa. Cantava-se, talvez até mais do que a modinha, a última canção francesa ou italiana da moda. E isso correspondia aos hábitos da vida urbana que essa classe em ascensão, à sombra do Império, cultivava. Uma estética de imitação. Ainda faltava muita para a independência cultural do Brasil.

Vários fatores contribuíram para que a classe menos favorecida tivesse novas oportunidades e acesso à literatura. Com a política independente, o Romantismo passa a valorizar a estética nacional e popular, tendo em vista que os escritores já tinham formação superior no Brasil e, estando longe do regime de Coimbra e Lisboa, passam a ter consciência de cidadãos nacionalistas. Diante disso, o fator principal do movimento chamado “língua” reflete-se na forma de expressá-la. Rémond (1974²⁰) observa que:

No século XIX, a língua toma um lugar cada vez mais importante e, tanto nas pesquisas eruditas como nas lutas políticas, filólogos e gramáticos cuidam de reencontrar a língua original, de purificá-la, fazendo ou refazendo línguas de cultura, partindo daquilo que se havia degradado em dialetos. A possibilidade de falar a própria língua se transforma também numa das fianças, assim, um dos pontos de apoio do sentimento nacional.

O Brasil passou a ser independente politicamente e, assim, precisava da sua independência cultural. Para isso, foi em busca da liberdade de expressão linguística, porque precisava de uma língua própria e independente. Os brasileiros ainda estavam presos ao português de Portugal e, portanto, sua emancipação dependia da originalidade da língua: era necessário escrever como se falava aqui e não como se escrevia lá; enfim,

¹⁹ ALENCAR, op.cit., p.159.

²⁰ RÉMOND, op.cit., os.155-156.

era chegada a hora em que se buscava o que parecia ser o principal fator coesivo de uma nação independente. O Brasil precisava de algo próprio que o definisse frente à grande ex-metrópole.

Até então, nossa língua pertencia a Portugal, no entanto, ter a própria língua era importante por poder proporcionar um caráter próprio e de clara identidade ao Brasil. Era preciso buscar as especificações da língua em uso no Brasil, que seriam traços marcantes e históricos na distinção do brasileiro. Desta forma, podemos lembrar Silva Neto (1970)²¹, quando afirma:

(...) a língua é o vínculo que torna possível a compreensão entre uns e outros, é o instrumento principal de comunicação social que se sobrepõe às mil e uma variedades locais e profissionais. A língua literária é a sua utilização estética.

Daí em diante, várias manifestações incidiram sobre a natureza da língua em uso no Brasil. Reivindicações quanto à liberdade de expressão começaram a se projetar como elementos que implicariam no nacionalismo, segundo Silva Neto (1970)²². Consequentemente, essas reivindicações resultaram em debates em torno da língua e discussões significativas da identidade nacional na história da cultura nacional.

Em 1870, deu-se a polêmica entre José de Alencar e o português Pinheiro Chagas. O português criticou certos usos do escritor brasileiro quanto aos neologismos e às construções gramaticais: o emprego do artigo, a omissão do reflexivo e a colocação dos pronomes pessoais. Alencar deu-lhe a resposta no pós-escrito de sua obra *Iracema*. Vejamos:

A incerteza que reina sobre a ortografia da língua portuguesa, vício herdado do latim, ainda mais concorre para a incorreção dos livros. Sucede muitas vezes que o autor, para não multiplicar emendas nas provas, aceita um sistema adotado pelo compositor, que, entretanto, logo depois o altera e substitui por outro. [...]

Acusa-nos o Sr. Pinheiro Chagas a nós escritores brasileiros do crime de insurreição contra a gramática de nossa língua comum. Em sua opinião estamos possuídos da mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português!

Que a tendência, não para a formação de uma nova língua, mas para a transformação profunda do idioma de Portugal, existe no Brasil, é fato incontestável. Mas, em vez de atribuir-nos a nós escritores essa revolução filológica, devia o Sr. Pinheiro Chagas, para ser coerente com sua teoria,

²¹ SILVA NETO, op.cit., p.604.

²² Idem, 1985.

buscar o germe dela e seu fomento no espírito popular, no falar do povo, esse “ignorante sublime”, como lhe chamou.

Segundo Leite (2006)²³, Alencar sempre se pronunciava em seu próprio favor e dos usos linguísticos que o individualizaram. Pimentel (1965)²⁴ também esclarece que Alencar lutou em benefício próprio e não para caracterizar a variante brasileira da Língua Portuguesa.

Nesse sentido, Preti (1975:74)²⁵ expõe que:

(...) em Alencar, existe uma preocupação evidente para com a linguagem falada no Brasil. Seja por uma atitude nacionalista, seja por ter sentido a ação inegável de outros fatores sobre a nossa língua. O certo é que o diálogo se enriquece a todo momento, nas obras analisadas, de estruturas orais, de vocabulário popular e até mesmo de transcrições fonéticas, de notações prosódicas e de onomatopéias. Alencar criou polêmicas literárias com seu estilo. Expôs-se à crítica, enfrentou as mais violentas diatribes e corajosamente sustentou sua posição de renovador.

Um fato que marcou profundamente essa questão, no final do século XIX e início do século XX, foi o domínio dos puristas portugueses frente às normas da gramática. Esse domínio era fiel aos modelos da ex-metrópole. Diante disso, criou-se uma mentalidade de superioridade da civilização europeia enraizada em meio ao povo brasileiro que, por sua vez, ficou com um atraso cultural em relação ao colonizador.

A tendência do colono é ser igual e, até mesmo, submisso ao colonizador. Essa característica nos lembra *A Carta de Caminha*, na qual é percebida a veracidade do episódio em que a submissão dos nativos aos portugueses é flagrante aos nossos olhos. Os índios, donos das terras brasileiras, que já se encontravam aqui, foram civilizados pelos colonizadores que chegaram bem depois. Desta forma, segundo Cunha (1968:13)²⁶, “o colonizador é sujeito, enquanto que o colonizado é objeto”, de maneira que, dentro do colonialismo, são impostas regras de domínio aos países colonizados,

²³ LEITE, Marli Quadros. *Metalinguagem e Discurso – a configuração do purismo brasileiro*. 2ª. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

²⁴ PIMENTEL PINTO, E. *José de Alencar: sua contribuição para a expressão brasileira*. Vol. 4. SP: Ed. Cadernos da Serra, Coleção Imbuí, 1965, p.52.

²⁵ PRETI, Dino. *Sociolinguística – os níveis de fala*. 2ª edição. São Paulo: Nacional, 1975, p.74.

²⁶ CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. RJ: Nova Fronteira, 1997, p.13.

como a exploração econômica de matéria-prima e, sobretudo, o domínio da cultura. Podemos observar esse contexto nos dizeres de Cunha²⁷:

A idéia de que só a Europa possuía as marcas da cultura era tão aceita que, quando o instinto de nacionalidade passou a revelar-se na pena de José de Alencar, o fato se revestiu das características de escândalo literário e o grande romancista se viu impiedosamente criticado pelos próprios compatriotas.

Na história do descobrimento do Brasil, não encontramos nenhum fato que nos chame a atenção em relação a heróis da Idade Média. Desta forma, Alencar idealizou o índio como o herói de nossa história. A temática indianista dos personagens alencarianos foi aceita, pois o índio foi tido como o “bom selvagem”. Com essas qualidades, o índio seria capaz de trazer ao brasileiro o que era superior em excelência, tendo em vista ainda os vínculos aos modelos europeus.

Não há registros históricos da Idade Média no Brasil, aos moldes do mesmo período na Europa. Entretanto, buscava-se a nobreza de nossas origens, raízes e tradição. Os escritores buscavam heróis do passado, os quais Alencar encontrou na figura do índio. Assim, o romancista brasileiro criou na literatura de ficção e na poesia um mito com o nome de Indianismo. O índio era idealizado como o primeiro habitante do Brasil, valendo-se de suas qualidades e, principalmente, de sua pureza.

Os europeus não admitiam que o Brasil viesse a ser reconhecido por seu estilo próprio e original, ou seja, por sua independência linguística. Dessa forma, o Romantismo teve sua base voltada para o nacionalismo e os escritores exaltavam não só a terra, mas consideravam suas obras uma contribuição para a literatura brasileira. A língua de uso no Brasil foi trabalhada e adequada à própria realidade brasileira, fazendo parte do processo da constituição da nacionalidade. A esse respeito, Cunha (1981)²⁸ enunciou:

O estudo científico de uma língua é fundamentalmente o estudo da cultura de que ela é a forma e o produto. Estudar o português do Brasil é, pois, em grande parte, estudar a história de nossa formação.

²⁷ Idem, 1997, p.14.

²⁸ CUNHA, A.G. *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.13.

A língua que passa a ser falada pelos brasileiros foi o elemento principal na constituição da identidade nacional, pois o Brasil precisava da sua total independência. Dessa forma, a língua foi considerada elemento constituinte da identidade nacional, ligado à história da formação do Brasil e da formação do povo brasileiro.

1.4 – A Língua Portuguesa e José de Alencar

Segundo Leite (2006)²⁹, o Brasil deve muito a José de Alencar, que foi considerado um marco na literatura brasileira. Consciente de tantas críticas, abraçou todas elas, divulgou em suas obras as características dos hábitos e costumes da nação brasileira, fazendo uso de seu próprio estilo. Dessa forma, deixou à larga distância os fantasmas lusitanos que pairavam nessa época. Esse momento era imprescindível para o romancista brasileiro, pois terminara sua formação intelectual e a nossa independência estava ainda à vista.

Em 1870, quando Alencar voltou à Câmara, dedicou-se à literatura e publicou as obras *A pata da gazela*, *O gaúcho* e, em seguida, publicou a segunda edição de *Iracema*. No posfácio deste último, respondeu às críticas que lhe fizeram quanto a seu estilo predominante.

Pinheiro Chagas³⁰ torna saliente o valor literário da obra de Alencar e critica tanto o estilo quanto a linguagem do romancista. Tais críticas se estenderam a todos os escritores brasileiros da época, que já tinham um mesmo ideal: a liberdade nacionalista. As críticas foram fortes, por apontarem incorreções quanto ao estilo lusitano, como também tentativas de criar uma língua brasileira.

O defeito que vejo em todos os livros brasileiros e contra o qual não cessarei de bradar intrepidamente é a falta de correção na linguagem portuguesa, ou antes, a mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português por meio de neologismos arrojados e injustificáveis e de subordinações gramaticais.

As críticas a José de Alencar eram mais sobre o uso dos neologismos, o emprego do artigo definido antes dos possessivos, a omissão do pronome *se* com verbos

²⁹ LEITE, op.cit.

³⁰ Detalharemos a polêmica entre Pinheiro Chagas e José de Alencar em nosso segundo capítulo.

reflexivos e a colocação de pronomes pessoais. O romancista procurou justificar o seu estilo, recorrendo, na maioria das vezes, aos clássicos portugueses e, até mesmo, ao Latim, ao mesmo tempo que reclamava o direito a um estilo brasileiro. Alencar tinha respostas para todas as críticas, como as que ficaram registradas no pós-escrito de *Iracema*.

Aproveitarei o ensejo para defender-me de alguns neologismos, termos e locuções, pelos quais tenho sido censurado; a eles, sem dúvida, se referiu o Sr. Pinheiro Chagas, quando me qualificou de inovador, embora não me compreendesse.

(...)

Nesta, como em todas as minhas obras recentes, se deve notar certa parcimônia no emprego do artigo definido, que eu só uso quando rigorosamente exigido pela clareza ou elegância do discurso. (...) O uso do artigo, mesmo antes do pronome possessivo, pode tornar-se elegante e expressivo, servindo para indicar um objeto ao qual se faz uma alusão remota (...). Também em muitos casos a eufonia exige a interposição dessa partícula supérflua para suavizar um som áspero, ou desvanecer uma cacofonia.³¹

Ainda no pós-escrito de *Iracema*, Alencar aproveita para reprimir críticas vindas de Antonio Henriques Leal³². Esse crítico era brasileiro, porém reinava nele o espírito lusitano; tinha olhar crítico sobre o estilo de Alencar e foi um pouco mais longe, afirmando que “seu estilo clássico era frouxo e desleixado”. Mas o romancista brasileiro se defendia de todas, reservando-se o direito de possuir um estilo moderno, com a contribuição de vocábulos brasileiros, que lhe garantissem a originalidade. Segundo Pimentel (1986)³³, a luta de Alencar não era para obter a caracterização própria de uma variante brasileira da Língua Portuguesa, mas, sim, em benefício próprio.

Leite (2006: 71)³⁴ confirma que:

(...) realmente, o que Alencar defende, apesar de se apresentar como paladino da variante, não era exatamente isso, nem, como pretende Gladstone C. de Melo, em Alencar e a Língua Brasileira, o ‘estilo brasileiro’, ‘mas o seu ‘estilo’, de que era extremamente cioso – e nisso estava em seu pleno direito, pois se tratava da defesa de uma posição estética.

Segundo Leite (2006)³⁵, fazer alguma afirmação quanto à língua usada por Alencar não é nada fácil, em virtude das grandes divergências de ideias e opiniões

³¹ ALENCAR, José. *Iracema lenda do Ceará – edição do centenário de Iracema: textos críticos e teóricos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

³² Detalharemos as críticas de Antonio Henriques Leal em nosso segundo capítulo.

³³ PIMENTEL PINTO, E. *A Língua Escrita no Brasil*. SP: Ática, 1986.

³⁴ LEITE, op.cit., p.71.

existentes entre críticos e pesquisadores que se debruçaram sobre sua obra para estudá-la, mas podemos encontrar em Preti (1975)³⁶, um ponto de vista sobre o uso linguístico alencariano:

(...) em Alencar, existe uma preocupação evidente para com a linguagem falada no Brasil. Seja por uma atitude nacionalista, seja por ter sentido a ação inegável de outros fatores sobre a língua. O certo é que o diálogo se enriquece a todo momento, nas obras analisadas, de estruturas orais, de vocabulário popular e até mesmo de transcrições fonéticas, de notações prosódicas e de onomatopéias. Alencar criou polêmica literária com seu estilo. Expôs-se à crítica, enfrentou as mais violentas diatribes e corajosamente sustentou sua posição de renovador.

(...).

Seria impossível repetir aqui o número de exemplos que se sucedem em quase todos os diálogos do autor, testemunhando recursos orais que Alencar transcreve para tornar as falas mais naturais. Alinhavamos aqui apenas algumas das expressões de situação mais comumente repetidas nos livros em que pesquisamos (pois, pois bem, mas, as gentes, vejam lá, olhe).

1.5 – O movimento romântico na produção de José de Alencar

Alencar teve grande importância como escritor brasileiro romântico. A formação intelectual do escritor ocorreu numa época em que o purismo europeu era grande. Portanto, foi natural essa vocação de Alencar, tendo em vista que a nação estava a tão pouco tempo de sua independência.

O pequeno escritor veio de uma família de muita influência, principalmente política. Filho de Martiniano de Alencar e de D. Ana Josefina de Alencar, José de Alencar nasceu em primeiro maio de 1829, na cidade de Macejana, nome que ficou imortalizado no romance *Iracema* e que, segundo a lenda, é o mesmo da lagoa em que a personagem *Iracema* aguardava o retorno do amado; significa a abandonada. Foi neto paterno de um comerciante português, Gonçalves dos Santos e de D. Bárbara de Alencar que, por sua vez, foi heroína na Revolução de 1817, e neto materno do capitão Sr. Leonel Pereira de Alencar e de D. Maria Xavier da Silva.

Alencar herdara o espírito forte, nativista e revolucionário de seus antecessores. Seu pai era um político importante. Em 1832, concorre às eleições para o Senado, conquistando o posto e, em 1834, concorre novamente e ganha para Governador do

³⁵ Idem, p.64.

³⁶ PRETI, op.cit., p.74.

Estado do Ceará. Em 1837, deixa o governo e viaja por terras cearenses e baianas com toda a família. Muitas lembranças dessa viagem ficaram guardadas na memória do pequeno Alencar e se viram refletidas, alguns anos mais tarde, em suas obras.

Devido à carreira política de Martiniano de Alencar, em 1840, a família fixa residência no Rio de Janeiro, onde José de Alencar passa parte de sua infância. Nessa época, o menino é matriculado no Colégio de Instrução Elementar, Januário Mateus Ferreira, e conclui seus estudos primários e secundários. Alencar era de grande orgulho para seus pais, pois era bom aluno e de fácil concentração, entretanto, um tanto agressivo e um pouco tímido, tido como o “caturrinha”, segundo Proença (1966: 06)³⁷.

Na sequência, a família se desloca para São Paulo e Alencar é matriculado na Faculdade de Direito de São Paulo e, em 1846 e 1847, cursa os dois primeiros anos de sua graduação, vindo a se formar em 1850. Oficializou-se como advogado e, em 1853, inicia sua carreira como jornalista no Correio Mercantil, com a publicação de seus folhetins, que viriam a ser seus romances, trazendo-lhe a consagração na literatura brasileira.

1.5.1 – Marcas do romantismo em *Iracema*

O romance conta a história de dois jovens guerreiros, porém de índoles diferentes: um da civilização e o outro da natureza. (ALENCAR, 2007)³⁸. A história tem como tema “uma trajetória amorosa de uma índia e um guerreiro branco português”. Iracema, personagem criada da imaginação do escritor, passa ser a alegoria da colonização brasileira, em que se particularizou a história do Ceará e que foi ampliada para todo o continente americano, segundo Proença (1966)³⁹. Iracema simboliza a própria natureza brasileira: seu lábio é de mel, seu cabelo é como a asa da graúna – ave de plumagem negra, muito apreciada pelo seu canto melódico - seu hálito é de baunilha, e as características de seu corpo retomam o tronco da palmeira, seu andar faceiro e com elegância é descrito como o de uma ema.

³⁷ PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *José de Alencar na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.06.

³⁸ ALENCAR, José de. *Iracema*. Apresentação de Paulo Franchetti. Notas e comentários de Leila Guenther. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

³⁹ PROENÇA, op.cit.

Essa aliança do homem com a natureza revela a enorme autenticidade e aplicabilidade de identificação que Alencar tinha com o romantismo poético, embora escrevesse em prosa. À luz do terceiro milênio, a harmonia romântica nasce com a obra *Iracema: 'Lenda do Ceará'*, em que os aspectos do romance são louváveis às origens da terra, dos povos dos falares e dos costumes cearenses, segundo Pimentel (1965)⁴⁰.

A produção literária romântica brasileira, ainda que subjugada aos valores dos portugueses, adquiriu características próprias, objetivando projetos com o propósito de construir a identidade nacional. Essa nova geração literária que estava surgindo no Brasil teve traços marcantes de uma nova manifestação de pensamento e de sentimento linguístico, ligados à eficácia intensa da natureza tropical, juntamente com as questões político-sociais do indianismo e do nacionalismo.

Segundo Proença (1966)⁴¹:

Alencar, ao nomear seu romance indianista *Iracema: Lenda do Ceará*, - o universo de uma composição poética, um amor puro e simples: um devaneio um sonho indeterminado, vago, de uma memória coletiva onde o ato da escrita ficcional, pode ocorrer sem pudor e vergonha de afrontar o verdadeiro e a fidelidade histórica, mas também, procurava extrair o âmago, a parte essencial da lenda e a intenção de alcançar a credibilidade dos fatos.

1.5.2 – José de Alencar e o romance indianista

Alencar encerra seus estudos em São Paulo, em 1846 e 1847. Essa data marca na vida do autor os primeiros passos como escritor, publicando na revista semanal, *Ensaio Literários*, o estudo, “A Pátria de Camarão” – o Poti do romance que escreverá quase vinte anos mais tarde. Na mesma época, escreve também uma novela histórica, que não chegou até nós: *Os Contrabandistas* Alencar (2007)⁴².

Em 1849, Alencar deixa São Paulo e vai para Olinda (PE), onde termina seu curso de Direito e, em seguida, volta para o Rio de Janeiro e retoma a carreira de advogado. Logo em seguida, ingressa também no jornalismo. Após a morte de seu pai, em 1860, José de Alencar ingressa na política e se elege deputado pela província do

⁴⁰ PIMENTEL, 1965, op.cit.

⁴¹ PROENÇA, op.cit., p.68.

⁴² ALENCAR, 2007, op.cit.

Ceará. Em 1865, publica *Iracema*, dentre outros. Suas atividades literárias são intensas, pois além de escrever romances, dedica-se ao teatro, bem como a um poema épico, *Os filhos de Tupã*, que ficaria inacabado devido a sua doença.

A conselho médico, Alencar para por algum tempo de escrever em favor de sua saúde, pois tinha contraído tuberculose. Nos anos seguintes, dedica-se mais à política e chega a assumir o posto mais alto, o de Ministro da Justiça. Mas, para que ele assumisse o cargo, Pedro II teria que indicá-lo e, segundo historiadores, Pedro II não simpatizava muito com Alencar, que teve sua indicação negada. Alencar fica sem o ministério e a senadaria.

Alencar retorna à câmara, como deputado, e passa a ser o centro dos ataques, tanto na política, quanto na literatura, dos aliados de Pedro II. Em 1870, retoma também os romances e, em meio a esses ataques polêmicos, publica a segunda edição de *Iracema* e outros romances de sua autoria.

Em Alencar (2007)⁴³, podemos observar alguns comentários do autor em que ele afirma ter de traduzir em sua própria língua as ideias dos índios, embora fossem rudes e grosseiras, mas era preciso adequá-las às primícias de uma língua que acabara de nascer, não deixando transparecer termos ou frases que, aos olhos do leitor, parecessem naturais na boca do selvagem.

A ideia que temos em relação à língua indígena nos faz entender as normas para a análise da nacionalidade da literatura. Temos aí uma base criteriosa para uma melhor compreensão do verdadeiro estilo poético dos selvagens: o pensamento, as tendências e até mesmo as características circunstanciais de suas vidas, segundo Brasil (1980)⁴⁴.

Segundo Bosi (2005)⁴⁵, os personagens indianistas de José de Alencar são apresentados como verdadeiros heróis de suas próprias regiões, o escritor nacionalista não se limita a apresentar em suas obras documentos com narrativas bem estruturadas, qualificadas, aliando a estas características seu poder criativo, além da própria

⁴³ Idem, 2007.

⁴⁴ BRASIL, Assis. *O Livro de Ouro da Literatura Brasileira*. RJ: Tecnoprint, 1980, p.63.

⁴⁵ BOSI, Alfredo. "Um mito sacrificial: O Indianismo de Alencar". In: *Dialética da Colonização*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

imaginação. Alencar lhes atribui características meigas e agradáveis. São totalmente delicados em seus tratos: mudavam o delinear da fisionomia, a roupagem e até mesmo o cenário. Ainda segundo Bosi, Alencar criava seus personagens imaginários com a maior delicadeza possível, desta forma, o escritor tentava mostrar para seu público leitor o que era realmente o homem brasileiro “nacionalizado”.

Na perspectiva indianista, podemos ver o índio de José de Alencar sob três panoramas: antes do contato com o branco, ou seja, o índio puramente selvagem e com todas as suas características de um bom selvagem; podemos ver também este mesmo personagem civilizado, em meio à convivência cotidiana do branco e, também, um branco convivendo no cotidiano dos índios. Com todos estes atributos, a contribuição de Alencar para com a literatura foi tamanha, que foi considerado o precursor do Romantismo Brasileiro. Conforme Bosi⁴⁶, alcançar um romantismo brasileiro foi difícil e trabalhoso, tendo em vista as tendências europeias, que eram fortíssimas, e que ainda reinavam como fantasmas em meio aos brasileiros. O espírito de renovação do romantismo literário no Brasil era forte, porquanto os escritores brasileiros desta época tinham consciência de identidade e estilo próprio. Portanto, os escritores buscavam novas formas de expressões, temas ligados à natureza, fauna e flora, temas ligados ao indianismo e também ligados à política, ao social e à economia, já que o Brasil estava em fase de crescimento.

O romance *Iracema* foi fundamental na vida literária do autor. Foi uma invenção de Alencar, que ainda subintitulou a obra como *A lenda do Ceará*. A partir daí, as possibilidades de Alencar como escritor passaram a ser reconhecidas, objetivando a nacionalização da nação brasileira. O próprio Alencar atentou para o vocabulário por ele criado e, como exemplo, podemos verificar o significado da palavra *Iracema*, apontado nas notas de rodapé: *Iracema* – em Guarany significa lábios de mel-de ira - mel e tembe – lábios.

Era resistente e sólido o imaginário de Alencar em seus romances. O escritor conhecia seus personagens e sabia como criá-los e idealizá-los e, em muitas partes do romance, podemos perceber que o autor incorporava cada um deles. Sabia o que se

⁴⁶ Idem, 2005.

passava no interior, no sentimento e no psicológico dos mesmos. Diante disso, podemos encontrar em *Iracema* muitas passagens em terceira pessoa. Foi por meio desta brilhante narrativa que Alencar proporcionou aos brasileiros uma grande inovação em relação à língua.

Conforme Bosi (1994)⁴⁷, Alencar introduziu em seus romances novos conhecimentos linguísticos de nossa língua e, podemos dizer mais, foi além de sua imaginação. Este fato lhe proporcionou o uso de um bom número de palavras da Língua Geral do Tupi em suas obras, principalmente em *Iracema*. Alencar deixou registrados os grandes prazeres de nossa terra brasileira, tais como os valores das terras nativas, das matas serranas, dos vales, dos agrestes e das praias selvagens, enfim, o nosso escritor conseguiu manifestar em suas obras as originalidades nacionalistas.

O Romantismo indianista alencariano, em especial o romance *Iracema*, mostrou, pelo relato da lenda, a autonomia cultural brasileira, fortemente marcada por uma civilização indígena anterior.

1.5.3 – A musicalidade do estilo de Alencar

Segundo enunciados de Melo (1972)⁴⁸, ao analisarmos e interpretarmos as narrativas de Alencar, é notável a preciosidade de seu estilo. Alencar preconizava, com louvor, a harmonia, a sonoridade e a suavidade com que eram empregados os termos, dada a importância de seu estilo. Esses fatores nos levam a sentir a presença da música implícita em suas frases. É possível considerarmos esse fator como uma consequência natural de seu talento e vocação poética.

Muitas foram as alterações feitas no texto de *Iracema*, da primeira para a segunda edição, segundo Melo (1972)⁴⁹, para dar mais brilho e clareza e visando a uma melhor sonoridade da frase. “São particularidades de nosso José de Alencar, que não passam despercebidas pelos leitores de suas obras, em particular *Iracema*”⁵⁰. Ele ainda nos afirma que “muitos críticos têm confundido a musicalidade alencariana, como sendo

⁴⁷ BOSI, op.cit., 1994.

⁴⁸ MELO, Gladstone Chaves. *Alencar e a Língua Brasileira*. RJ: Conselho Federal de Cultura, 1972.

⁴⁹ Idem, p.95.

⁵⁰ Idem, ps.96-97.

poesia”, porém Alencar, com seu próprio estilo, ultrapassa seus limites de conhecimentos fazendo desse seu estilo, “um estilo melódico, envolvente e genuinamente brasileiro”.

Nesse contexto, relembremos o que Proença (1966)⁵¹ enunciou:

Seria despautério apresentar Alencar como um modelo atual; o traço oratório dos seus períodos se arcaizou para a estilística do romance atual, se bem haja bastante relativismo na afirmação. Mas são evidentes e inegáveis suas virtudes de ritmo e sonoridade, a multiplicidade de recursos, o bom gosto permanente e vigilante. Colheu sem preconceitos, onde quer lhe apareceram, as jóias para a ornamentação do seu estilo, principalmente sonoro. (...) ele nos dá a impressão imediata e continuada de um visual, mas a estrutura fraseológica, de sonoridade prevalecente (...).

Alencar não titubeou em vitimar a velha gramática europeia, o velho estilo lusitano, valendo-se de sua inspiração musical. Escrevera, realmente, como diz Melo (1972)⁵², “em boa língua portuguesa, em bom espírito nacionalístico, em um bom estilo brasileiro que se transformou, no ponto de vista de muitos críticos, em música alencariana.”

⁵¹ PROENÇA, op.cit., p.69.

⁵² MELO, op.cit., p.105.

CAPÍTULO II

A LÍNGUA EM SUAS PERSPECTIVAS HISTÓRICA E HISTORIOGRÁFICA

2.1 – A língua em sua perspectiva histórica

Como podemos ver, a evolução da língua é singularmente complexa. Sua história não é um esquema preestabelecido que saiu do latim e chegou aos dias de hoje, saltando por cima de várias décadas e séculos. A evolução, como podemos ver em Silva Neto (1970) é

(...) complexa e melindrosa, relacionada com mil e um acidentes, cruzada, recruzada e entrecruzada – porque não representa a evolução de uma coisa feita e acabada, mas as vicissitudes de uma atividade em perpétuo movimento.⁵³

Antes da chegada dos Romanos, a Península Ibérica se encontrava subdividida e com dezenas de tribos das mais variadas origens, que também eram divididas entre si pelo ódio enraizado e intransponível. Os Romanos, levados pelas circunstâncias políticas, dividiram a Península em duas províncias: a *Ulterior* e a *Citerior* e, mais tarde, o povo com mais experiência dividiu a província *Ulterior* em duas regiões: a *Bética*, uma região adiantada que se tornava quase uma segunda Roma, e a *Lusitânia*, região que os Romanos descortinavam pouco a pouco.⁵⁴

Pouco tempo depois, os Romanos, com suas habilidades, incorporam o limite da *Lusitânia* à *Citerior*, sem modificá-las ou alterá-las profundamente, porquanto poderia provocar protestos e complicações, sobretudo administrativos, assim, respeitaram as subdivisões, que eram unidades ainda mais precisas, quer pela configuração geográfica, quer pela constituição étnica.⁵⁵

⁵³ SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa. Apresentação de Celso Cunha. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970, p.52.

⁵⁴ Idem, 1970, p.52-61.

⁵⁵ Idem, 1970, p.26.

Diante disso, os Romanos buscavam um argumento das tribos para dominá-las e administrá-las melhor, visto que possuíam uma força de poder irresistível que, em pouco tempo, obtinham resultados extraordinários.

2.2 – A interdisciplinaridade Linguística e História

A concepção de língua enquanto produto histórico-social implica, particularmente, na dimensão do homem, enquanto ser falante de uma língua e que ocupa um espaço no universo, dentro do contexto da Antropologia Filosófica, ou seja, o homem enquanto ser histórico delimitado no tempo e no espaço e que se revela e revela a realidade do universo diante da linguagem. Assim, a Historiografia Linguística integra um universo de ciências da área do conhecimento humano, que tem a língua como objeto principal, pois relaciona a história com a realidade social. Dessa forma, segundo Nascimento (2005)⁵⁶, essas áreas de conhecimento, embora

se rotulem diferentemente, apresentem perspectivas, princípios, características e procedimentos diferentes, assumam como eixo comum a língua e sua vinculação com fatores históricos e socioculturais, não se opõem, não se mostram estanques, tampouco se apresentam hierarquicamente ordenadas. Em outras palavras, elas se distinguem por singularizarem um modo específico de tratamento da língua. (...) O fato de essas ciências terem um mesmo fio condutor leva-nos a compreender não somente os processos que permeiam uma abordagem histórica da língua, mas também aponta-nos a complexidade dos estudos historiográficos.

Um olhar particular inovador e um grau de importância superior foram dados à Linguística quando de seu surgimento. Da mesma forma, à História. Assim sendo, o estudo da língua para os pesquisadores se tornou mais amplo, peça chave para o estudo da interdisciplinaridade e com novas metodologias de investigação. A Historiografia Linguística (HL daqui para frente) torna-se produto histórico-social, tendo em vista duas áreas distintas de conhecimento: a da Linguística e a da História, que estão entrelaçadas entre si e entre outras áreas do conhecimento humano. Para Kuhn (2007)⁵⁷, são paradigmas a serem derrubados: novas transições, novas tendências, novas descobertas e novos conhecimentos. Uma área para a qual não era dada a devida importância, que veio com finalidade, no limiar dos acontecimentos científicos, de

⁵⁶ NASCIMENTO, Jarbas Vargas (org.). *Historiografia Linguística: Rumos Possíveis*. São Paulo: Pulsar, 2005, p.12.

⁵⁷ KHUN, Thomas. S. *A estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

estudar o antigo, transformando-o ou substituindo-o por algo novo – um paradigma antigo que transita para um novo.

Em Nascimento (2002)⁵⁸, podemos observar que:

É importante afirmar que, pela HL, enquanto impulsionadora de atividade de engajamento investigativa de amplitude pluridisciplinar, podemos conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser sócio-histórico, capaz de apreender o que está materializado no documento e, por, sua experiência atual, reconhecer melhor os elementos da realidade passada e compreender mais profundamente a si mesmo, a realidade em que vive e programar-se para o futuro.

Dessa forma, a interdisciplinaridade se insere no diálogo reflexivo entre as ciências que estabelecem correlações. É neste âmbito que a HL reestabelece o passado que se instala em documentos escritos, por meio de descrições da língua que se modificaram com o tempo. Essas modificações decorrem de mudanças na sociedade e no homem que utiliza a língua como meio de interação. Nessa linha de discussão, Silva Neto (1950)⁵⁹ diz que:

A língua é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigado a prosseguir na sua trajetória, de acordo com leis determinadas, por que as línguas seguem o destino de quem as fala, são o que delas fazem as sociedades que as empregam.

Desde então, percebemos que o diálogo da HL, em especial, com a Filosofia, a Antropologia Filosófica e a História é produtivo. Segundo Kuhn (2007)⁶⁰, “o universo apresenta infinitas variedades de fenômenos a serem estudados e separar qualquer destes fenômenos de tudo aquilo que está relacionado é cometer um ato de abstração”, ou seja, a interdisciplinaridade se resume em coisas que estão ligadas em sua essência. Separá-las, segundo Nascimento (2005)⁶¹, consiste em fato de isolamento, pois a reciprocidade das mesmas é unânime.

⁵⁸ NASCIMENTO, Jarbas Vargas. *Bases Teórico-Metodológicas da Historiografia Linguística*. São Paulo: PUC/SP, 2002, p.3. Mimeografado

⁵⁹ SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950, p.16.

⁶⁰ KUHN, op.cit., p.175.

⁶¹ NASCIMENTO, 2005, op.cit.

2.3 – A Historiografia Linguística: concepção e princípio

A HL, na atualidade, é a forma como os pesquisadores da língua trazem para o presente fatos históricos da língua. Reescrevem-nos assim, por meio de princípios científicos, sem nenhum tipo de alteração. Esses princípios são apontados por Konrad Koerner (1995, 1996)⁶².

Entendemos, portanto, que nenhuma área de conhecimento científico possa ser estudada isoladamente, haja vista a relação de reciprocidade da HL e da História, que estabelece relações interdisciplinares entre ambas, o que compreende, segundo Nascimento (2005)⁶³, um estudo mais profundo no âmbito sócio-cultural dos estudos linguísticos.

O estudo interdisciplinar para os pesquisadores da nossa língua passa a ter aspectos da HL, na medida em que as práticas sociais se atualizam, favorecendo um contato entre as disciplinas mais próximas, resultando na conservação de suas particularidades. Neste sentido, Nascimento (2002)⁶⁴ afirma que:

É importante afirmar que, pela HL, enquanto impulsionadora de atividade de engajamento investigativa de amplitude pluridisciplinar, podemos conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser sócio-histórico, capaz de depreender o que está materializado no documento e, por sua experiência atual, reconhecer melhor os elementos da realidade passada e compreender mais profundamente a si mesmo, a realidade em que vive e programar-se para o futuro.

No processo hermenêutico, o pesquisador historiográfico precisa de ferramentas para ajudá-lo na interpretação de textos antigos, trazendo-os para a atualidade, de forma original, sem que não obtenha erros equívocos, valendo-se do fator sócio-cultural. Assim, conforme Nascimento (2002)⁶⁵, a HL veio como peça fundamental para este processo, para que não haja ideias sem fundamentos e com estudos ricos e profundos, objetivando, sobretudo, às transformações e regularidades da língua, de forma concisa.

⁶² KOERNER, Konrad. *Professing Linguistic Historiography*. John Benjamin Amsterdam/Philadelphia, 1995 e KOERNER, Konrad. *Questões que persistem em Historiografia Linguísticas*. Revista da Anpoll, número 2, p 45 – 70, trad. Cristina Altman, 1996.

⁶³ NASCIMENTO, 2005, op.cit.

⁶⁴ NASCIMENTO, 2002, op.cit., p.3.

⁶⁵ Idem, 2002.

O processo de transição e de revolução científica são conceitos de Kuhn (2007)⁶⁶, para o termo paradigma que, como já foi dito, segundo o autor,

são considerados revoluções científicas aqueles episódios de desenvolvimento não-cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior. (...) Contudo, o homem que luta para resolver um problema definido pelo conhecimento e pela técnica existentes não se limita simplesmente a olhar à sua volta. Sabe o que quer alcançar; concebe seus instrumentos e dirige seus pensamentos de acordo com seus objetivos.

Podemos observar, então, que a interdisciplinaridade surgiu em meio a essas transformações e, para não haver, em um documento, divergências em relação ao original, a HL estabeleceu o agrupamento de outras áreas do conhecimento científico, que tratam diretamente do homem, assim como a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia, constituindo um procedimento pluridisciplinar de análise que solicita, segundo K. Koerner (1996)⁶⁷, “grande demanda de preparo intelectual, amplitude de escopo e profundidade de saber, exigindo um conhecimento quase enciclopédico da parte do pesquisador, dada a natureza pluridisciplinar desta atividade”. Esses fatores farão com que a HL dê conta de seus objetivos dentro do estudo da língua, que é um fator de interação social nas particularidades de seu desenvolvimento, desde o latim, até a atualidade. Dessa forma, a interdisciplinaridade tem sido importante e valorizada pelos pesquisadores.

O pesquisador da língua precisa entender que a língua é um objeto de interação do homem, criado por ele mesmo e que seu estudo deve ser de forma ampla, não se prendendo ao básico, devendo ele ter, portanto, um conhecimento prévio do contexto intelectual para a interpretação do documento, para que o estudo científico historiográfico seja claro e preciso.

Diante desse processo, para o estudo língua, Koerner, em suas apreciações, sugere que, após exercício de procedimentos metalinguísticos, o historiógrafo da língua trabalhe com três princípios, objetivando trazer à atualidade os textos históricos: o passado em relação ao próprio passado e, também, em relação ao presente, conseqüentemente, o resultado da pesquisa de um historiógrafo dentro desses

⁶⁶ KUHN, op.cit., p.125 e 130.

⁶⁷ KOERNER, 1996, op.cit., p.36.

procedimentos se limitará à preocupação das influências implícitas ou explícitas no momento de pesquisa do documento. Dessa forma, o resultado da da interpretação do documento histórico recai sobre as informações do presente, com as atualizações do momento.

- a) **Princípio da contextualização** – consiste em levantar e resgatar o clima de opinião da época em que o documento foi produzido, remontando o seu contexto histórico-cultural, as concepções linguísticas, sócio-econômicas e políticas. Por esse princípio, o pesquisador precisa entender e identificar as possíveis influências sobre o documento e estar atento ao editor, capa, tiragem, prefácio, introdução e sumário. Todos esses elementos, entre outros, servem de referência para que o historiógrafo relacione as referências e atribua sentidos ao documento.

No que se refere a nosso corpus, o princípio da contextualização permite reconstituir todo o quadro linguístico da época, no entanto as informações resgatadas tratam-se da desintegração do Império do Brasil. Alencar estava atento às mudanças nas relações sócio-culturais estremecidas pelo nacionalismo, por outro lado, o escritor brasileiro tinha seu idioma próprio decorrente da língua portuguesa falada no Brasil, por conseguinte ele buscava a nacionalização do idioma. Por essa razão, o historiógrafo da língua pode reconstituir este quadro dentro do princípio da contextualização. Alencar usa ideias próprias, alegando que *só o povo tem a força de transformar uma língua, modificar sua índole, criar novas formas de fazer.* (Pimentel, 1986)⁶⁸.

- b) **Princípio da imanência** – consiste no levantamento de informações e na compreensão total do documento no que diz respeito às teorias linguísticas e históricas em circulação da época. O historiógrafo da língua apreende o passado e não intervém nas concepções, dados e terminologias atuais durante o processo de interpretação.

O princípio da imanência tem como objetivo restaurar e possibilitar a compreensão do documento e, juntamente com o princípio de contextualização, aparece

⁶⁸ PIMENTEL PINTO, E. *A Língua Escrita no Brasil*. SP: Ática, 1986, p.74..

como uma linha segura de interpretação historiográfica. Nessa perspectiva, entendemos que, pelo princípio da imanência, a obra *Iracema* pôde mostrar como Alencar compreendeu a história e o fluxo de seus próprios leitores e, ainda, mostrar a complexidade da linguagem usada em sua obra, não somente do ponto de vista da tematização, mas também, e especialmente, do ponto de vista estético-linguístico.

- c) ***Princípio de adequação teórica*** – trata-se da possibilidade que o historiador da língua tem para reatualizar o documento de forma a aproximá-lo das teorias e ideias atuais. Por esse princípio, torna-se possível a atividade hermenêutica, realçando os fatos do passado, mediados pelas preocupações do presente, para torná-los, na atualidade, socialmente úteis e necessários ao homem moderno.

A sociedade brasileira procurava a conscientização cultural solidificada da nação brasileira, uma vez que tinha consciência da sua independência e que podia tornar seus ideais firmes e estáveis, portanto, buscava a própria identidade, tanto na política, quanto na economia, no social e, também, na linguística. Acreditamos que o historiógrafo da língua brasileira buscava registros materializados na língua portuguesa em uso no Brasil no século XIX, mais precisamente no decorrer da segunda metade do século. Esse estilo inovador foi levantado pelo movimento romântico liderado por José de Alencar, em virtude do sentimento patriótico, que buscava a elevação da cultura nacional. Dessa forma, podemos observar esse registro em Melo (1972)⁶⁹:

Por efeito da independência política, o povo brasileiro toma consciência de sua existência como um todo nacional, já acentuadamente diverso do português. Nasce daí um anseio por literatura própria, anseio que se realiza integralmente quando surge, na língua literária, um estilo brasileiro.

2.4 – A noção do documento em Historiografia Linguística

Segundo Nascimento (2005)⁷⁰, existem probabilidades de que o documento em H.L. se caracterize como um lugar onde estão representadas diferentes visões de mundo que se fundem. Assim sendo, o argumento que o influencia, engloba não somente uma

⁶⁹ MELO, Gladstone Chaves. Alencar e a Língua Brasileira. RJ: Conselho Federal de Cultura, 1972, p.75.

⁷⁰ NASCIMENTO, 2005, op.cit.

análise historiográfica desse documento, mas, também, o contexto sociocultural, marcado por fatores implícitos e explícitos vivenciados pelo escritor no momento da elaboração do documento, ou seja, o conhecimento de mundo do escritor lhe proporcionará a produção do texto.

O historiógrafo, ao interpretar um texto, pode encontrar muitas contradições e/ou convergências, mesmo se valendo de suas experiências individuais, sociais e, também, de um conhecimento amplo que deverá ter para proceder estas investigações. O pesquisador buscará sua própria interpretação, mantendo uma posição de diálogo, uma vez que a maioria dos textos ora analisados trazem influências, tornando-se quase impossível a sua identificação. Esses fatores são decisivos para essa análise, dificultando uma possível interferência no processo de descrição e explicação dos fatos histórico-linguísticos e, conseqüentemente, trará ao historiógrafo da língua uma grande extensão e amplitude de observação.

Ainda segundo Nascimento (2005)⁷¹, não são do nosso conhecimento as predominâncias existentes em um documento histórico-linguístico, no entanto, quando estas se evidenciam, enquanto escritas, recheadas de suas influências, modificadas e transformadas no decorrer de longas décadas e, porque não dizer, de séculos, haverá então a necessidade de explorar métodos linguísticos de manifestações da época. Assim, Nascimento (2005)⁷² propõe esclarecimentos melhores e mais específicos para essa questão, dizendo que:

(...) o documento é uma composição que resulta das relações de múltiplas influências em circulação fora e dentro dele, as quais, historicamente, se bifurcam, condensam-se e se sustentam por uma atitude de assimilação consciente ou não do autor. (...) o documento se organiza, antes de tudo, no âmbito cultural de uma sociedade e, como tal, pressupõe um conjunto de influências que são compartilhados pelo grupo social.

No século XIX, surgem várias discussões provenientes do espírito nacionalista, relativas ao português europeu. Portanto, dentre vários documentos que surgiram nesta época, privilegiamos aqueles escritos por Pinheiro Chagas e Antônio Henriques Leal, a propósito do romance de *Iracema*, segunda edição, do escritor brasileiro José de Alencar.

⁷¹ Idem, 2005.

⁷² Idem, 2005, p.25.

Estes autores levantaram polêmicas em relação ao novo estilo de Alencar, portanto representam fontes históricas acessíveis no contexto sociocultural e linguístico da época da produção. Desta forma, podemos afirmar que os textos polêmicos desses críticos se constituem em documentos verdadeiros, legítimos e dignos de fé, como fonte histórico-linguística, que se introduzem categoricamente no rol dos documentos da História do Brasil.

2.5 - A polêmica: José de Alencar – Pinheiro Chagas e Antônio Henriques Leal

O século XIX é considerado, segundo Rémonde (1974)⁷³, um século revolucionário. No Brasil, ficou também marcado por polêmicas literárias. José de Alencar teve participação assídua e direta nas polêmicas mais salientes do período, desde *Cartas sobre a Confederação dos Tamóios*, envolvendo-se em debates e críticas em defesa de uma literatura de origem nacionalista, que estava em processo de formação. Todavia essas críticas, segundo Abreu (2003)⁷⁴, serviriam de consolo ao público e ao escritor, considerando o propósito de consolidação da língua nacional.

Pinheiro Chagas, escritor português do século XIX, considerou o romance *Iracema*, de José de Alencar, muito fraco linguisticamente, pois diante da tamanha formosura que a terra brasileira apresentava, o escritor brasileiro realçou em sua obra os tipos: “Iracema, a virgem Tabajara, a virgem dos lábios de mel, é a cândida e meiga irmã da Flor dos Bosques e da Estrela da Manhã e de Orvalho de Junho, essas famosas criações do grande escritor dos Estados Unidos”⁷⁵. Logo após essas observações, o crítico português expôs todas as suas críticas no artigo “Literatura Brasileira/José de Alencar – edição do centenário de *Iracema*”. Essas críticas de Pinheiro Chagas e a resposta de Alencar geraram dois estudos do escritor brasileiro Antônio Henriques Leal: “A Literatura Brasileira Contemporânea”⁷⁶ e “Questão Filológica”⁷⁷, ambos publicados em 1874.

⁷³ RÉMOND, René. *O Século XIX (1815/1914)*. Introdução à história de nosso tempo, 2º vol. 2ª Ed. Trad. Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 1974.

⁷⁴ ABREU, Mirhiane Mendes. *Ao pé da página – a Dupla Narrativa em José de Alencar*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp SP, 2003. Mimeografado.

⁷⁵ CHAGAS, Pinheiro. “Literatura Brasileiro – José de Alencar” IN: ALENCAR, J. *Iracema*. Edição do Centenário. RJ: José Olympio, 1965.

⁷⁶ LEAL, A. H. “A Literatura Brasileira Contemporânea”. IN: ALENCAR, J. 1965, op.cit.

⁷⁷ LEAL, A.H. “Questão Filológica, In: ALENCAR, José, 1965, op.cit.”

O Brasil já se considerava independente, porém, nesse artigo, Pinheiro Chagas deixa claro que até aquele instante não tinha visto realmente uma literatura nacional, ou seja, o Brasil, como nação moderna – filha da Europa – não tinha ainda uma característica própria que se refletisse na literatura. Segundo o crítico “uma literatura nacional é aquela em que se reflete o caráter de um povo, dando vida às crenças e tradições”⁷⁸. Os escritores brasileiros já deveriam ter alcançado um bom grau de desenvolvimento da civilização, assim como os Estados Unidos, pois tinham “a mina riquíssima, donde podem arrancar diamantes literários, tão fulgurantes como as pedras preciosas que resplandecem por entre as areias de Tejuco”⁷⁹, porém os poetas modernos das florestas nativas do Novo Mundo estavam ainda impregnados das amarras tradicionais dos modelos primitivos intelectuais americanos. A propósito dessas observações de Pinheiro Chagas, assim prosseguem suas críticas:

As nações americanas, se quiserem verdadeiramente fazer ato de independência e entrar no mundo de países que tem nobreza, devem esquecer-se um pouco da metrópole européia, impregnar-se nos aromas do seu solo, proclamar-se filhas adotivas, sim, mas filhas ternas e amantes das florestas do Novo Mundo, e aceitar as tradições dos primeiros povoadores, que os seus antepassados bárbaro e impoliticamente expulsaram da pátria, por onde vagueavam em pleno gozo da liberdade selvagem. Na poesia desses povos primitivos está a inspiração verdadeira que deve dar originalidade e seiva à literatura americana.⁸⁰

Este comportamento, segundo Abreu (2005)⁸¹, já estava presente em Alencar quando produziu sua obra *Iracema*. Pinheiro Chagas, neste artigo, traz-nos comentários de que determinado jornal em circulação na época no Rio de Janeiro já havia criticado os exuberantes neologismos de Alencar como imperfeição da língua e afirmava que se manifestavam como assiduidade em todos os livros brasileiros: “a falta de correção na linguagem portuguesa, ou antes, a mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português, por meio de neologismos arrojados e injustificáveis e de más insubordinações gramaticais”⁸². O crítico português acrescenta ainda que esta linguagem não seria nova, mas uma corrupção da gramática pelo vício, ou seja,

(...) o desprezo das regras mais elementares da filologia (...). O nível da linguagem eleva-se, não se abaixa (...). Os sábios enriquecem um idioma, só

⁷⁸ CHAGAS, op.cit.

⁷⁹ LEAL, op.cit.

⁸⁰ CHAGAS, op.cit.

⁸¹ ABREU, op.cit.

⁸² LEAL, op.cit., p.208.

o povo o transforma. As formas gramaticais não se alteram a bel-prazer dos escritores; a índole duma língua não são eles que a modificam por decreto. As línguas transformam-se corrompendo-se, enquanto a fonte de renascimento é vício e vício fatal. Ora, neste caso, ou nós estamos corrompendo o idioma, ou os escritores brasileiros o corrompem.⁸³

Um pouco mais conciso e enérgico que Pinheiro Chagas, Antônio Henriques Leal elogia a produção de Alencar, porém lamenta a falta de dedicação do romancista em relação à língua, que seria a matéria-prima da literatura nacional, o que provocou respostas do escritor brasileiro em posfácio da segunda edição de *Iracema*. Assim, dentro do quadro desse discurso, diz o autor Antônio H Leal:

O Sr. Conselheiro José de Alencar, publicista distinto, que, ainda há pouco, foi ministro da Justiça, tem conquistado por seu engenho e pelo conceber inesgotável, florantes loiros em todas as carreiras. É ele por igual publicista, poeta, romancista, dramaturgo e orador. Ativo e fértil em produzir, nem por isso cansa-se a sua imaginação ou afrouxa-se-lhe o pincel. Basta citar seus romances: Guarani, Minas de Prata, Iracema, Gaúcho, Pata de Gazela, Tronco do Ipê, Til, todos nacionais e modelados pelo Derradeiro Moicano e Lago Ontário, de Fenimore Cooper, para se fazer uma idéia aproximada da fecundidade deste grande talento. Avantaja-se ele aos mais na originalidade das imagens, na pintura das cenas de nossa natureza. Já li também dele amostra de poema nacional – Os de filhos Tupã – que a continuar e terminar no elevado e majestoso ponto em que está debuxado esse fragmento, promete vida longa e próspera.⁸⁴

As ofensas de Antônio H Leal quanto ao estilo descuidado e frouxo de Alencar foram tomadas como graves. Assim, Alencar replicou-se nas páginas “Pós-escrito” de sua obra *Iracema*. Segundo Alencar (2007)⁸⁵, seu anseio era o de contribuir com a eficácia da estética e com a formação da literatura brasileira. Em tréplica, no artigo “Questão Filológica”, deixa claro que recebeu uma proposta vinda de Alencar para uma análise da literatura do romancista brasileiro – *Iracema* – para que viesse a ser publicada no jornal corrente da época, porém o crítico a rejeita, contestando ser um livro cheio de incorreções e que seria de tamanha responsabilidade de quem viesse a análise, pois era de seu conhecimento “os irritadiços melindres do autor”⁸⁶ e que estes defeitos poderiam ser provenientes da ausência de uma crítica literária bem esclarecedora, independente da aceitação dos leitores. O esclarecimento de tais neologismos e com vários sinônimos em

⁸³ Idem.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ ALENCAR, 2007, op.cit.

⁸⁶ LEAL, op.cit.

que o leitor pudesse escolher o significado de cada palavra poderia desenvolver uma nova língua de uma nação recém independente, e sem ela “*os vícios e as más tendências crescem, bracejam e suas raízes afundam-se passando despercebidas e derrancando o gosto*”⁸⁷.

Quanto ao estilo frouxo e incorreto, Antonio Henriques Leal contesta ter se referido aos clássicos, mas sustenta a sua opinião de que um bom escritor deveria imitar sim, mas “com elegância e energia em linguagem vernácula e estilo tenso”⁸⁸. E acrescenta mais:

Sabe onde estão o estilo frouxo e as incorreções gramaticais da frase? Estão na má construção e urdidura irregular do período, na imperfeição e no incompleto dele, na impropriedade dos termos, na colocação abstrusa dos membros da oração, das palavras, dos complementos e das preposições contrárias à ação e ao que pedem os verbos, finalmente na anfibologia, nos neologismos escusados e opostos à índole da língua, na pontuação irregular, nas repetições ociosas, na falta de concisão, etc. A ausência destes e outros predicados, que são os nervos do estilo, afrouxam-no, o entorpecem e tiram-lhe toda a louçania, elegância e energia⁸⁹.

Para o crítico Antonio H Leal, as frases, no romance, consideradas por ele como sendo um descuido de ambigüidade, ou ainda, frases supérfluas, são apenas uma suposta diferença entre a língua do Brasil e a de Portugal. Para ele, progressos da humanidade e inclusão de palavras novas no léxico seriam aceitáveis, mas não transformar a língua por intermédio de um escritor e esses neologismos serviriam apenas para tornar a frase “menos expressiva, sem elegância, sem deturpá-la”⁹⁰.

Ao longo de sua tréplica, o crítico Antonio Henriques H Leal faz referências aos romancistas americanos, quanto ao purismo que ainda permanecia e aconselha o romancista brasileiro que era preciso aplicar “um estudo da boa linguagem”⁹¹, para evitar o que ele considera deformações da língua portuguesa. E reitera-se mais uma vez:

Deixemos, pois, de vez essa monotonia de criar um idioma brasileiro [...]. Estudemo-la, em comum, portugueses e brasileiros, e tratemos todos de

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Idem.

desarraigar dela tantas parasitas que a vão enfraquecendo, disformando e esgotando-lhe a seiva da vida, de modo a torná-la ainda um cadáver⁹².

Segundo Abreu (2002)⁹³, o tema e destaque que foi concedido às obras alencarianas pelo próprio Alencar, foi um estilo próprio do autor, objetivando uma identidade da língua brasileira na singularidade de um idioma. Objetivava também uma maior aproximação dos leitores aos elementos da natureza e as críticas feitas às obras de Alencar contestavam esse projeto de inovação do escritor e autor brasileiro. Os críticos Pinheiro Chagas e Antonio H Leal questionam esses importantes elementos, que iriam presidir a formação da literatura brasileira do romancista.

⁹² Idem.

⁹³ ABREU, op.cit.

CAPÍTULO III

A IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA

ANÁLISE

3.1. Perspectiva da análise

Neste capítulo, apresentamos a análise das marcas linguísticas e lexicais em *Iracema*, de José de Alencar, segunda edição, publicada em 1865, que configuram a língua em uso no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Por essa análise, será possível reconhecer as características fundamentais das expressões brasileiras em uso nessa época e a sua relação com o contexto histórico-cultural, que colocou em evidência a identidade brasileira, repercutindo a própria identidade linguística.

Alencar teve um público receptivo. Esse fato foi relevante para o escritor brasileiro, pois a posição de Alencar e a receptividade de seus leitores foram determinantes para que a produção literária brasileira viesse a ser encarada como veículo de expressão e sensibilidade nacional, manifestos como ato de brasilidade. Dessa forma, a expressão linguística de Alencar e de outros escritores nacionalistas da sua época traduziram uma identidade cultural brasileira, porém criticada pelos portugueses, que ignoravam o neologismo, a sintaxe e o léxico em uso nas obras de Alencar, ou seja, criticavam a originalidade da variante brasileira.

Nessa época, o Brasil foi tomado por grandes ideais de liberdade, impulsionando a nação à independência político-econômico-cultural. Nesse contexto, surgiram inúmeras discussões e debates em torno da nacionalização da língua em uso no Brasil, que já apresentava mudanças em relação à língua portuguesa de Portugal.

Vale a pena lembrar que a questão da divergência das duas variantes – portuguesa e brasileira – eram percebidas mais em desvios gramaticais do que na organização linguística, embora vestígios de vocábulos adquiridos com o africano e com o índio se fizessem presentes no uso da variante brasileira. Essas particularidades do

português usadas no Brasil eram consideradas *erros* de acordo com a variante europeia, mas para os brasileiros esses *erros* funcionavam como espelhos que refletiam o surgimento de uma variante nacional.

Nesse sentido é que este trabalho se organiza, já que examinamos as marcas lexicais e sintáticas que configuraram a língua portuguesa em uso no Brasil, considerando o contexto histórico-social da época.

3.2 – *Iracema*: O enredo

No romance *Iracema*, há, de forma quase poética, segundo Proença (1966)⁹⁴, uma história de amor de um homem branco, Martim Soares Moreno, por Iracema, a virgem dos lábios de mel, de cabelos tão escuros como a asa da graúna e, a partir desse amor, a história das origens da terra natal do autor.

A história de *Iracema* começa com um guerreiro português, Martim, perdido na mata. Em dado momento, ele se depara, por acaso, com uma linda índia da tribo dos Tabajaras. Assustada, ela reage e, por impulso, o flecha. Antes que Martim reagisse, a índia o socorre e o leva até a cabana de seu pai, o pajé da tribo. O pajé recebe o guerreiro português como hóspede em suas terras.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, cabelos longos e negros como a asa da graúna, tinha um segredo: era consagrada ao Deus Tupã. Sua função religiosa lhe custava um preço, sua virgindade, porém sua beleza encantou o guerreiro português. A linda índia, com sua pele morena, ministrava aos guerreiros, em ocasiões especiais, o vinho da jurema, uma droga alucinógena consumida ritualmente pela tribo. Segundo a lenda, Iracema teria que permanecer virgem, caso contrário, morreria.

Apesar de sua condição, Iracema passou a ser perseguida pelos olhares fascinantes de Martim. Ela revelou-lhe seu segredo, mas não se intimidou: passou a envolver o guerreiro com seus olhos negros. Martim tem medo de seu segredo, mas a índia não se detém, cingi-se deste amor ardente.

⁹⁴ PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *José de Alencar na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.47.

Os Tabajaras passam a perseguir Martim, pois se sentem traídos pelo casal. Martim vai embora e leva consigo a doce Iracema e Poti. Os mesmos são socorridos pelos Pitiguaras, índios inimigos dos Tabajaras e aliados dos portugueses. Pouco tempo depois, as tribos rivais entram em combate e Iracema fica do lado de Martim. Assim, vê seu povo derrotado e a morte de seus irmãos. Assiste a todos esses rituais contra seu povo.

O casal passa a viver nas terras dos Pitiguaras. Iracema tem a certeza de que não terá um final feliz, pois traíra o segredo da jurema: iria morrer. Após seu esposo e seu irmão saírem em combate com outros guerreiros rivais por longos dias, desolada e infeliz, dá à luz a seu filho Moacir. Quando do momento da amamentação, a jovem mãe não consegue, pois se encontrava muito debilitada. Sentia-se sozinha, desamparada, longe do seu povo, de seu esposo e de seu irmão Poti. Suas forças eram poucas, até mesmo para se alimentar seu filho.

Iracema tinha apenas a companhia da Jandaia, que cantava e chamava pelo seu nome, no alto da palmeira. Martim e Poti chegam, mas já era tarde. Os olhos de Iracema encontram os olhos do amado e, naquele momento, o guerreiro envolve a esposa em seus braços, toma a criança em suas mãos e vê Iracema falecer. Martim se sente desolado, pois não havia mais o que fazer. Terminara ali a grande história de amor vivida por eles.

Martim parte para sua terra levando o filho consigo. Quatro anos mais tarde volta, juntamente com o filho e visita o local onde o corpo da amada fora enterrado. A jandaia, que outrora cantava alegre no alto da palmeira, ainda estava lá. Seu canto era triste e não chamava mais por Iracema.

Iracema foi uma mulher determinada e, para dar vida a esse grande amor, deixou sua família e viu seus irmãos morrerem na guerra de tribos rivais e, com emoção, Martim, quando volta, revive seu passado. Lembra-se dos momentos e lugares em que fora feliz ao lado da formosa filha dos Tabajaras. Visita também o lugar onde dorme Iracema e observa com saudades as verdes folhas das grandes árvores que fazem sombra e escondem a preciosidade das tribos dos Tabajaras.

3.3 – *Iracema* de José de Alencar: apresentação da obra

Um dos mais belos romances da literatura brasileira, *Iracema* é considerado por muitos escritores, dentre eles Machado de Assis, “um poema em prosa, que não é destinado a cantar lutas heróicas, nem cabos-de-guerra”⁹⁵. José de Alencar conta a trágica história de uma bela índia apaixonada por um guerreiro branco, no ritmo e imagens de um poema.

Nessa obra, podemos observar que o autor, segundo Machado de Assis⁹⁶, demonstra ter atingido um grau elevado de sua maturidade em relação aos temas indianistas, tendo em vista a estrutura do ponto de vista estético. É um exemplo de perfeição em prosa poética de nossa ficção romântica do nacionalismo ufanista e indianista, que levou Alencar a contribuir com a construção da literatura e da cultura brasileira.

Publicado em 1865, em pouco tempo, agradou tanto aos leitores quanto aos críticos da época, como Machado de Assis, que ainda era jovem - tinha apenas 27 anos. Ele deixou um depoimento no Diário do Rio de Janeiro, em 1866, sobre *Iracema*:

Tal é o livro do Sr. José de Alencar, fruto do estudo e da meditação, escrito com sentimento e consciência... Há de viver este livro, tem em si as forças que resistem ao tempo, e dão plena fiança de futuro... Espera-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance: o futuro chamar-lhe-á obra-prima⁹⁷.

Segundo Proença (1966)⁹⁸, Alencar narra, em *Iracema*, a história da fundação do seu Estado, o Ceará, e o ódio existente entre duas tribos inimigas: Tabajaras e Pitiguaras. Os Tabajaras habitavam o interior do Ceará e eram aliados dos Franceses e os Pitiguaras viviam no litoral cearense e eram amigos dos portugueses.

Para retratar a rixa entre essas duas tribos, como fatos circunstanciais históricos, o autor se utiliza de personagens reais, como Martim Soares Moreno e o índio Poti,

⁹⁵ ALENCAR, José. *Iracema e os Contemporâneos* – edição do centenário de *Iracema*: textos críticos e teóricos. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p.189.

⁹⁶ Idem, p.187.

⁹⁷ Idem, p.194.

⁹⁸ PROENÇA, op.cit.

cingindo-os de fertilidade, tendo em vista a sua própria imaginação, cercada de um lirismo próprio da poesia romântica brasileira.

Alencar era leitor confesso de Chateaubriand. Segundo Proença (1966)⁹⁹, é possível haver influência dessa leitura em *Iracema*, quando trata do tema da felicidade primitiva dos selvagens, que começa a se corromper diante da primeira aproximação do civilizado: a ideia do bom selvagem, o amor da heroína, o exótico da paisagem, a velha civilização europeia e, por fim, o nascimento do Novo Mundo da América.

Foco narrativo: nesse romance, encontramos um narrador observador, em terceira pessoa, ou seja, um narrador que caracteriza as personagens através do que se pode observar dos seus sentimentos e de seu comportamento. Entretanto, o narrador não se apresenta apenas como observador. Podemos perceber, na obra, adjetivos que nos revelam a apreciação e a admiração do autor no que se refere à natureza e à personagem Iracema. Em alguns momentos, o narrador se revela em primeira pessoa: “o sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu ou uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci”¹⁰⁰.

A heroína idealizada – Iracema é filha de Araquém, o pajé da tribo de Tabajara, e deve manter-se virgem, porque guarda o segredo da jurema e o mistério do sonho. Sua mãe fabrica para o Pajé a bebida de Tupã.

No segundo capítulo, encontramos o momento em que Martim encontra Iracema. Um momento único, em que é revelada a idealização romântica em seu grau mais elevado:

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da grana e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem... O pé grácil e nu.¹⁰¹

Observa-se, no trecho citado, a pureza de Iracema, através das características que o autor lhe atribui. Podemos perceber que o autor, seguidas vezes, compara sua

⁹⁹ PROENÇA, op.cit., p.214.

¹⁰⁰ ALENCAR, José de. *Iracema*. Apresentação de Paulo Franchetti. Notas e comentários de Leila Guenther. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2007, p.96-100.

¹⁰¹ Idem, p.99.

personagem à fértil natureza brasileira: lábios de mel, cabelos negros como a asa da graúna, talhe de palmeira. O narrador chega a demonstrar paixão por sua personagem, porém apresenta os fatos em terceira pessoa e, também, representa-a com exatidão e como a mais perfeita das maravilhas do seu estado cearense nacionalista. A índia de pele morena é, portanto, muito mais que uma mulher: destemida, virtuosa, com hábitos dispostos para o bem e para o que é justo, enfim, uma mulher que, de tanta grandiosidade, não anda, flutua. Toda natureza rende-lhe homenagens. Iracema é considerada o próprio espírito heroico harmonioso das matas virgens brasileira.

O conflito: na obra, o conflito está centralizado no fato de o guerreiro Irapuã começar a perceber toda a trama amorosa e, enciumado, ameaçar e perseguir Martim. O espírito de guerra começa a fazer parte dos pensamentos e sentimentos do guerreiro, que passa a querer invadir a cabana de Araquém, porém Martim se sente protegido por Iracema e por seu irmão Poti, que sempre está do lado dela. Irapuã quer matar o guerreiro branco. Araquém percebe o que está por vir e, logo, adverte que aquele que confrontar e matar o guerreiro branco terá o castigo de Tupã. Mesmo assim, sem receio algum, Irapuã, juntamente com seus guerreiros, cerca a cabana e, nesse momento, Martim é protegido por Poti.

A fuga: Iracema planeja a fuga do amado. Encontra Poti, que está próximo à aldeia dos Tabajaras e, juntos, traçam um plano para salvar Martim. No momento em que os guerreiros Tabajaras se preparam para a guerra com os Pitiguaras, o vinho lhes é servido pelas mãos de Iracema e, enquanto os guerreiros deliram, a índia Tabajara leva Poti e Martim para longe da aldeia. Em terras Pitiguaras, Iracema revela para Martim que já é sua esposa, portanto deve segui-lo. Os Tabajaras descobrem, então, que o segredo da jurema fora traído e passam a persegui-los. Os Pitiguaras são avisados da invasão dos inimigos em suas terras, juntam-se aos fugitivos e é travado um sangrento combate. Iracema vê seus irmãos de tribo morrerem em consequência desse combate. O espírito da índia se entristece pela morte de seus irmãos tabajaras.

O tempo: temos, em *Iracema*, um tempo poético, marcado pelos ritmos da natureza: as estações, a lua, o sol, a brisa etc., ou seja, o encontro da natureza e da civilização.

O espaço: por meio de metáforas e comparações, Alencar valorizou a cor local, o típico e o exótico. A intenção do romancista era enfatizar o nacionalismo, embelezar a terra e ampliar imagens de um nordeste paradisíaco e primitivo. Podemos ver elementos contraditórios, tendo em vista a aspereza do sertão semi-árido.

O gênero literário: o romance recebeu um subtítulo: Lenda do Ceará, o que mudou a opinião de críticos e historiadores em relação à obra, segundo Abreu (2003)¹⁰². Como exemplo, mencionamos novamente Machado de Assis, que classificou a obra como um poema em prosa. Outros autores classificaram-no como um romance poético, um exemplo de prosa poética, um romance histórico-indianista, uma narrativa épico-lírica ou um mito poético. Percebemos, no entanto que, na perspectiva de classificação do gênero literário da obra, segundo Coutinho (1971)¹⁰³, ela se insere, de acordo com os autores e críticos da época, em todos os gêneros citados, o que a coloca em evidência, ou seja, a lenda, a narrativa, a poesia, o lirismo, o heroísmo, o mito selvagem, a história etc.¹⁰⁴

Os elementos épicos: Iracema é considerada uma personagem heroica. O lirismo na obra é percebido no amor da heroína pelo guerreiro branco: Iracema é uma personagem cheia de heroísmo, típica do romantismo, que padece de saudades do seu amante, que a deixou com propósito de combater seus inimigos. Aqui, podemos ver, portanto, segundo Coutinho (1971)¹⁰⁵, o enquadramento das cantigas da era medieval. Para tanto, Alencar, em sua obra, valeu-se de um espaço lírico notável e toda força poética do livro advém dessa relação amorosa.

¹⁰² ABREU, Mirhiane Mendes. Ao pé da página – a Dupla Narrativa em José de Alencar.

Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp SP, 2003. Mimiografado, p.66.

¹⁰³ COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. 2ª ed., vol. VI. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971, p.57.

¹⁰⁴ ALENCAR, 1965, op.cit., p.185.

¹⁰⁵ COUTINHO, op.cit., p.60.

Personagens:

Iracema: lábios de mel, índia da tribo dos Tabajaras, filha de Araquém, velho pajé; era uma espécie de vesta¹⁰⁶, por guardar o segredo da jurema¹⁰⁷. Forte, sedutora, porém submissa. Uma heroína trágica.

Martim Soares Moreno: guerreiro branco, colonizador europeu, amigo dos Pitiguaras, que habitavam o litoral, adversários dos Tabajaras. Os Pitiguaras lhe deram o nome de Coatiabo, que significava “guerreiro pintado” – tinha nas faces o branco das areias, nos olhos o azul triste das águas e os cabelos de “cor do sol”.

Moacir: filho de Iracema e Martim – “filho do sofrimento”.

Poti: herói dos Pitiguaras, amigo – que se considera irmão – de Martim.

Irapuã: “de *ira* – mel, e *apuam* – redondo; é o nome dado a uma abelha virulenta – (violenta) – e brava, por causa da forma redonda de sua colmeia. Por corrupção reduziu-se esse nome atualmente a *arapuá*. O guerreiro de que se trata aqui é o célebre Mel-Redondo, assim chamado pelos cronistas do tempo, que traduziam seu nome ao pé da letra. Mel-Redondo, chefe dos tabajaras da serra Ibiapaba, foi encarniçado – (feroz, bravo) – inimigo dos portugueses”.¹⁰⁸ Alencar (2007)

Caubi: índio tabajara, irmão de Iracema.

Jacaúna: chefe dos Pitiguaras, irmão de Poti e amigo de Martim. Seu nome significa “Jacarandá preto”, de *jaca* – abreviação de jacarandá, e *una* – preto.

3.4 – O contexto histórico-cultural e a temática em *Iracema*

É possível salientar que, no processo dos temas nacionalistas retratados em *Iracema*, os elementos ligados à natureza e aos elementos míticos foram usados pelo autor para construir uma alegoria perfeita do processo da colonização do Brasil e de toda a América. Esses elementos históricos fizeram parte da fundação do Ceará e evidenciaram a construção da linguagem brasileira e um estilo próprio de Alencar, podendo ser relacionados ao contexto histórico e sociocultural da época.

¹⁰⁶ Vesta: aquela que tem sua virgindade consagrada à divindade. No sentido geral, sacerdotisa de vesta, deusa do fogo dos antigos romanos, mulher honesta, casta, donzela. Conforme Kury (2001:85).

¹⁰⁷ Jurema: árvore de folhagem espessa. Era utilizada pelos selvagens na preparação de uma bebida com o efeito do haxixe. Produzia efeitos alucinógenos e agradáveis fantasias. Conforme Alencar (2007:260).

¹⁰⁸ ALENCAR, 2007, opcit., p.261.

- **A natureza:** no capítulo I, Alencar usa elementos da natureza que também idealizam a terra:

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba. Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.

- **Elementos míticos:** a harmonia que havia entre Iracema, sua tribo e sua terra, e como essa relação pacífica é quebrada, a partir do momento em que o elemento histórico (a colonização portuguesa) avança e domina. No momento em que Iracema se entrega a Martim, os laços sagrados com sua tribo se rompem. A partir daí, sai a esfera mítica e entra a esfera histórica. O elemento dominante da esfera exterior entra em combate com o elemento dominado da esfera interior, segundo Pimenta (2007)¹⁰⁹. No entanto, Alencar mostra duas realidades: a indígena e a da civilização, que se travam em um só combate naquele momento.
- **Alegoria perfeita -processo de colonização do Brasil e de toda a América:** a palavra Iracema originou-se do anagrama da palavra América, ou seja, há uma transposição *Iracema/América*. Símbolo secreto do romance de Alencar, que definiu as origens nacionais, ou seja, uma miscigenação do povo brasileiro. Iracema se entrega a Martim – a simbologia deste fato nos permite compreender a destruição de ambos e da terra brasileira, que sofreu uma aculturação, levando-se em conta a posse dos Portugueses por muito tempo.
- **Elementos históricos que contribuíram na construção e formação do Ceará:**

Em 1603, Pero Coelho, homem nobre da Paraíba, partiu como capitão-mor de descoberta, levando uma força de 80 colonos e 800 índios. Chegou à foz do Jaguaribe e aí fundou o povoado que teve nome de **Nova Lisboa**. Foi esse o primeiro estabelecimento colonial do Ceará.

Como Pero Coelho se visse abandonado dos sócios, mandaram-lhe João Soromenho com socorros. Esse oficial autorizado a fazer cativos para indenização das despesas, não respeitou os próprios índios do Jaguaribe, amigos dos portugueses.

Tal foi a causa da ruína do nascente povoado. Retiraram-se os colonos pelas hostilidades dos indígenas; e Pero Coelho ficou ao desamparo,

¹⁰⁹ PIMENTA, Márcia Mendes. *José de Alencar: Em Busca da Identidade Lingüística Brasileira*: Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 2007, p.69.

obrigado a volta à Paraíba por terra, com sua mulher e filhos pequenos.

Na primeira expedição foi do Rio Grande do Norte um de nome Martim Soares Moreno, que se ligou de amizade com Jacaúna, chefe dos índios do litoral, e seu irmão Poti. Em 1608, por ordem de D. Diogo de Meneses, voltou a dar princípio à regular colonização daquela capitania, o que levou a efeito, fundando o presídio de Nossa Senhora do Amparo em 1677.

Jacaúna, que habitava as margens do Acaracu, veio estabelecer-se com sua tribo nas proximidades do recente povoado, para o proteger contra os índios do interior e os franceses que infestavam a costa.

Poti recebeu no batismo o nome de Antônio Filipe Camarão, que ilustrou na guerra holandesa. Seus serviços foram remunerados com o foro de fidalgo, a comenda de Cristo e o cargo de capitão-mor dos índios.

Martim Soares Moreno chegou a mestre de campo e foi um dos excelentes cabos portugueses que libertaram o Brasil da invasão holandesa. O Ceará deve honrar sua memória como a de um varão prestante e seu verdadeiro fundador, pois que o primeiro povoado à foz do rio Jaguaribe não passou de uma tentativa frustrada.¹¹⁰ Alencar (2007:255)

- **Valor simbólico do personagem Moacir:** Moacir simboliza o primeiro brasileiro nascido da miscigenação índio e português.
- **A construção de uma linguagem e um estilo próprio de Alencar, voltado para o contexto histórico da época:** Alencar, ao ter clara e definida sua proposta em relação ao romantismo, conseguiu introduzir, em seus romances, a construção de uma língua brasileira. O escritor brasileiro tenta escrever um romance usando termos indígenas, caracterizando uma linguagem autenticamente nacional. Segundo Melo (1971)¹¹¹, a busca da língua nacional era reflexo de uma lusofonia que invadiu o Brasil na época do Romantismo. Para Alencar, o índio era uma forma de despertar no povo recém independente o amor pela pátria e um otimismo nacionalista.

Com base no romance das personagens que Alencar criara – Iracema e Martim – o escritor brasileiro romantizou o processo de colonização do Brasil, tendo em vista que, segundo Coutinho (1971)¹¹², *Iracema* foi uma espécie de harmonização entre o

¹¹⁰ ALENCAR, 2007, op.cit., p.255.

¹¹¹ MELO, Gladstone Chaves. *A Língua do Brasil*. Fundação Getúlio Vargas Instituto de Documentação. 2ª edição. Rio de Janeiro, 1971, p.165.

¹¹² COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2ª ed., vol. VI. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971.

branco e o índio, na medida em que romantiza a dominação de um povo pelo outro. Assim sendo, ficou inserida nos códigos convencionais artísticos do Romantismo europeu a temática do processo de colonização do país e o mito heroico da pátria de natureza indianista.

Alencar usou em *Iracema* uma linguagem cheia de tons brasileiros. Não só o farto vocabulário indígena, conforme Melo (1971)¹¹³, mas também muitas construções sintáticas que revelam bem o jeito brasileiro de usar sua própria língua. Encontramos, na linguagem do romance, o gosto por comparações com elementos do mundo focalizado pelo autor e que se casa bem com a postura selvagem do índio, segundo Bosi (2005)¹¹⁴, que vivia numa intensa integração com a natureza, como podemos ver em Alencar (2007)¹¹⁵: “o guerreiro pitiguara é a ema que voa sobre a terra”.

Na leitura da obra de Alencar, podemos perceber que o autor sempre primou por um estilo próprio. Como afirma Bosi (2005)¹¹⁶, o escritor nacionalista, dono de uma imaginação prodigiosa, soube recheiar seus textos de adjetivos, dando ao leitor a impressão de uma pintura moldada em um quadro.

Podemos observar tais adjetivos na descrição de sua terra natal e na descrição de sua personagem, nos capítulos I e II.

Sobre sua terra, no capítulo I:

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia, nas frondes da carnaúba. Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros; Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale flor das águas.

Sobre Iracema, no capítulo II:

¹¹³ MELO, op.cit.

¹¹⁴ BOSI, Alfredo. “Um mito sacrificial: O Indianismo de Alencar”. In: *Dialética da Colonização*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

¹¹⁵ ALENCAR, op.cit., p.137.

¹¹⁶ BOSI, op.cit.

(...) a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendida no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem (...). O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia.

3.4.1 – O índio de Alencar

A interação do índio com a natureza torna a chamada *cor local* do romantismo indispensável na obra de Alencar pois, segundo Proença (1974),¹¹⁷ “o índio precisava do deserto para revelar-se em todo o esplendor de sua beleza primitiva”.

Alencar foi um dos maiores representantes da fase indianista no Brasil. O domínio do selvagem pelo homem branco fez com que nascesse um distanciamento entre ambos e o índio voltou para seu habitat natural. Mais tarde, o branco o reencontra com sua bondade corrompida. Metaforicamente, segundo Bosi (1994)¹¹⁸, o índio estava preso a uma corrente forte de metal grosso, que são os grilhões da sociedade, ou seja, um índio adulterado, mitificado e miscigenado pela cultura europeia. Portanto, o índio de Alencar é visto, na teoria de Rousseau¹¹⁹ como *o bom selvagem*¹²⁰. Acreditava-se que o progresso europeu havia corrompido a pureza original do homem, mas que, em algum lugar, poderia ainda existir esse mesmo homem em seu estado original: puro, nobre e bom.

Segundo a teoria de Rousseau, como nos afirma Bosi (1994)¹²¹, os índios de Alencar são seres metafóricos e imaginários, transformados em cavaleiros medievais, vistos como símbolos e elementos formadores da nacionalidade. Assim sendo, nos romances indianistas de Alencar, temos a sensação de que o autor obedece a um sentimento de dever patriótico: compor um grande painel, ou seja, o retrato da nova nação.

¹¹⁷ PROENÇA, Manuel Cavalcanti. “Transforma-se o amador na coisa amada”. *Estudos Literários*. RJ: José Olympio; Brasília: INL, 1974, p.54.

¹¹⁸ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994, p.85.

¹¹⁹ Jean-Jacques Rousseau – Escritor e filósofo, nasceu em Genebra, em 1712, e morreu em 1778. Tinha como objetivo o respeito ao ser humano, amor pela natureza e paixão pela liberdade. Rousseau (1889)

¹²⁰ O mito do bom selvagem: Segundo Rousseau, a teoria do bom selvagem é a de que o homem é de natureza boa. Nasceu para ser livre. Mas sua maldade advém da sociedade, corrompida pela servidão, a escravidão, a tirania e inúmeras outras leis que privilegiam as elites dominantes em detrimento dos mais fracos, instaurando, assim, a desigualdade entre os homens, enquanto seres que vivem em sociedade. (Rousseau (1889).

¹²¹ BOSI, 1994, op.cit.

Coutinho (1980)¹²², também enfatiza este aspecto. Explica bem o gesto romântico do autor. Os escritores europeus buscaram o passado medieval. No Brasil, não foi muito diferente. Com a ausência de heróis medievais, os escritores românticos voltaram-se para o passado nacional, tendo como base a cultura medieval, o que lhes forneceu a imaginação e argumentos para a literatura romântica, tendo o índio como formador nacionalista.

Como afirma Bosi (1992)¹²³:

Acreditando nessa proposição, arrisco-me a revisitar um lugar comum dos comparatistas literários que afinam o indianismo brasileiro pelo diapasão europeu da romantização das origens nacionais. Lá, figuras e cenas medievais; cá, o mundo indígena tal e qual o surpreenderam os descobridores. Cá e lá, uma operação de retorno, um esforço para bem cumprir o voto micheletiano de ressuscitar o passado, alvo confesso da historiografia romântica.

Iracema é um romance que desenvolveu o processo de colonização da terra de origem do escritor nacionalista, que é o Estado do Ceará. Dentro desse panorama, o autor nos mostra o encontro e desencontro entre o europeu e o nativo brasileiro, mostra, também, a rivalidade dos Tabajaras com os Pitiguaras. Segundo Brasil (1980)¹²⁴, Martim representa o homem branco, europeu, civilizado, e Iracema, a bela índia selvagem da tribo dos Tabajaras, que foge com o branco, representando a América virgem ingênua cativa e dominada.

Alencar descreve a terra com um espírito otimista e nacionalista. As qualidades e a linguagem dos índios alencarianos nos remetem aos romanos dos “cavaleiros medievais”, como já foi dito. Esse fato fica bem claro no segundo capítulo do romance, quando ele descreve sua personagem nativa. Vejamos:

(...) a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira... O favo de jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

¹²² COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. RJ: Civilização Brasileira, 1980.

¹²³ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.176.

¹²⁴ BRASIL, Assis. *O Livro de Ouro da Literatura Brasileira*. RJ: Tecnoprint, 1980.

Na descrição de Iracema, a postura de Alencar foi a mitificação da sua personagem. Sabemos, portanto, segundo Coutinho (1971)¹²⁵, que “na realidade todo índio tem cabelo preto, sabemos também que, como uma índia da colonização poderá ter seu hálito puro?” Podemos perceber a miscigenação clara na descrição de Alencar, ao tentar buscar palavras indígenas e misturá-las às portuguesas, para apresentar a sua heroína indígena, no segundo capítulo de sua obra.

Segundo Coutinho (1971)¹²⁶, Alencar deu à sua personagem as melhores qualidades de uma heroína perfeita. Como símbolo de perfeição, beleza e pureza, de um Deus fidalgo português que faltava na nossa imaginação. Diante disso, o encontro acontece: a virgem dos lábios de mel e o colonizador branco português, que se dá no processo do encontro de dois povos: brasileiros e portugueses. Conhecem-se, e desta união nasce um filho, porém não se dão conta das trágicas consequências da corrupção que o índio poderia estar sofrendo. No entanto, o amor de Iracema e a atração do branco pela índia prevaleceram.

Voltando um pouco à história do descobrimento do Brasil, à luz dos olhos de todos os brasileiros, os índios perderam suas terras. Os europeus se consideravam donos de tudo e se julgavam altamente superiores aos nativos, desta forma, aconteceram, então, segundo Martins (2007)¹²⁷, os genocídios e os extermínios desenfreados dos nativos das terras brasileiras. Diante disso, Alencar, escritor romântico, tentou criar o bom selvagem, com o objetivo de resgatar os índios, que foram humilhados e ofendidos no processo da História do Brasil.

3.4.2 – A valorização do índio na valorização da linguagem

Segundo Cunha (1968)¹²⁸, a língua falada no Brasil teve um novo rumo. A linguagem usada por Alencar em seu romance, procedente de seus neologismos, fez a diferença da língua falada da escrita, ou seja, a escrita ficou bem longe dos padrões europeus. Esse estilo renovador do escritor possibilitou uma língua própria da nação

¹²⁵ COUTINHO, 1971, op.cit., p.142.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ MARTINS, E. T. *Iracema: A Alegoria da Mãe Gentil(o)l*. Dissertação de Mestrado. Univ. Federal de RN. 2007.

¹²⁸ CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968, p.79.

brasileira. Segundo Brasil (1980)¹²⁹, Alencar também foi exaltado por diversos críticos da época, pelo aproveitamento linguístico dos índios e, também, pela utilização de sua prosa poética, que se caracterizou pela musicalidade e pela beleza de seus personagens, aproximando a narrativa da poesia.

Em Coutinho (1971)¹³⁰ observamos que o Romantismo teve um papel revolucionário, objetivando direitos de um dialeto brasileiro presente nos ‘desvios’ e nas colocações pronominais, que aproximavam a língua falada da escrita e também a coloquial da literária. Para Coutinho¹³¹:

(...) patriarca da literatura brasileira e símbolo da revolução literária cuja obra está ligada à fixação desse processo revolucionário que enquadrou a literatura brasileira nos seus moldes definitivos
(...) defendeu temas brasileiros, sobretudo, indígenas reivindicando direitos de uma linguagem brasileira. Colocou a natureza e a paisagem física e social em posição obrigatória no descritivo romântico
(...) Alencar deu um enérgico impulso à marcha da literatura brasileira para a alforria.

Podemos observar, também, em Brasil (1980)¹³², que Alencar enriqueceu o vocabulário brasileiro valendo-se da linguística indígena:

José de Alencar, por outro lado, como Gonçalves Dias, trazia para a prosa de ficção uma série de termos e vocabulários de procedência indígena, ou simplesmente inventados a partir dos étimos Tupis.

3.5 – Elementos lexicais

Neste item, identificaremos alguns elementos lexicais da obra de Alencar – *Iracema* – que fazem parte da originalidade estilística do autor e, também, da expressão linguística, os quais estão ligados à identidade cultural brasileira, tendo em vista que o uso desses itens lexicais é específico da língua portuguesa no Brasil.

¹²⁹ BRASIL, op.cit.

¹³⁰ COUTINHO, op.cit.

¹³¹ Idem, p.153.

¹³² BRASIL, op.cit., p.17

3.5.1 – Tupinismos

Os Tupinismos são, de certa forma, dignos de apreço nos romances alencarianos. Alencar os empregava com finalidade estilística, salientando-se sua poeticidade. Podemos observar, então, muitos desses tupinismos presentes em *Iracema* e, muitos deles, segundo Abreu (2003)¹³³, são explicados por Alencar, particularmente em notas de rodapé e, outros, não são explicados, o que nos leva a crê que sejam termos já integrados à língua portuguesa falada no Brasil.

Na obra citada, encontramos elementos lexicais de origem tupi, que se integram à língua portuguesa, a começar pelo título da obra.

Iracema – Em guarani significa lábios de mel, de *ira* – mel, e *tembe* – lábios.

Ceará – Nome composto de *cemo* – cantar forte, clamar, e *ará* – pequena arara ou periquito.

Graúna – É o pássaro conhecido pela cor negra luzidia. Seu nome vem por corrupção de *guira* – pássaro, e *una*, abreviação de *pixuna* – preto.

Tabajara – Senhor das aldeias, de *taba* – aldeia, e *jará* – senhor.

Gará – Ave paludal, muito conhecida pelo nome de guará, segundo o autor (em suas notas), esse nome foi corrompido de sua verdadeira origem, que é *ig- água*, e *ará* – arara: arara d'água, assim chamada pela bela cor vermelha.

Ará – Periquito. Os indígenas, como aumentativo, usavam repetir a última sílaba da palavra e, às vezes, toda a palavra. *Arará* vinha a ser, pois, o aumentativo de *ará*. Significa a espécie maior do gênero.

Uru – Cestinho que servia de cofre às selvagens para guardar seus objetos de estimação.

¹³³ ABREU, op.cit.

Quebra a flecha – Era, entre os indígenas, a maneira simbólica de estabelecerem a paz entre as diversas tribos, ou mesmo entre dois inimigos.

Ibiapaba – Grande serra que se prolonga ao Norte da província e a estrema com Piauí. Significa terra aparada.

Igaçaba – Vaso, pote, de *ig* – água, e a desinência *çaba* – coisa própria.

Vieste – A saudação usual da hospitalidade era esta: *Ere iobê* – tu vieste? *Pa-aiotu* – vim, sim *Auge-be* – bem dito.

Jaguaribe – Maior rio da província; tirou o nome da quantidade de onças que povoavam suas margens. *Jaguar* – onça, *iba* – desinência para exprimir cópia em abundância.

Jurema – Árvore meã (comum), de folhagem espessa; dá um fruto excessivamente amargo, de cheiro acre, do qual, juntamente com as folhas e outros ingredientes, preparavam os selvagens uma bebida que tinha o efeito do haxixe, de produzir sonhos tão vivos e intensos, que a pessoa sentia com delícias e como se fossem realidade as alucinações agradáveis da fantasia excitada pelo narcótico. A fabricação desse licor era um segredo, explorado pelos Pajés, em proveito de sua influência. Jurema é composto de *ju* – espinho, e *rema* – cheiro desagradável.

Irapuã – De *ira* – mel, e *apuam* – redondo; é o nome dado a uma abelha virulenta e brava, por causa da forma redonda de sua colméia.

Boicininga – É a cascavel, de *bóia* – cobra, e *cinga* – chocalho.

Oitibó – É uma ave noturna, espécie de coruja. Outros dizem *noitibó*.

Espírito da treva – A esse espíritos chamavam os selvagens *curupira*, meninos maus, de *curumim* – menino, e *pira* – mau.

Pocema – Vem de *pó* – mão, e *ceso* – clamar: clamor das mãos, porque os selvagens acompanhavam o vozear com o bater das palmas e das armas.

Anhanga – Davam os indígenas este nome ao espírito do mal; compõe-se de *anho* – só, e *anga* – alma. Espírito só, privado de corpo, fantasma.

Capoeira – Corruptela de *caa-apuam-era*, que significa ilha de mato já cortado uma vez.

Jandaia – Este nome se escreve de diversas maneiras: *nhendaia*, *nhandaia* – adjetivo qualitativo do substantivo *ará*. Derivado de *nheng* – falar, *antan* – duro, forte, áspero, e *ara* – desinência verbal que exprime o agente: *nh' ant' ara*; substantivo o *t* por *d* e o *r* por *i*, tornou-se *nhandaia*, donde *jandaia*, que se traduzirá por periquito grasnador. Do canto desta ave, como se viu, é que vem o nome de Ceará, segundo a etimologia que lhe dá a tradição.

Inhuma – Ave noturna. A ortografia melhor seria *anhuma*, ou *anho* – só, e *anum* – ave conhecida como agoureira que significa *anum* solitário.

Guará – Cão selvagem, lobo brasileiro. Esta palavra provém do verbo *u* – comer, do qual se forma com o relativo *g* e a desinência *ara* o verbal *g-u-ára* – comedor. A sílaba final longa é a partícula propositiva *á*, que serve para dar força à palavra.

Jiboia – Cobra conhecida; de *gi* – machado, e *bóia* – cobra.

Sucuri – Serpente gigante que habita nos grandes rios. De *suu* – animal, e *curu* – roncador. Animal roncador.

Maracá – Pendão de guerra; de *Marã* – combate, e *aca* – chifre, ponta. O maracá servia de estandarte aos tupis.

Abati n'água – *Abati* é o nome tupi do arroz; Iracema serve-se da imagem do arroz, que só viça no alagado, para exprimir sua alegria.

Ubiratã – Pau-ferro; de *ubira* – pau, e *antan* – duro.

Maracajá – Gato selvagem, de pele mosqueada.

Caititus – Porco-do-mato, espécie de javali brasileiro. De *caeté*-mato grande e virgem, e *suu* – caça, mudado o *s* em *t* na composição pela eufonia da língua. Caça do mato virgem.

Acauã – Ave inimiga das cobras; de *caa* – pau, e *uan*, do verbo *u* – comer.

A cintura da virgem – os indígenas chamavam a amante possuída da *aguaçaba*; de *aba* – homem, *cua* – cintura, *çaba* – coisa própria, a mulher que o homem cinge ou traz à cintura. Fica, pois, claro o pensamento de *Iracema*.

Carioba – Camisa de algodão; de *cary* – branco, e *oba* – roupa. Tinha também a *araçóia*, de *arara* e *aba* – vestido de penas brancas.

Jaci – A lua. Do pronome *já* – nós, e *cy* – mãe. A lua exprimia o mês para os selvagens e seu nascimento era sempre por eles festejados.

Fogos de alegria – Chamavam os selvagens *tory* – os fochos ou fogos; e *toryba* – alegria, festa, grande cópia de fochos.

3.5.2 – Brasileirismos Semânticos

A partir da independência do Brasil, os escritores passam a fazer uso de seus próprios estilos. Assim, muitas palavras adquirem sentidos diferentes dos do Português lusitano, como é o caso de algumas que Alencar usou em *Iracema*, as quais destacamos:¹³⁴

¹³⁴ Doravante, todas as citações de *Iracema* se darão por ALENCAR, José de. *Iracema lenda do Ceará* – edição do centenário de *Iracema*: textos críticos e teóricos. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. As páginas serão indicadas entre parênteses.

Mairi – Provém de *mair* – aplicado aos povoados dos brancos portugueses, em oposição às tabas dos índios. Este vocábulo era, então, aplicado como nome de cidade brasileira: Mairi, Mairiporã. (ALENCAR, 1965:267). “**O chefe** pitiguara *meditou* e respondeu:- Vai buscar teus guerreiros. Poti plantará sua taba junto da **mairi** de seu irmão”. (ALENCAR, 1965:190)

- **Macejana** – Nome dado a um povoado, pelos portugueses, que significa abandonar ou que foi lugar de ocasião de abandono, quando estes povoaram o Ceará. Conserva-se, ainda hoje, este vocábulo lusitano. Este povoado é um sítio situado às margens do rio Porangaba no Ceará. (ALENCAR, 1965:269)

Os mesmos guerreiros que a tinham visto alegre nas águas da Porangaba, agora encontrando-a triste e só, como a garça viúva na margem do rio, chamavam aquele sítio de **Macejana**, que significa a abandonada. (ALENCAR, 1965:217)

- **Jatobá** – Grande árvore real e frondosa. Nome de um rio e de uma serra em Santa Quitéria. (ALENCAR, 1965:267)

Poti levou o cristão aonde crescia um frondoso **jatobá**, que afrontava as árvores do mais alto píncaro da serra e, quando batido pela rajada, parecia varrer o céu com a imensa copa. (ALENCAR, 1965:179).

- **Uruburetama** – Pátria ou ninho dos urubus. Hoje, tem este mesmo nome uma serra bastante alta no Ceará e também um município brasileiro no Ceará. (ALENCAR, 1965:266)

Os viajantes dormem aí, em **Uruburetama**. Com o segundo sol chegaram às margens do rio, que nasce na quebrada da serra e desce a planície, enroscando-se como uma cobra. Suas voltas contínuas enganam a cada passo o peregrino que vai seguindo o tortuoso curso (...). (ALENCAR, 1965:185).

- **Pirapora** – Rio de Maranguape, notável pela frescura de suas águas e excelência dos banhos chamados Pirapora, no lugar das cachoeiras. Provém o nome de *Pira* – peixe, *pore* – salto; salto do peixe. Hoje este nome pertence a

uma cidade no interior de São Paulo – Salto de Pirapora. (ALENCAR, 1965:268). “(...) foram seguindo o curso do rio até onde nele entrava o ribeiro de **Pirapora**.”(ALENCAR, 1965:).

- **Cupim** – Inseto conhecido. O nome compõe-se de *co* – buraco, e *pim* – ferrão. (ALENCAR, 1965:271)

Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é precioso na desventura: é como o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do Ubiratã, quando o **cupim** lhe broca o âmago. (ALENCAR, 1965:248.

- **Maracajá** – Gato selvagem, de pele mosqueada. (ALENCAR, 1965:265). “**O vulto** de Caubi enche o vão da porta; suas armas guardam diante dele o espaço de um bote do **maracajá**”. (ALENCAR, 1965:157)

- **Caititus** – Porco-do-mato, espécie de Javali brasileiro. (ALENCAR, 1965:265)
- **Jaguar** – EraM, para os indígenas, todos os animais que os devoravam. (ALENCAR, 1965:265)
- **Anajê** – Uma espécie de gavião.

O vulto de Caubi enche o vão da porta; suas armas guardam diante dele o espaço de um bote do **maracajá**.
- Vis guerreiros são aqueles que atacam em bando como os **caititus**. O **jaguar**, senhor da floresta, e o **anajê**, senhor das nuvens, combatem só o inimigo. (ALENCAR, 1965: 157 e 158)

Guará – Cão selvagem, lobo brasileiro. (ALENCAR, 1965:264). “(...) como trota o guará pela orla da mata, quando vai seguindo o rasto da presa escápula, assim estugava o passo o sanhudo guerreiro”. (ALENCAR, 1965: 141).

- **Jibóia** – Cobra conhecida. (ALENCAR, 1965:264). ““- Tua boca mente como o ronco da **jibóia**, exclamou Iracema”.9ALENCAR, a965:142).
- **Sucuri** – Serpente gigante que habita nos grandes rios. (ALENCAR, 1965: 264).Bramiu Irapuã; o grito rouco troou nas arcas do peito como o frêmito da sucuri na profundeza do rio. (ALENCAR, 1965:142).

3.6 – Escolhas sintáticas de Alencar

As escolhas sintáticas utilizadas por Alencar em *Iracema* são características fundamentais que marcaram a preferência pelo uso do idioma nacional. Nesse âmbito, procuramos analisar algumas dentro do romance em destaque:

3.6.1 – Topologia pronominal

Nosso propósito de leitura para este trabalho nos deixa conscientes de que o português falado e escrito no Brasil conserva distanciamentos naturais do português de Portugal e de outras partes do mundo. Segundo Martins (1997)¹³⁵, próclise, ênclise e mesóclise são fenômenos do português, que se caracterizam pelo fato de nenhuma palavra ocorrer entre os pronomes oblíquos átonos e o verbo.

O português falado no Brasil e em Portugal se diferencia quanto às preferências por posições clíticas. Segundo Maia (2000)¹³⁶, no Brasil, a próclise é a colocação usual da fala, sobretudo na linguagem familiar e popular, contrastando com o uso cerimonioso e intelectual da ênclise: “Papai do céu **o** abençoe / A terra **lhes** seja leve” e, ainda segundo o autor, na linguagem culta brasileira, a colocação que pode ser considerada normal é a ênclise: “O pai esperava-**o** na estação agitada / Expliquei-**lhe** o motivo das férias”.

Bechara (1997)¹³⁷ manifesta suas razões em dizer que os brasileiros preferemo uso da próclise: “o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia”, ou seja, é uma questão pessoal porque podemos escolher ou não a próclise. Os padrões fonéticos por nós utilizados são diferentes dos aplicados pelos lusitanos, uma vez que fazemos uso de um idioma próprio, um idioma brasileiro, diante disso, Bechara nos deixa claro que deve ser afastada a ideia de que a colocação pronominal

¹³⁵ MARTINS, E. *Manual de Redação e Estilo*. 3ª ed. SP: Moderna, 1997.

¹³⁶ MAIA, J. Domingues. *Gramática Teórica*. 4ª ed. SP: Ática, 2000.

¹³⁷ BECHARA, E. *Moderna gramática Portuguesa*. 36ª edição. SP: Nacional, 1997, p.325 e 326..

brasileira é inferior à língua portuguesa de Portugal. Destacamos Ali (1950)¹³⁸, que se manifestou de modo claro, dizendo que:

em Portugal é certa a colocação peculiar dos pronomes por ser de uso geral; no Brasil também é certo o nosso modo de empregar os pronomes por ser igualmente de uso geral. (...) a pronúncia brasileira diversificada da lusitana, daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses.

A partir então, da segunda metade do século XIX, conforme já mencionado, autores e escritores começaram a ter formação aqui mesmo no Brasil, desligando-se totalmente da metrópole portuguesa. O propósito dos escritores brasileiros da época era ganhar distância e fugir totalmente das regras pronominais puristas. Alencar foi o escritor que mais contribuiu para este fim, principalmente com suas obras clássicas indianistas. Observou, portanto, que sua originalidade trazia mais clareza, elegância e eufonia à frase.

O Brasil ainda se encontrava preso às normas lusitanas, mesmo assim o gramático Julio Ribeiro, em sua obra *Grammatica Portugueza*, que foi a primeira de autor brasileiro, no século XIX, mais especificamente em 1881, propõe algumas regras, as quais já eram de uso brasileiro.

Para completar nosso levantamento, tomamos algumas exposições desse gramático quanto ao uso dos pronomes objetos. Vejamos:

- a) Nas sentenças negativas geralmente antepõe-se, bem como com verbos no subjuntivo, ex.: ele não me quer – se nós o soubéssemos;
- b) Com os verbos no imperativo, o pronome objeto pospõe-se, sempre em sentenças afirmativas;
- c) O pronome objeto, o pronome em relação objetiva adverbial e a partícula apassivadora “se” nunca devem começar a sentença;
- d) Nas locuções verbais, com dois verbos no infinitivo, coloca-se o pronome objeto ou antes do primeiro, ou depois do segundo, ou entre ambos, ex.: sem nos poder ver – sem poder ver-nos – sem poder nos ver;
- e) Nunca se coloca o pronome objeto depois do particípio passado de tempo composto, ex.: havendo-te visto;
- f) Com verbos no infinitivo futuro e no condicional imperfeito, usa-se de uma construção especial: insere-se por tmese o pronome objeto entre o radical do verbo e a sua terminação. Ex.: amar-te-á, ver-te-á, ver-te-ia. Se o sujeito do verbo nestes casos está claro e é representado por

¹³⁸ ALI, Said. M. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1950, p.89-90 e 276.

pronome substantivo, melhor será construir: ele te amará – ele te veria;

- g) Com o verbo no infinitivo pessoal, estando o sujeito oculto, é indiferente antepor ou pospor o pronome objeto, ex.: sem o ter – sem tê-lo¹³⁹.

Martins (1997), em seu *Manual de redação e estilo*, é particularmente esclarecedor ao explicar que os pronomes oblíquos – *me, te, se, lhe, o, a nos, vos* – são pronunciados de forma diferente em Portugal e no Brasil. Jamais ocorreria a um português nativo, segundo o autor, por menos instruído que fosse, dizer: *Me parece que*. A letra *e* do pronome *me* praticamente não é pronunciado em Portugal e, assim, o *me* antes do *parece* formaria um encontro consonantal de difícil pronúncia: *m' p' rece q*.

Muitas são as características do português do Brasil e não é mais possível desprezá-las: os pronomes oblíquos têm uma pronúncia mais acentuada, já deixaram de ser átonos e caminham em direção ao tonalismo; hoje são semitônicos. Martins (op. Cit.: 63) explica por que é predominante a tendência da *próclise* no Brasil e que a *mesóclise* deve ser evitada, pois “*soa mal ao ouvido brasileiro*”.

Em *Iracema* de Alencar encontramos muitas dessas particularidades que estão presentes em nossa língua portuguesa. Alencar fez uso desses pronomes de acordo com a norma e, também, conforme o uso brasileiro e o seu próprio estilo, conforme segue:

Pronome oblíquo anteposto ao verbo nas interrogativas.

– *Tu me deixas? Perguntou Martim. (p.109)*

- *Quem te ensinou guerreiro branco a linguagem de meus irmão? (p. 101)*

Sujeito explícito representado por pronome substantivo

- *Foi a Tupã que o Pajé serviu, ele te trouxe, ele te levará. (p. 106)*

... *mas não devo deixá-los sem dizer-te quem é o guerreiro. (p. 106)*

... *para servir o hóspede de Araquém e os guerreiros vindos para obedecer-lhe. (p. 109)*

- *Tu me deixas? Perguntou Martim. (p. 109)*

Nestes dois casos, o oblíquo “se”, assume a posição de reflexivos

O guerreiro cristão atravessou a cabana e sumiu-se na treva. (p. 111)

139 observações feitas em: Abreu (2001:199) – Julio Ribeiro – *Grammatica* portuguesa.

A grande taba erguia-se no fundo vale iluminada pelos fochos da alegria. (p. 111)

No que se refere aos pronomes pessoais, segundo Martim (1997), levando-se em conta a eufonia, recomenda-se o pronome antes do verbo.

Ela não o deixaria partir (p. 112)

Próclise – pronome antes do verbo

O velho Andira, irmão do Pajé, a deixou tombar... (p.114)

Nesse exemplo, temos dois casos: no 1º (eu, te), segundo as regras de Julio Ribeiro, o sujeito (eu) está claro na oração, no entanto pode ser representado por um pronome substantivo e no 2º (que, me), o pronome **que** está explícito na frase, necessariamente atrai o pronome **me**.

- *Pajé eu te agradeço o agasalho que me deste.* (p.106)

Neste caso, o verbo está no subjuntivo, portanto, segundo as regras de Julio Ribeiro, o pronome virá anteposto ao verbo.

... *antes que o tempo lhe arrancasse o primeiro cabelo.*

Nessas orações, temos a colocação do pronome *lhe* posposto ao verbo no infinitivo, portanto, segundo Martim (1997), temos uma ênclise ao infinitivo.

- *Quero beber-lhe o sangue todo...* (p.122)

- *A raiva de Irapuã não pode mais ouvir-te, velho Pajé!* (p. 142)

... *e sente o frio arrepiar-lhe o corpo.* (p. 245)

... *é o instante de separar-te dele.* (p. 170)

Pronome anteposto ao verbo configurando uma próclise

Irapuã, que tantas vezes os guiou ao combate... (p.157)

Aqui temos um pronome e dois verbos no infinitivo. Segundo as regras de Julio Ribeiro, coloca-se o pronome ou antes do primeiro, ou depois do segundo ou entre ambos os verbos.

... *Iracema sem poder te salvar olha para a palmeira e ...* (p. 159)

... *Iracema quer te acompanhar e proteger guerreiro branco.* (p. 170)

A seguir destacamos também algumas colocações contrárias às normas gramaticais brasileiras, mas por não ser de nosso uso, segundo Martins (1997), soam mal aos nossos ouvidos:

***Ei-lo** que volta à terra natal, abraça a velha mãe...* (p. 119)

*A filha do Pajé passara como uma flecha; **ei-la** diante de Martim.* (p. 139)

*Martim **lho** arrebatou das mãos e bebeu as gotas do verde e amargo licor.* (p. 164)

Segundo Martim (op.cit.: 65), *nunca iniciar oração ou período com o pronome “se”, apesar de a próclise ser generalizada no Brasil*, embora na fala popular seja comum o uso inclusive no início de oração.

Se repetia o mavioso nome da senhora, o sorriso de Iracema... (p.13)

Se levantou o pajé em pé no meio da cabana e acendeu o cachimbo. (p. 133)

Se levanta no ressona da noite um grito vibrante, que remonta o céu. (p. 148)

Se o verbo termina em **r, s** ou **z** essas letras desaparecem e os pronomes tomam a forma de **lo, la, los, las**.

*Os olhos de seu pai gostam de vê-**lo**.* (p. 132)

*Desejava abrigá-**lo** contra todo o perigo, recolhê-**lo** em si como em um asilo impenetrável.* (p. 124)

*... que batia as asas e arrufava as penas com o prazer de vê-**la**.* (p. 217)

Verbos seguidos de **lhe, lhes, me, vos, te**, etc., não ocorre alteração no verbo.

*Afundaram-**lhe** as rugas e, repuxando as peles engelhadas...* (p. 144)

*Desce-**lhe** do céu ao atribulado pensamento uma inspiração...* (p. 162)

*- Leva-**me** onde está Poti, meu irmão.* (p. 169)

Segundo Maia (2000): o uso do gerúndio na linguagem culta confirmando a ênclise.

*Vendo-**a** entrar, Araquém partiu.* (p. 153)

*... agora encontrando-**a** triste e só, como a garça viúva...* (p. 217)

Nos casos abaixo temos o pronome se como reflexivo confirmando a ênclise.

*Iracema soltou-**se** dos braços do mancebo e olhou-**o** com tristeza.* (p. 128)

*O Pajé levantou-**se** em pé no meio da cabana.* (p. 133)

O rumor estranho que saía das profundezas da terra apagou-se de repente; fez-se na cabana tão grande silêncio que ouvia-se pulsar o sangue na artéria do guerreiro e tremer o suspiro na lábio da virgem. (p. 146)

...Irapuã saltou sobre o arco e uniu-se ao corpo do jovem guerreiro. (p. 142)

Martim doeu-se. Os grandes olhos negros que a indiana pousava nele o tinham ferido no íntimo. (p. 225)

Iracema, sentada com o filho no colo, banhava-se nos raios de sol... (245)

Nestes casos temos os pronomes pospostos aos verbos configurando a ênclise.

O velho abriu as pálpebras e cerrou-as logo. (132)

Iracema tomou a mão do guerreiro branco e beijou-a. (p. 149)

- Filho de Araquém, deita-te na porta da cabana... (p. 154)

A ênclise pode ocorrer também em frase iniciada por verbo desde que não esteja no tempo futuro e nas frases imperativas afirmativas.

- Arreda-te do inimigo, virgem dos tabajaras... (p. 145)

- Fica tu escondido entre as igaçabas... (p.116)

- Leva-me aonde está Poti, meu irmão. (p.169)

Também, queremos aqui abrir um parêntese quanto a colocação dos possessivos desacompanhados de artigo que são muitos e invariáveis em *Iracema* que, segundo Melo (1972: 83),

é um dos pontos em que Alencar faz timbre, evidenciando o artigo por amor da eufonia, da harmonia da frase. E, na defesa que faz desse modismo do estilo seu, invoca a autoridade dos antigos escritores. Longe de ser galicismo, diz ele, é clássico o uso do possessivo sem artigo.

Entre os incontáveis possessivos em *Iracema*, para exemplificar, recolhemos alguns:

...deixarei tua cabana e teus campos. (p. 15); A filha de teus inimigos. (p. 65); ... teu hóspede. (p. 112); ...de sua boca. (p. 53); ...de seu irmão. (p. 55); ... em teus campos. (p. 60); ...de teu corpo. (p.65); ... e seus pais. (p. 90); ... de teu irmão. (p. 95); ... de seu hóspede. (p. 54); ... de seus inimigos. (p. 91); ... Em seu rosto... (p. 88); Sua virgem pode estar... (p. 44)

Alencar preponderou também em seus diálogos a forma de tratamento entre as personagens. Diferenciou essas formas nas relações entre os indivíduos, na afetividade e como sinal de respeito. Preti (1975: 75), nos deixa claro esta passagem quando ele diz que: (...) *fatores situacionais, aliados aos naturais (em especial, linguagem de homem/mulher) podem determinar expressivas variantes de fala no romance alencariano, no que se refere ao tratamento empregado nas conversas.*

Ainda a propósito dos tratamentos, segundo Preti (1975: 90), é importante lembrar que Alencar observou na fala dos índios o coloquial de todos os dias, ou seja, a troca frequente das concordâncias pronominais:

seu diálogo e a própria narrativa registram, com frequência, uma colocação pronominal em desacordo com a norma culta, procurando o autor recriar um ritmo frásico que, talvez, atendesse mais à prosódia brasileira. (...) Curioso é notar que não poucas vezes mudou ele o pronome de posição, (...) desfazendo uma colocação regular e inserindo outra irregular.

Em *Iracema*, podemos agrupar as formas de tratamento que foram empregadas em *nominais* e *pronominais*, destacando-se o afeto, o respeito e a intimidade:

Nominiais: Formas afetivas

Estas formas eram usadas entre os guerreiros da tribo de *Iracema*. Verificamos na obra as seguintes ocorrências:

A nação tabajara é prudente. (p. 116)

Os tabajaras se consideravam valentes e prudentes. Esta forma de tratamento era usada entre eles como forma de afetividade quando venciam algum combate e usada pela tribo inimiga por questão de respeito.

O guerreiro Caubi vai chegar à taba de seus irmãos. (p. 128)

Caubi, irmão de Iracema, era considerado o mais forte da tribo e temido pelos inimigos pela sua valentia. A proteção e as caças da tribo lhe pertenciam, portanto, ele era uma espécie de “guia” da tribo. Seus irmãos de tribo lhe concediam este tratamento como forma de afetividade e também de respeito.

A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com ele arrojou-se às águas límpidas do rio. (p. 235)

Momento de grande afeto entre mãe e filho que acabara de nascer. Jovem, sozinha, considerada abandonada pelo esposo leva o filho consigo a lagoa Ibiapaba para se banharem.

Formas de respeito:

O ancião fumava à porta... (p. 103)

...o velho Pajé apagou o cachimbo. (p. 104)

O velho Andira, irmão do Pajé, a deixou tombar e calcou no chão... (p. 114)

É o velho herói (...), é o feroz Andira, quem derrubou o tacape... (p.114)

O respeito dos índios para com Moacir era tanto que chegavam a ser submissos ao visitante.

O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. (p. 106)

- *Senhor de Iracema, cerra seus ouvidos para que ela não ouça. (p. 159)*

- *Senhor de Iracema, ouve o rogo de tua escrava. (p. 176)*

A submissão de *Iracema* por *Martim* é uma constante. A índia se sente quase uma escrava de seu amor pelo estrangeiro, principalmente quando demonstra o seu carinho, seu amor e seu respeito ao esposo.

- *Iracema tudo sofre por seu guerreiro e senhor (...) Tua esposa quer que seu amor encha teu coração das doçuras do mel. (p. 184)*

Pronominais: Formas afetivas

No romance *Iracema* encontramos formas de tratamento na segunda pessoa do singular, com o pronome *tu* explícito ou não, principalmente nos diálogos entre *Iracema* e *Martim*. Exemplificando:

Nesta fala de *Martim* temos o pronome *tu* implícito.

- *Quebras comigo a flecha da paz? (p. 101)*

- **Podes** partir. *Iracema seguirá teu rasto; chegando aqui, virá tua seta e obedecerá à tua vontade.* (p. 217)

Aqui temos o pronome *tu* explícito e o verbo no subjuntivo negativo.

- *Não levas **tu** a luz dos olhos de Iracema e a flor de sua alma.* (p. 129)

- *Não queres **tu** que Iracema morra ou queres que ela te deixe morrer!* (p. 150)

O pronome *tu* explícito na forma interrogativa e o verbo no subjuntivo afirmativo.

- *Queres **tu** que ela se afaste?* (p. 190)

- *Queres **tu** que Iracema te acompanhe às margens do Aracaru?* (p. 215)

Aqui temos o pronome *tu* explícito funcionando como sujeito.

- ***Tu** és grande como o mar e bom como o céu.* (p. 213)

- ***Tu** ordenas, Poti fala.* (p. 159)

Intimidade:

Percebemos nessa primeira frase, que é uma fala de *Iracema*, um grau de intimidade; a oração está na interrogativa com o pronome *tu* no final, e no segundo exemplo, que é um diálogo entre *Iracema* e Moacir, podemos perceber o sentimento frágil tanto de um quanto do outro e o pronome *tu* também explícito.

- *Donde **vieste** a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como **tu**?* (p. 100)

Iracema tinha o lábio trêmulo e úmida a pálpebra:

- ***Tu me** deixas? Perguntou Martim (...)*

- *Iracema não pode ser **tua** serva.* (p. 109)

O pronome *tu* implícito

A palavra tremia nos lábios trêmulos de Moacir:

- ***Partirás** o guerreiro para que o sossego volte ao seio da virgem.*

- ***Levas** a luz dos olhos de Iracema e a flor de sua alma.* (p. 129)

O pronome *tu* condicional explícito na frase.

- *Se **tu** não vens, disse a virgem, Iracema morrerá contigo.* (p. 132)

É importante registrar também algumas concordâncias entre os pronomes já percebidos e usados na época por Alencar, em *Iracema*, empregados principalmente nos diálogos entre *Iracema* e Moacir confirmando o que nos relatou Preti (1975), que talvez o escritor brasileiro quisesse apenas recriar um ritmo para atender à prosódia brasileira. Conferimos a seguir algumas dessas colocações:

- *Pajé, eu te agradeço o agasalho que me deste.* (p. 106)

Pronomes pessoais e oblíquos de 1ª e 2ª pessoa.

- *Foi a Tupã que o Pajé serviu, ele te trouxe, ele te levará.* (p. 106)

Pronomes de 2ª e 3ª pessoa.

- *Tu me deixas? Perguntou Martim.* (p. 109)

Pronomes de 1ª e 2ª pessoa.

- *Ele te guiará às margens do rio das garças.* (p. 112)

Pronomes de 2ª e 3ª pessoa.

- *Teu sorriso, filha do Pajé, apagou a lembrança do mal que eles me querem.* (p. 120)

Pronomes de 1ª e 2ª pessoa.

Encontramos também o uso do pronome na terceira pessoa nas falas principalmente de *Iracema*:

Nessa fala de *Iracema* se sobressaem os pronomes pessoais e possessivos de terceira pessoa.

E, assim dizendo, *Iracema* tinha o lábio trêmulo e úmido a pálpebra:

- *Estrangeiro Iracema não pode ser sua serva. É ela que guarda o segredo da jurema e o mistério do sonho. Sua mão fabrica para o Pajé a bebida de Tupã.* (p. 109)

Nessa fala temos o pronome de terceira pessoa implícito e os verbos no presente, no futuro e no subjuntivo.

Iracema soltou-se dos braços do mancebo e olhou-o com tristeza:

- *Guerreiro branco, Iracema é filha do Pajé e guarda o segredo da jurema. O guerreiro que possuísse a virgem de Tupã morreria.* (p.90)

Nesse exemplo temos dois pronomes pessoais – *ela* - introduzidos pelos verbos *deixou* e *pode* e um pronome possessivo.

Iracema pousou a mão no peito do guerreiro branco:

- *A filha dos tabajaras já **deixou** os campos de seus pais; agora **pode** falar...* (p.171)

No exemplo abaixo, que é uma fala de *Iracema*, podemos confirmar o que Preti (1975) relata. Segundo o autor, o romancista brasileiro procurou recriar um ritmo frásico desfazendo a colocação regular dos pronomes por outra irregular. Portanto, Alencar observou na fala dos índios o coloquial de todos os dias, ou seja, a troca frequente das concordâncias pronominais, como podemos observar, ainda em Preti (op. Cit.: 90).

seu diálogo e a própria narrativa registram, com frequência, uma colocação pronominal em desacordo com a norma culta, procurando o autor recriar um ritmo frásico que, talvez, atendesse mais à prosódia brasileira. (...) Curioso é notar que não poucas vezes mudou ele o pronome de posição, (...) desfazendo uma colocação regular e inserindo outra irregular.

A esposa pousou as duas mãos no ombro do guerreiro e reclinou ao peito dele:

- *Iracema tudo **sofre** por **seu** guerreiro e senhor. (...) Tua esposa quer que **seu** amor encha teu coração das doçuras do mel, e o sossego **volte** ao seio da filha dos tabajaras; **ela** vai deixar a taba dos inimigos do **seu** povo.* (p. 184)

Ainda, exemplificando a fala de Preti, os pronomes estão implícitos podendo ser percebidos através dos verbos *é* e *suspirou* que estão na terceira pessoa.

- *O amor de Iracema é como o vento dos areais: mata a flor das árvores, **suspirou** a virgem.* (p.125)

Travou a mão do esposo e a impôs no regaço:

- *Teu sangue já vive no seio de Iracema. **Ela** será mãe de teu filho.*

- *Filho, dizes tu? Exclamou o cristão em júbilo.* (p. 202)

Alencar não seguia a norma padronizada dos lusitanos. Até mesmo no pós-escrito de *Iracema*, podemos perceber passagens em que o escritor posiciona pronomes que contraria a regra da língua portuguesa, ou seja, começando frase com pronome oblíquo átono. Para Alencar essas regras não tinham fundamentos, eram apenas arrogância e lição de bons costumes dos gramáticos e dos escritores contemporâneos.

... me parece, com respeito devido a tão grande autoridade, que houve engano nessa asserção... Tal regra não passa de arbítrio que sem fundamento algum se arrogam certos gramáticos. Pelo mecanismo primitivo da língua, como pela melhor lição dos bons escritores, a regra a respeito da colocação do pronome e de todas as partes da oração é a clareza e elegância, eufonia e fidelidade na reprodução do pensamento.
Alencar (2007: 299)

As críticas e opiniões de escritores portugueses e até mesmo de brasileiros, da época, rendeu a Alencar uma reputação de “inovador, incorreto e descuidado”, porém Melo (1972:55), nos deixa, a saber, que *nosso romancista sempre esteve próximo do que poderíamos chamar de “brasilidade pronominal”*.

Como vimos, muitos são os casos em que fazemos uso dos pronomes e, alguns deles, como é o caso de *o, a, os, as* e que muitas vezes são substituídos por *lo, la, los e las* são usados na linguagem culta e por questão de fonética, segundo nos mostrou Bechara (1997). Nos casos que citamos, nesse item, ficou claro o uso dos pronomes pelo romancista, tendo em vista que Alencar se fez livre em usá-las tanto na norma culta da língua portuguesa quanto na língua falada aqui no Brasil. Esta liberdade de estilo lhe custou muitas críticas de seus contemporâneos e o escritor brasileiro não se titubeou, teve respostas para todas elas no pós-escrito de sua obra se defendendo como *um autor arguido que deseja arredar de si a pecha*.

3.7 – O princípio da imanência

Para esta pesquisa, orientamo-nos pelo método de investigação proposto pela Historiografia Linguística, de maneira especial, pelos princípios propostos por Koerner (1996): contextualização, imanência e adequação teórica.

A *imanência* se faz presente em *Iracema* compondo o quadro teórico da *metalinguagem*, com o objetivo de colocar o passado em relação ao próprio passado e, também, ao presente, no estilo, na linguagem, nos gêneros e nos modelos literários diversos. Dentro desta perspectiva, voltemos nossos olhares para Coutinho (1971: 153), quando ele diz que:

o romancista incitou o movimento de renovação; acentuando a necessidade de adaptação dos moldes estrangeiros ao ambiente brasileiro, em lugar da simples imitação servil; defendendo os motivos e temas brasileiros, sobretudo indígenas, para a literatura, que deveria ser a expressão da nacionalidade;

reivindicou os direitos da linguagem brasileira; colocou a natureza e a paisagem física e social brasileira em posição obrigatória no descritivismo romântico; exigiu o enquadramento da região e do regionalismo na literatura; apontou a necessidade de ruptura com os gêneros neoclássicos, em nome de uma renovação que teve como consequência a criação de uma ficção brasileira (...) Alencar deu um enérgico impulso à marcha da literatura para a alforria.

Como, ainda afirma Coutinho (op. Cit.:154), a literatura brasileira se encontrava presa às normas européias. Alencar a impulsionou com seu novo estilo para a liberdade que, simbolicamente, ganhou carta de alforria. Diante de tantas renovações à literatura, o romancista nos evidenciou a sua própria ficção que, segundo Brasil (1980), apesar de ter sido um grande cultivador do romance indianista e do romance urbano, não teve prestígio na época.

Dentro deste panorama, destacamos no romance, o argumento histórico, assim como a colonização do Ceará, que se deu em 1606. Percebemos então, a presença de personagens históricos como Martim Soares Moreno, que foi um colonizador português que se aliou aos índios Pitiguaras e Poti, Antônio Felipe Camarão. Alencar, através do romance de *Iracema* e Martim, romantizou o processo de colonização do Ceará e que, por simbologia, deu segmento a colonização do Brasil. Podemos perceber então, que *Iracema* representou uma espécie de harmonia e acordo entre o índio e o branco, ou seja, uma conciliação entre os dois povos.

A figura do índio para Alencar era muito forte. Assim, o escritor faz uso do próprio romantismo temático europeu no processo da colonização do país, estabelecendo o mito heróico da pátria de natureza indianista. Prestigiava a leitura de autores famosos da época como: Chateaubriand, Lamartine, Hugo, Herculano e Garret. Confessou esse fato em *Como e porque sou romancista* (1990: 40). O índio foi para o escritor, fonte de nobreza nacional, ponto de semelhança do “bárbaro” da Idade Média, conferindo-lhe características “romanescas” que alimentou fantasias de muitos poetas. Sobre este assunto, vejamos o que nos afirma Bosi (1994: 110).

O índio de Alencar, fonte de nobreza nacional, seria, em princípio, o análogo do “bárbaro”, que se impusera no Medievo e construiu o mundo feudal: eis a tese que vincula o passadista da América ao da Europa. O Romantismo refez à sua semelhança a imagem da Idade Média, conferindo-lhe caracteres “romanescos” de que se nutriu largamente a fantasia de poetas, narradores e eruditos durante quase meio século.

Na idealização do índio, Alencar não fez comparações nem imitações aos heróis Medievais, porém o colocou no lugar desses heróis assim como os cavaleiros Medievais. Nesse contexto, podemos ver então, a razão que nos faz presumir a verdade, a possibilidade, a esperança provável e desejável do autor, mediante aos fatos, por conseguinte o autor nos apresenta vários pontos em comum: o tema da felicidade primitiva dos selvagens que começa a se corromper diante da primeira aproximação do civilizador; a ideia do bom selvagem; o amor de uma índia por um estrangeiro; a morte da heroína; o exótico da paisagem; enfim, o conflito dos dois mundos representados por caráter e tendências diferentes – o da velha civilização europeia e o novo mundo da América.

Assim sendo, segundo Nascimento (2005), o homem precisa de algo que lhe traga as ideias e as teorias passadas para o presente, como já foi dito. Para isso, o historiógrafo faz uso deste princípio – a imanência – com a aplicação do processo da metalinguagem juntamente com o princípio da contextualização, é possível restaurar e possibilitar a compreensão do documento, sem que haja aspectos de uma má interpretação e investigação, o que parece ser uma linha segura de interpretação historiográfica.

3.8 – O princípio da adequação teórica

No século XIX, os brasileiros tinham consciência da própria independência. A partir daí, buscavam a consistência no que ainda se encontrava preso aos métodos europeus. Dessa forma, almejavam-se a própria identidade, tanto política quanto econômica, social e linguística. Portanto, os especialistas historiógrafos da língua, buscam nos registros materializados em língua no século XIX uma aproximação com a atualidade.

No pós-escrito de *Diva* (2002: 130), Alencar pronuncia defesas a respeito de seus conhecimentos do idioma brasileiro consciente de uma contínua transformação:

A língua é a nacionalidade do pensamento como a pátria é a nacionalidade do povo. Da mesma forma que instituições justas e racionais revelam um povo

grande e livre, uma língua pura, nobre e rica anuncia a raça inteligente e ilustrada.

Não é obrigando-a a estacionar que hão de manter e polir as qualidades que porventura ornem uma língua qualquer, mas sim fazendo que acompanhe o progresso das ideias e se molde às novas tendências do espírito, sem contudo perverter a sua índole e abastar-se.

Criar termos necessários para exprimir os inventos recentes, assimilar-se aqueles que, embora oriundos de línguas diversas, sejam indispensáveis, e, sobretudo, explorar as próprias fontes, veios preciosos onde talvez ficaram esquecidas muitas pedras finas; essa é a missão das línguas cultas e seu verdadeiro classicismo.

Quanto à frase ou estilo, também se não pode imobilizar quanto o espírito, de que é ela a expressão, varia com os séculos de aspirações e de hábitos. Sem o arremedo vil da locução alheia e a imitação torpe dos idiotismos estrangeiros, devem as línguas aceitar algumas novas maneiras de dizer, graciosas e elegantes, que não repugnem ao seu gênio e organismo.

3.8.1 – Emprego do gerúndio

Segundo Bechara (1997), os gerúndios expressão ações que ainda estão em andamento, ou simplesmente uma ação que está sendo feita no mesmo momento que outra, para dar assim uma ideia de indefinição, portanto segundo Pinto (1965), os gerúndios usados por Alencar em *Iracema* remetem ao leitor à ideia do momento em que ocorriam as lembranças do Autor e também no sentido de se livrar da influência lusitana. Pinheiro Chagas considerou este novo estilo do romancista de *defeitos e acessórios colocados ao fundo da paisagem*, conforme Alencar (apud 1965: 194). Entretanto, posteriormente, Melo (1972: 15-88), desmentiu essa crença, concluindo que Alencar escrevera

em boa língua portuguesa, mas com estilo brasileiro. O brasileirismo do estilo de Alencar, todavia, serviu, no século passado, para que seus adversários mais ferrenhos procurassem denegri-lo, acusando-o de desconhecer o vernáculo, de escrever mal, fugindo aos padrões cultos da língua, únicos indicados para o processo literário.

Segundo Martins (1997), o gerúndio antecedido de um verbo auxiliar tem sido considerado uma característica no uso brasileiro. Assim, dizemos que, alguém *vive reclamando, está dormindo, anda estudando* etc. ao passo que, em Portugal é nítida a preferência pelo infinitivo regido da preposição *a* – *continuamos a esperar, vive a reclamar, anda a estudar* etc. Evidenciaremos nesse item algumas ocorrências do gerúndio usadas por Alencar em *Iracema* como base em nosso estudo:

Nesse primeiro exemplo, o gerúndio tem a função de advérbio de lugar

*Onde vai branca Alcione, **buscando** o rochedo...* (p. 95)

Nos exemplos abaixo, podemos evidenciar a função do gerúndio como advérbio de modo

*... quando a lua passeava no céu, **argenteando** os campos...* (p. 96)

*O pé grácil e nu, mal **roçando**, alisava apenas...* (p. 99)

*Pajé, que velou toda a noite, **falando** às estrelas...* (p. 113)

*... o jovem guerreiro de novo deixa o teto paterno e **demandando** o sertão?* (p. 119)

*- Mas não chamará! Respondeu o chefe, **esclarecendo**.* (124)

*... ao pôr do sol atravessam a capoeira **recolhendo** ao aprisco...* (p. 130)

*... o guerreiro Caubi, **vergando** os ombros robustos...* (p. 130)

O gerúndio ao lado do verbo principal funcionando como uma locução verbal

*O potiguara já tremeu **ouvindo** rugir na serra...* (p. 116)

*... hesitou **inclinando** o ouvido sutil aos suspiros da brisa.* (p. 119)

*... um estrangeiro era **vindo** à cabana de Araquém.* (p. 122)

*Veio **farejando** a presa.* (p. 122)

*... à doce afeição que iam **filtrando** nela os olhos do estrangeiro.* (p. 124)

*... poderá partir com o sol que vem **nascendo**.* (p. 128)

O gerúndio funcionando como aposto

*... tomou as armas que, **chegando**, suspendera às varas da cabana...* (p. 133)

Gerúndio iniciando frase em sua forma simples expressando uma ação em curso

***Acompanhando** o pensamento, seus braços...* (p. 124)

***Cedendo** à meiga pressão, a virgem reclinou...* (p.120)

***Dizendo** estas palavras, o chefe...* (p. 124)

Gerúndio na interrogativa com a função de advérbio de modo

*- Iracema? exclamou o guerreiro, **recuando**.* (p. 121)

Gerúndio anteposto ao pronome reflexivo “consigo” com a função de reciprocidade

*...deu a haste ao desconhecido **guardando** consigo a ponta farpada.* (p.101)

*O estrangeiro **partindo-se** de teus campos....* (p. 149)

3.8.2 – Os adjetivos

Alencar vira no índio quem melhor representaria a literatura e a política de seu projeto de identidade nacional, no entanto empresta ao bom selvagem brasileiro, adjetivos fundados na tradição caracterizando a fauna, a flora e a natureza nacionalista. Note-se logo no primeiro capítulo a abundância de adjetivos reveladores de admiração principalmente à personagem *Iracema*. Nesse item apresentamos alguns adjetivos inseridos em *Iracema* por Alencar:

Em Iracema:

- *Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos...* (p. 99)
- - Venho de bem longe, **filha das florestas**. (p. 101)
- - Ninguém fez mal ao teu hóspede, **filha de Araquém**. (p. 111)
- *Martim sorriu do ingênuo desejo da filha do Pajé*. (p. 118)
- *Todos os ligeiros rumores da mata tinham uma voz para a selvagem filha do sertão* (p. 119)
- *Não tinha sorrisos, nem cores, a virgem indiana*. (p. 127)
- - *Os guerreiros de meu sangue trazem a morte consigo, filha dos tabajaras* (p. 129)
- - *Teu deus falou pela boca do Pajé: Se virgem de Tupã abandonar ao estrangeiro a flor de seu corpo, ela morrerá!* (p. 146)
- - *A filha dos inimigos vem a ti, porque o estrangeiro ti ama, e ela ama o estrangeiro*. (p. 151)
- - *Conta, virgem das serras, o que sucedeu em teus campos depois que a eles chegou o guerreiro do mar*. (p. 152)
- - *Suspende a voz e o respiro, virgem das florestas; o ouvido inimigo escuta na sombra*. (p. 152)
- ... *aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amores*. (p. 161)
- - *Virgem formosa do sertão, esta é a última noite que teu hóspede dorme na cabana de Araquém...* (p. 162)
- ... *porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã* (p. 200)
- *A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços* (p. 235)

Martim:

- *Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano...* (p. 95)
- *O moço guerreiro, encostado ao mastro ...* (p. 96)
- *- Guerreiro branco, espera que Caubi volte da caça.* (p. 112)
- *... mas o hóspede de Tupã é sagrado* (p. 142)
- *Cismava o guerreiro cristão; ele não podia crer que o deus dos tabajaras...* (p. 145)
- *- O hóspede de Araquém não pode sair desta cabana...* (p. 149)

3.8.3 – Expressões literárias

A comparação é a principal figura de linguagem utilizada pelo autor. As comparações, as metáforas ou metonímias foram usadas por Alencar em *Iracema*, segundo Melo (1972), com a finalidade de desenvolver a precisão da descrição além de aproximar o leitor às imagens das terras Brasileiras e apresentar o índio como uma figura idealizada dentro do contexto histórico da época. Assim podemos constatar na obra algumas passagens reveladoras desse sentimento alencariano que são comparações e imagens tomadas à natureza, às cenas, à flora e à fauna brasileiras:

Os exemplos aqui mencionados nos exemplificam casos comuns em que as comparações estão explícitas nas frases com o nexos conjuncional *como*:

- *O favo da jati não era doce **como** seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.* (p. 5)
- *O guerreiro tabajara, é **como** o gavião.* (p. 18)
- *Iracema dobrou a cabeça sobre a espádua, **como** a tenra palma da carnaúba, quando a chuva peneira na várzea.* (p. 23)
- *Tua boca mente **como** o ronco da jibóia* (p. 52)
- *O grito rouco troou nas arcas do peito **como** o frêmito da sucuri na profundez do rio.* (p. 53)
- *O pajé desenvolvera a alta e magra estatura **como** a caniana assanhada que se enrista para afrontar a vítima em face.* (p. 53-54)
- *O coração de Iracema está **como** o abati n'água do rio.* (p. 55)

- *Sua palavra é **como** a seta de teu arco: quando soa, é chegada.* (p. 141)
- *Os lábios suspirosos da mísera esposa se moveram **como** as pétalas do cacto que um sopro amarrota, e ficaram mudos.* (p. 167)
- *Martim seguia silencioso a virgem, que fugia entre as árvores **como** a selvagem cutia.* (p. 172)
- *A desventurada mãe desfaleceu **como** a jetica, se lhe arrancam o bulbo.* (p. 176)
- *Mas a formosura ainda morava **como** o perfume na flor caída do manacá.* (p. 176)
- *Martim sentiu quanto um amigo verdadeiro é preciso na desventura: é **como** o outeiro que abriga do vendaval o tronco forte e robusto do Ubiratã, quando o cupim lhe broca o âmodo.* (p. 177)
- *Nesse instante seu coração transudou, **como** o tronco do jetaí nos ardentes calores, e orvalhou sua tristeza de lágrimas abundantes.* (p. 180)
- *... sua palavra é **como** a seta de teu arco.* (p. 144)

Nos exemplos abaixo o símile está implícito; conexão comparativa *que*.

- *A virgem... que tinha os cabelos mais negros **que** a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.* (p.5)
- *O nome de Irapuã voa mais longe **que** o guaná do lago quando sente a chuva além das serras.* (p. 29)
- *Iracema é a rôla **que** o caçador tirou do ninho.* (p. 169)

Iracema é uma obra em prosa em que seu autor privilegiou a harmonia e a musicalidade. Seus períodos segundo Martins (1988), são construídos com bastante frequência de segmentos de extensão equivalente em nos dão a entender que são verdadeiros versos. Para exemplificar o que foi dito, tomemos o primeiro parágrafo do capítulo cinco da obra e separemos por barras de segmentos rítmicos, ou seja, os grupos de palavras ligados pela entonação, separados por pausas maiores ou menores:

O galo da campina / ergue a poupa escarlate / fora do ninho. Seu límpido trinado / anuncia a aproximação do dia. / Ainda a sombra cobre a terra. / Já o povo selvagem / colhe as redes na grande / e caminha para o banho. / O velho Pajé / que velou toda a noite / falando às estrelas, / conjurando os maus espíritos das trevas, / entra furtivamente na cabana. / Eis retroa a boré / pela amplidão do vale.

De acordo com a leitura ligeiras diferenças podem ocorrer na distinção dos segmentos com pausas maiores e menores, confirmando o que Melo (1988) nos disse, porém a estruturação sintática da frase não permite diferenças muito acentuadas. Assim, Martins (1988: 41) nos afirma que:

predomina nessa obra a frase curta, simples ou constituída de breves orações, sobretudo coordenadas, sindética em sua maioria (...) e que o símile se apresenta implícito ou explícito, numa só frase ou em frases independentes; com a repetição do verbo, com verbos de significação semelhante ou em elipse do verbo na oração comparativa; sem nexos comparativos ou com liames diversos.

Exemplificando:

Nesse período temos uma comparação implícita em orações coordenadas assindéticas; repetição do verbo *ter*. (cap. VIII, p. 127)

*Não **tinha** sorrisos, nem cores, a virgem indiana: não **tem** borbulhas, nem rosas, a acácia que o sol crestou; não **tem** azul, nem estrelas, a noite que enlutam os ventos.*

Aqui temos também a comparação implícita nas orações coordenadas assindéticas; verbos: *lobrigar* e *ver*. (cap. III, p. 103)

*O pajé **lobrigou** os dous vultos que avançaram; cuidou **ver** a sombra de uma árvore solitária que vinha alongando-se pelo fora.*

No exemplo abaixo temos orações independentes; repetição do verbo; temos também a conexão comparativa do termo *assim*. (cap. VIII, p. 128)

*A filha do pajé **estremeceu**. **Assim estremece** a verde palma, quando a haste frágil foi abalada; **rorejam** do espato as lágrimas da chuva, e os leques **ciciam** brandamente.*

Temos um período com orações independentes sendo que, nas duas primeiras as comparações são implícitas; a comparação só é explícita na terceira com a conexão da conjunção *como*. (cap. V, p. 114)

*O gavião paira nos ares. Quando a nambu levanta, ele cai das nuvens e rasga as entranhas da vítima. O guerreiro tabajara, filho da serra, é **como** o gavião.*

Na frase a seguir, tomando as palavras de Martins (1988: 42), temos a comparação em uma só frase, *com verbos sem relação semântica; o ponto de analogia é a noção de número de combates e luas, expressa pelo indefinido mais*; e o nexos comparativo vem introduzido pelo termo *do que*. (cap. V, p. 116)

Ele viu mais combate em sua vida, do que luas lhe despiram a frente.

Aqui temos verbos sinônimos: *trota, estugava o passo*. Temos a comparação em uma só frase com o termo conjuntivo *como* no início da frase, retomada na oração principal pelo advérbio *assim*. (cap. XI, p. 141)

Como trota o guará pela orla da mata, quando vai seguindo o rasto da presa escápula, **assim estugava o passo** o sanhudo guerreiro.

Nessa frase temos uma comparação usual com a conexão da conjunção *como*; oração subordinada com a elipse do sintagma verbal. (cap. VI, p. 118)

Iracema dobrou a cabeça sobre a espádua, como a tenra palma da carnaúba, quando a chuva peneira na várzea.

Na oração abaixo temos a comparação explícita com a conexão do adjetivo *semelhante*. (cap. XVII, p. 173)

Martim ficou mudo e triste, semelhante ao tronco d'árvore a que o vento arrancou o lindo cipó que o entrelaçava.

Nesse período temos a comparação numa só oração com a conexão do verbo de ligação *parece* com a função de denotar uma semelhança. (cap. XXI, p. 188)

O cabo sobranceiro parece a cabeça calva do condor, esperando a li a borrasca, que vem dos confins do oceano.

Nesses exemplos pudemos observar que a figura de linguagem mais usada por Alencar em toda a obra foi a “comparação” (símile ou metáfora). O escritor brasileiro caracteriza o termo comparante, sempre tomado à “Natureza”, como nos afirma Melo (1988: 43), *com expressivos pormenores, precisando e alongando o símile*.

3.8.4 – Os verbos intransitivos

Diversas vezes Alencar construiu verbos intransitivos com forma depoente, ou seja, o verbo na sua forma passiva, porém sentido ativo: homem viajado (= “que viajou muito”). Segundo Melo (1972: 99), são construções tachadas de “arcaísmos. São suas palavras: *Hoje já não se emprega essa construção semipassiva ou depoente. Em vez de ser ou ter ou haver: haviam fugido, tinha chegado.* Na análise dessas construções em *Iracema* reunimos aqui alguns exemplos:

- ...um estrangeiro **era vindo** à cabana de Araquém. (p. 28)
- ... o irmão de Iracema anuncia que **é chegado** aos campos dos tabajaras. (p. 36)
- Poti **é chagado** para o salvar. (p. 66)
- ... já **é chagado** à porta da cabana... (p. 72)
- Poti **é chegado** à cabana do grande Maranguab. (p. 122)
- ... conheceu que o ancião **era finado**... (p. 123)
- ... teu irmão **é chegado** à taba de seus guerreiros... (p. 139)
- Sua palavra é como a seta de teu arco: quando soa, **é chagada**. (p. 144)
- ... adivinhou que eles **eram partidos** para a guerra. (p. 164)

José de Alencar usou também alguns vocábulos que segundo Melo (1972), eram “formas de uso mais restrito, quase sempre de uso exclusivamente literário”, o que seria segundo o autor, mais um documento da “aristocracia de estilo” de Alencar:

- ... **perlongando** as alvas praias ensombradas de coqueiros. (percorrer ao longo – p. 95)
- Onde vai como branca **alcíone**, buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano? (ave aquática – p. 95)
- **Lenho** (jangada), singlar, veloce, agro, argentear, rugitar. Segundo Melo (1972), criação do próprio Alencar, tomada diretamente do latim *rugitus* = “ruído”.
- Deus te leve a salvo, **brioso**¹ e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te **poje**² nalguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas **auras**³; e para ti

- jaspeie*⁴ a bonança de leite! (1- corajoso; 2- tirara da embarcação; 3 -brisa; 4- dar aparência de jaspe, isto é pedra preciosa de cor verde. p.96).
- *Iracema saiu do banho: o aljôfar*¹ d'água ainda a *roreja*² como à doce *mangaba*³ que corou em manhã de chuva. (1- pérola, gota; 2- banhar; 3- fruto da mangueira. p. 99-100)
 - *O ténue sopro da brisa carneava*¹, como *frocos*² de algodão os compridos e raros cabelos brancos. (1- desfazer; 2- o mesmo que flocos. p. 103)
 - *O Pajé lobrigou os doutos vultos que avançavam...* (ver com dificuldade; perceber. p. 103)
 - *O Pajé inspirado conduzia o sagrado tripúdio e dizia ao povo crente os segredos de Tupã.* (dança acompanhada do bater dos pés. p. 111)
 - *Quando ele transmontou o vale e ia penetrar na mata, surgiu o vulto de Iracema.* (atravessar p. 111)
 - *Nós guardamos as serrara, donde manam*¹ os córregos, com os frescos ipus onde cresce a *maniva*² e o algodão... (1- brotar, jorrar; 2- mandioca. p. 113)
 - *Derrubando a fronte, cobre o rúbido olhar...* (avermelhado, p. 114)
 - *Pasma o povo tabajara da ação desusada.* (anormal, extraordinária. p.114)
 - *Andira quem derrubou o tacape, núncio da próxima luta?* (mensageiro, p. 114)
 - *A planta respira; um suave arrepio erriça*¹ a verde *coma*² da floresta. (1- o mesmo que eriçar, arrepiar; 2- copa de árvores frondosa. p. 117)
 - *Foi a lembrança da pátria que trouxe a saudade ao coração presago.* (o mesmo que pressago, que adivinha. p. 118)

3.8.5 – Marcas de oralidade no uso brasileiro

Iracema é um romance histórico ficcional em podemos constatar a preocupação de seu escritor em expressar seus sentimentos e preocupações em preservar tudo o que de nacional. Portanto, na figura do índio enunciou o tema nacionalístico, influenciado pelo mito do bom selvagem. Na visão de Alencar o índio apresentava a perfeita conciliação entre o homem e a natureza materializada nos elementos locais como: objetos, hábitos crenças etc. Podemos perceber também, no romance, que Alencar se esforçou em preservar a oralidade em grau de autonomia à conquista da identidade nacional. Dessa forma Alencar como um escritor romântico e com sua originalidade não

se absteve à generosidade no emprego dos adjetivos considerados excessivos pelos opositores de época e sob a óptica atual, o uso das metáforas, da prosopopeia, da comparação e da símile, como já foi apontado nesse estudo. Ao fazer uso dessas figuras Alencar tinha como objetivo, exaltar o índio e a natureza.

Levando-se em conta esses fatores, o escritor romancista preservou a oralidade brasileira, enfatizando sempre os períodos e orações curtas e o uso da próclise em que já apontamos também nessa pesquisa. Com isso, o que lhe resultou foi uma linguagem exuberante, colorida e marcada pela maleabilidade de seu estilo. Dessa forma Marcuschi (2007: 09), defende a tese de que a língua se funde a partir do momento que ela passa ser usada, então

... falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Portanto, é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática.

Assim, a mistura da tradição europeia com a beleza, coragem e virtudes dos índios preservaram a oralidade brasileira e construíram a base étnica da nação brasileira.

3.9 – A identidade linguística brasileira em *Iracema* de José de Alencar

Mesmo seguindo a produção dos aspectos literários europeus, a produção literária brasileira traçou contornos extremamente próprios e renovadores em que se criou o projeto de construção de uma identidade brasileira.

A nova geração literária, que veio surgindo após a independência no Brasil, foi marcada por uma nova fase de liberdade, tendo em vista um novo caráter quanto à expressão linguística, à exuberância da natureza tropical, às questões político-sociais, ao indianismo e ao nacionalismo.

Por meio desta narrativa, o romancista propiciou a origem de uma grande inovação, uma escrita com aspecto renovado pelo contato da língua portuguesa com as tradições, os rituais e os falares das nações indígenas, a fauna e a flora nativas, a terra de

areias nuas, as serras que azulam no horizonte, as suaves brisas do entardecer e o mar bravio do nordeste brasileiro.

Alencar conseguiu renovar o aspecto linguístico brasileiro, introduzindo inúmeros termos da Língua Tupi e também registros da sua terra natal que foram as matas virgens, as serranas, os vales, os agrestes, as praias. Conseguiu também em seu ímpeto, ir além e trazer expressões indígenas para a língua portuguesa em que estão exemplificados na passagem abaixo:

O mel dos lábios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da andiroba: tem na doçura o veneno. A virgem dos olhos azuis e dos cabelos do sol guarda para seu guerreiro na taba dos brancos o mel da açucena. (cap. VIII, p. 129)

Alencar inicia sua obra, situando-a em um determinado espaço que é o da natureza brasileira. Ele próprio se integra neste espaço nacionalístico com o objetivo de valorizar a natureza e que mais tarde, Machado de Assis a chamou de “obra-prima”. Conferimos então nessa passagem:

Verdes mares bravios de minha terra natal onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba; verdes mares, que brilhaiis como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros; Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas. (cap. I, p. 95)

A língua brasileira começa a se distanciar da língua normativa d'além-mar. Adquiri um novo aspecto pelo falar e sentir de uma nova geração, uma nova gente, um povo que, segundo a lenda de *Iracema*, se iniciava com a miscigenação da índia de cabelos negros e o guerreiro branco que aceitou em se tatuar de “Coatiabo” porque se encantara com os filhos da terra: *Iracema* e seu irmão Poti. Esta intenção do autor, podemos observar claramente nesta passagem:

O estrangeiro, tendo adotado a pátria da esposa e do amigo, devia passar por aquela cerimônia, para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupã. Nessa intenção fora Poti se prover dos objetos necessários. Iracema preparou as tintas. O chefe, embebendo as ramas da pluma, traçou pelo corpo os riscos vermelhos e pretos, que ornavam a grande nação pitiguara. Depois pintou na fronte uma flecha e disse:
- Assim como a seta traspassa o duro tronco, assim o olhar do guerreiro penetra n'alma dos povos.
No braço pintou um gavião:

- Assim como o anajê cai das nuvens, assim cai o braço do guerreiro sobre o inimigo.

No pé esquerdo pintou a raiz do coqueiro:

- Assim como a pequena raiz agarra na terra o alto coqueiro, o pé firme do guerreiro sustenta seu corpo robusto.

No pé direito pintou uma asa:

- Assim como a asa a andorinha rompe os ares, o pé veloz do guerreiro não tem igual na corrida.

Iracema tomou a rama da pena e pintou uma abelha sobre folha de árvore; sua voz ressoou entre sorrisos:

- Assim como a abelha fabrica o mel no coração negro do jacarandá, a doçura está no peito do mais valente guerreiro.

Martim abriu os braços e os lábios para receber corpo e alma da esposa.

- Meu irmão é um grande guerreiro da nação pitiguara; ele precisa de um nome na língua de sua nação.

- O nome de teu irmão está em seu corpo, onde o pôs tua mão.

- Coatiabo! Exclamou Iracema.

- Tu disseste; eu sou o guerreiro pintado; o guerreiro da esposa e do amigo.

Poti deu a seu irmão o arco e o tacape, que são as armas nobres do guerreiro.

Iracema havia tecido para ele o cocar e a aração, ornatos dos chefes ilustres. (págs. 205 e 206)

Martim, o guerreiro branco, pintou todo o seu corpo e, pelas mãos do romancista cearense, integrou-se e rendeu-se aos hábitos e costumes indígenas. Aos olhos do guerreiro branco nada, em meio aos índios, lhe era estranho. O europeu queria ser conhecido como um dos habitantes desta terra nativa. Participava de todas as atividades indígenas como: o plantio, o preparo e a colheita do milho, da mandioca, do algodão da caça e da pesca e participava também, da hospitalidade de Araquém na grande taba guerreira inimiga. Na obra de *Iracema* são inúmeras as passagens que nos chamam a atenção dentro desse contexto, no entanto vale a pena citar algumas:

É Tupã que traz o hóspede à cabana de Araquém. Assim dizendo, o Pajé passou o cachimbo ao estrangeiro. O mancebo sentou-se na rede principal, suspensa no centro da habitação. Iracema acendeu o fogo da hospitalidade e trouxe o que havia para satisfazer a fome e a sede. ... o estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. págs. 104 e 106)

Poti e Martim partiram dali logo na alva do dia para colheita do milho e do algodão. Martim não se intimidava, adotara a terra de seus irmãos. (p. 142)

Martim partia para a caça com Poti. (p.199) Uma manhã Poti guiou Martim à caça (p. 202).

No meio da cabana, entre as redes armadas em quadro, estendeu Iracema a esteira da carnaúba, e sobre ela serviu os restos da caça e a provisão de vinhos da última lua. (p. 147)

A rede, é por certo, a maior herança brasileira, muito comum ainda, no Nordeste brasileiro, vinda dos índios. Era no colo da rede, que Martim permitia os mais valiosos e preciosos pensamentos, em que se rendia a todos eles. Vejamos:

A alva rede, que Iracema perfumara com a resin do beijoim, aguardava-lhe um sono calmo e doce. (p.112)

Martim se embala docemente; e como a alva rede que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. (p. 161)

Todas as noites a esposa perfumava seu corpo e a alva rede, para que o amor do guerreiro se deleitasse nela. (p. 204)

A rede está ligada também intimamente à simbologia feminina – gravidez e nascimento – nela está ligada a imagem de acolhimento e gestação do novo, ou seja, o berço ancestral dos índios, segundo Abreu (2003).

A alva rede que Iracema perfumara com resina de beijoim guardava-lhe um sono calmo e doce. (...) (p.112)

- O nascido de teu seio dorme nesta rede (...) (p. 238)

A jovem mãe cruzou as franjas da rede, para que as moscas não inquietassem o filho. (p. 241)

Iracema tirou da rede a criança, e ambos, mãe e filho palpitaram sobre o peito do guerreiro tabajara. (p. 242)

Alencar oportunizou-se de *Iracema* para testemunhar o nascedouro do povo cearense, o registro da fauna e da flora da região, como também nos apresentou os alimentos, os usos e os costumes nativos ancestrais, como já foi dito em parágrafos anteriores. Enriqueceu também sua obra com falares indígenas. Um léxico que ficou registrado nos temas, nas comparações, nos empregos pronominais, nos gerúndios, no tratamento, enfim, um jeito específico brasileiro em uso. Dessa forma, Alencar se preocupou com a língua falada no Brasil, tendo em vista o uso de seu estilo próprio. Assumiu uma atitude de Romântico Nacionalista, ao privilegiar as escolhas linguísticas e as marcas lexicais de uso específico no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, delineamos um estudo historiográfico da Língua Portuguesa, na segunda metade do século XIX, período em que o Brasil passou por várias transformações, dentre as quais podemos destacar a independência política e o Romantismo que, para um país novo, em processo de definição de suas diretrizes românticas importadas da Europa, contribuiu nas transformações das bases intelectuais dos escritores.

O indianismo é fator relevante neste ponto, considerado um ingrediente tipicamente brasileiro, posto que fundamentou-se no exotismo em que os estrangeiros nos olhavam e também por exprimir a “cor local”, consagrada e edificada como símbolo de liberdade. O índio e seus referenciais se tornaram um rico registro do país, em que veicularam a fundamentação da literatura brasileira. Podemos observar em Abreu (2003: 167), que:

na prosa, o escritor com seu indianismo, propagou em seus romances a divulgação dos valores nacionalistas. Seguindo a lição de Chateaubriand, Dumas, Victor Hugo, segundo o que ele próprio diz em “Como e porque sou romântico”, o romancista cria uma ficção da imagem histórica do país, voltada para a história dos homens primordiais. Com os elementos da natureza, os rios, as florestas, Alencar objetivou gerar no leitor um impacto de idealização, ou seja, tudo que fosse originário do país em que ele vive e que ainda estava em estado de pureza.

Ainda, segundo Abreu (2003:167-170), “Alencar procurou meios de facilitar a leitura ao seu leitor, dirigindo e antecipando-se ao processo de interpretação”, tendo em vista que a figura do selvagem divulgada em seus livros nos traz a ideia e a imagem de uma literatura brasileira ainda que principiante. Assim sendo, como o próprio Alencar diz em “Como e porque sou romancista” ele próprio “procurou nacionalizar o hábito de leitura, produzindo obras para serem lidas e, não ouvidas”. Essa era a tendência europeia, que chegou também aqui no Brasil. Até então, eramos um país em que leitores existiam somente na elite. O país como diz Abreu (op. Cit.: 170), era um país sem a prática de leitura.

Alencar não deu importância às críticas recebidas, porém nos pós-escritos de suas obras, principalmente de *Iracema*, deixou registrado respostas para todas elas. Alencar considerou todas as críticas impulsionadas a ele como construtivas e as usou

como ímpeto ao seu alvo que era uma literatura puramente brasileira. O escritor romancista as considerava, entretanto, favoráveis a seu trabalho e, conseqüentemente, ficou bem próximo do povo brasileiro devido aos temas originais cheios de comparações usados por ele que falavam da natureza. Essa mesma originalidade era usada também na descrição e no imaginário de seus personagens.

Tentamos esclarecer que o escritor brasileiro usou em suas narrativas muitos vocábulos da língua Tupi, sobretudo, o léxico na consciência de enriquecer o vocabulário da língua falada no Brasil, que mais tarde veio compor à língua literária brasileira. Alencar tinha certeza de seu novo estilo brasileiro tanto que ele mesmo o consagrou nos pós-escrito de gracioso, elegante de tamanha grandeza e majestade.

Como já vimos, os escritores do século XIX buscavam o natural e a perfeição. José de Alencar foi mais longe, buscou a perfeição, o natural, o irreal imaginário, e, acima de tudo procurou mostrar em suas narrativas o original e o agradável aos olhos de seus leitores. O romancista brasileiro adequou em seus textos tudo o que era primitivo e acreditava que este seria um caminho verdadeiro frente à poesia nacionalista. Sobre isso, Bosi (1994: 148), nos afirma que

Alencar traçou um quadro retrospectivo da sua ficção, onde se mostrava consciente de ter abraçado todas as grandes etapas da vida brasileira e *Iracema* pertence a essa literatura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aqueles que venceram na terra da pátria a mãe fecunda – alma mater, e não enxergam nela apenas o chão onde pisam.

Assim, com seu próprio e novo estilo de escrever o romancista brasileiro saiu vitorioso na conquista de seu público Alencar trouxe para si a atenção de muitos leitores.

Em nossa pesquisa desenvolvemos algumas identificações das marcas lexicais e sintáticas na obra *Iracema*, tendo em vista que Alencar já fazia uso de expressões linguísticas brasileiras que era de uso em Portugal. O romancista verificou a relação do uso dessas expressões com o processo de constituição da identidade linguística brasileira dentro do contexto histórico-cultural da época.

O léxico e as escolhas gramaticais usadas por Alencar em *Iracema* deixam claro a preocupação do romancista pela busca da originalidade da expressão linguística e, também, a relação desse estilo com a realidade brasileira, ligada a uma identidade cultural simbolizada pelo índio.

O homem, como ser sócio-histórico, faz-nos refletir sobre os estudos linguísticos atuais, portanto a Historiografia Linguística apresenta, neste aspecto, uma proposta de pesquisa sócio-histórica da língua, tomando-a como prática social e, quanto aos princípios da HL, entendemos que, através deles compreendemos e entendemos as particularidades da língua dentro do contexto social, que envolve também a questão sociocultural da produção textual, portanto as marcas linguísticas, que evidenciaram o homem e seu tempo, refletiram no texto como um dado linguístico, por considerar um possível momento da história. Dessa forma, a historicidade do texto torna saliente na sua manifestação linguística.

Em nosso trabalho, discutimos e trabalhamos alguns aspectos da língua, assim como, a questão da variante brasileira e o nacionalismo linguístico no século XIX. Traçamos um panorama histórico e sociocultural do Brasil, a partir da segunda metade desse mesmo século, relacionado a esse contexto. Ao tratar a língua como uma manifestação histórica, procuramos fazer um apanhado da língua falada no Brasil desde a sua implantação, levando em consideração os diversos fatores de transformações que a levaram a se diferenciar da língua portuguesa de Portugal.

O Brasil conviveu desde o seu descobrimento com uma variação de raça, dentre elas podemos citar os portugueses, os negros e os índios, ou seja, uma sociedade mista, uma mistura de culturas com resultados que refletiram na *língua* falada no Brasil, portanto sobre esse aspecto foram examinadas algumas especificidades da língua nacional no fim desse século, que caracterizou, portanto a mudança linguística e o distanciamento do lusitanismo europeu

No processo de construção da nacionalização considerar-se-á a língua como elemento de caráter sociocultural e fundamental na identificação e unificação do homem com a sociedade. Dessa forma, a análise observada das marcas histórico-linguísticas em

Iracema usadas por Alencar e as escolhas do léxico e da sintaxe eram de uso brasileiro e que estavam relacionadas ao contexto histórico-cultural da época.

Em *Iracema*, Alencar identificou e integrou o homem na natureza. Esses meios levaram o escritor exaltar e idealizar o nacionalismo e também deu mérito aos costumes e as tradições nacionais. Esses fatores, segundo Pimenta (2007), ajudaram o romancista a compor e harmonizar um panorama da sociedade brasileira do século XIX, que é apresentado também pelo escritor dentro de um contexto, em que os elementos linguísticos, segundo Abreu (2003), são de uso dos brasileiros. Portanto, a natureza nativa é mostrada pela grandiosidade das matas, das plantas, bem como as aves e os animais compondo a fauna e a flora brasileira.

Os escritores românticos brasileiros e indianistas, em evidência José de Alencar, colocaram os índios em suas obras como primazia do símbolo nacional, embora estes estivessem longe de suas originalidades. Nesta contextualização, o romance *Iracema* não deixa de ser um precursor na literatura brasileira, segundo Coutinho (1980), pois o índio, como primeiro habitante desta terra, é colocado como um fator social dinâmico e de grande importância na época, tendo em vista os diálogos entre os índios, principalmente entre *Iracema* e Martim em que podemos perceber como era a linguagem da época.

Alencar usou uma linguagem em *Iracema*, em que evidenciou especificidades da língua em uso no Brasil no século XIX. Esse fato nos prova o quanto o seu novo estilo estava longe da realidade que envolvia a linguística brasileira da época, ou seja, a realidade da variante brasileira estava se distanciando do purismo europeu, todavia esse era o grande objetivo dos escritores brasileiros: a busca da originalidade, o feitio das expressões brasileiras na língua portuguesa e a sua própria identidade linguística. Em vista disso podemos concluir. Assim, Abreu (2003:63), nos afirma que *a língua é um dos fatores essenciais ligados à formação do povo brasileiro, após a independência do Brasil e que influenciou muitos escritores em seus ideais nacionalistas e que por fim consolidou a identidade nacional.*

Assim sendo, José de Alencar foi talentoso e corajoso, pois em seus romances, principalmente nos indianistas, usou a língua nacional brasileira da época, ainda que

dominada pelos europeus. Enfim, Alencar participou ativamente na definição da identidade linguística brasileira, representada aqui no Brasil, sobretudo em *Iracema*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Mirhiane Mendes. *Ao pé da página – a Dupla Narrativa em José de Alencar*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp SP, 2003. Mimiografado.
- ALMEIDA, Marly de Souza. *Metalinguagem e Identidade Lingüística Brasileira na Sátira Poética de Oswald de Andrade*. Tese de doutoramento. PUC/SP, 2003.
- ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968 – 1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- ALENCAR, Francisco et alii. *História da Sociedade Brasileira*. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- ALENCAR, José de. *Ao Correr da Pena – crônicas semanais no Correio Mercantil*, RJ: Melhoramentos, 1955.
- _____. *Iracema e os Contemporâneos – edição do centenário de Iracema: textos críticos e teóricos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- _____. *IRACEMA lenda do Ceará – edição do centenário de Iracema: textos críticos e teóricos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- _____. *O guarani*. RJ: MEC, 1972.
- _____. *Como e porque sou romancista – adaptação ortográfica Carlos de Aquino Pereira*, Campinas SP: Pontes, 1990.
- _____. *IRACEMA*. Apresentação de Paulo Franchetti, > Notas e comentários de Leila Guenther. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. *Ubirajara*. SP. Melhoramentos, 2001.
- _____. *Diva*. SP: Martim Claret, 2002.
- ALI, Said. M. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1950.
- ASSIS, J. M. Machado de. “Iracema”. *Diário do Rio de Janeiro*, 23.1.1866, reproduzido em *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2004, vol. 3.
- AZEVEDO, Fernando, de. *A cultura brasileira*. 3ª ed., Vol. XIII. SP: Melhoramentos, 1950.
- BARTHES, Roland. [et. al.]. *Análise estrutural da narrativa*. 5ª. ed. Trad. De Maria Zélia Barbosa Pinto. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- BASTOS, N. B. (org.). *Língua Portuguesa – História, Perspectivas, Ensino*. São Paulo: Educ, 1998.

- BECHARA, E. *Moderna gramática Portuguesa*. 36ª edição. SP: Nacional, 1997.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- _____. “Um mito sacrificial: O Indianismo de Alencar”. In: *Dialética da Colonização*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- BRASIL, Assis. *O Livro de Ouro da Literatura Brasileira*. RJ: Tecnoprint, 1980.
- CALVET, Louis-Jean. *As políticas Linguísticas*. Prefácio Gilvan Müller de Oliveira; trad. Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno, SP: Parábola: IPOL, 2007.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CAMPOS, Haroldo. “Iracema: uma arqueologia de vanguarda”. *Metalinguagem e outras metas*. SP: Perspectiva, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Os três Alencares*. In: *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*, vol. 2, 4ª ed. São Paulo, Martins, 1971.
- CARDOSO, C. F. BRIGNOLI, H. P. *Os métodos da história*. Trad. de João Maia. 6ª ed. RJ; Graal, 2002.
- CASTELLO, José Aderaldo. “Iracema e o indianismo alencariano”, In: ALENCAR, José de. *Iracema*. Ed. Crítica, 1965.
- CAVALIERE, Ricardo. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. RJ: Eduff, 2000.
- CHAGAS, Pinheiro. “Literatura Brasileira/José de Alencar”. In: ALENCAR, José de. *Iracema*. Ed. Citada, 1965.
- COSERIU, Eugênio. *Sincronia, Diacronia, História*. São Paulo; Presença, 1979.
- COSTA, João Cruz. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2ª ed. RJ: Nova Fronteira, 1997.
- CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- _____. *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2ª ed., vol. VI. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1971.

- _____. *Introdução à Literatura no Brasil*. RJ: Civilização Brasileira, 1980.
- DAMASCENO, Darcy. “*Alencar e Iracema: Uma Articulação Literária*”, Boletim Bibliográfico Mário de Andrade, vol. 38 n. ¾, julho-dezembro 1977.
- DANTAS, Pedro. *Observações sobre o Romance de José de Alencar*. In: HOLLANDA, Aurélio Buarque de (org.). *O Romance Brasileiro (de 1752 a 1930)*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1952.
- DIAS, A. Gonçalves. *Dicionário da Língua Tupi Chamada Língua-geral dos Indígenas do Brasil*. Repr. In *Poesia e Prosa Completas*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1998.
- ELGIN, S. H. *Que é Linguística?*. Trad. de Alzira S. R., Helena M. C. e Junéia M. RJ: Zahar, 1974.
- ELIAD, Mircea. *Aspectos do mito*. Trad. de Manuela Torres. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. (Perspectivas do homem, 19).
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *Linguística História – uma introdução ao estudo da história da língua*. 2ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GAMA, K. A. *Dicionário da língua Portuguesa*. SP: FTD, 2001.
- GLÉNISSON, Jean. *História geral das civilizações – iniciação aos estudos históricos*. Colaboração de Pedro M. C. e Emília V. C. SP: Difusão Europeia do Livro, 1961.
- HOUAISS, Antônio. *A crise de nossa língua de cultura*. RJ: Tempo Brasileiro, 1983.
- _____. *O Português no Brasil*. RJ: Inibrade, 1985.
- LEAL, Henriques. “A Literatura Brasileira Contemporânea”. In: ALENCAR, José de. *Iracema*. Ed. Citada, 1965.
- LEITE, Marli Quadros. O purismo no discurso oral culto. In: PRETI, Dino (org.) *O discurso oral culto*. SP: Humanitas – USP, 1996.
- _____. *Metalinguagem e Discurso – a configuração do purismo brasileiro*. 2ª. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.
- LOBO, T. OLIVEIRA, K., (orgs.). *África à vista – dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- LOPES, A. Jorge. *A Batalha das Línguas – perspectivas sobre Linguística Aplicada em Moçambique*. IUEM/Fundação Universitária, UEM, Maputo – Moçambique. 2004

- KOERNER, Konrad. Toward. *Historiography of Linguistics: Selected essays*. Amsterdam: John Benjamins, 1978.
- _____. *Progress in Linguistic Historiography*. Amsterdam: John Benjamin, 1980.
- _____. *Practicing Linguistic Historiography*. Selected essays. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1989.
- _____. *Professing Linguistic Historiography*. John Benjamin Amsterdam/Philadelphia, 1995.
- _____. *Questões que persistem em Historiografia Linguísticas*. Revista da Anpoll, número 2, p 45 – 70, tradução Cristina Altman, 1996.
- KHUN, Thomas. S. *A estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- KOK, I. V. Elias, V. M. *Ler e Compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAGALHÃES, Jr. Raimundo. *José de Alencar e sua época*. SP. Livros Indianistas, 1982.
- MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. *A Confederação dos Tamoios*. RJ. Empreza Typog. – DOUS DE DEZEMBRO – de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial, 1856. Orgs. Maria E. Moreira e Luis Bueno – edição fac-similar seguida da polêmica sobre o poema. PR. UFPR. 2007.
- MAIA, J. Domingues. *Gramática Teórica*. 4ª ed. SP: Ática, 2000.
- MARCOS, B., STUBBS, M., GAGNÉ, G. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. SP: Parábola, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARTINS, Nilce. Sant'Anna. *História de língua portuguesa – século XIX – vol. 5* (Série Fundamentos). São Paulo: Ática, 1988.
- MARTINS, E. T. *Iracema: A Alegoria da Mãe Genti(o)l*. Dissertação de Mestrado. Univ. Federal de RN. 2007.
- MARTINS, E. *Manual de Redação e Estilo*. 3ª ed. SP: Moderna, 1997.
- MATEUS, M. H. M. *A face exposta da língua portuguesa*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, 2002.
- MELO, Gladstone Chaves. *A Língua do Brasil*. Fundação Getúlio Vargas Instituto de Documentação. 2ª edição. Rio de Janeiro, 1971.

- _____. *Alencar e a Língua Brasileira*. RJ: Conselho Federal de Cultura, 1972.
- _____. *Origem, Formação e Aspectos da Cultura Brasileira*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1974.
- MENEZES, Raimundo de. *José de Alencar – Literato e Político*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- MEYER, Augusto. “Alencar”. In: *A Chave e a Máscara*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes para o aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da língua portuguesa*, 1986.
- MIRANDA, Regina Célia Carbonari de Almeida. *Brasil e Portugal: Duas Culturas em Polêmicas: Dissertação de Mestrado*. PUC/SP, 2001.
- NASCIMENTO, Jarbas Vargas. *Bases Teórico- Metodológicas da Historiografia Linguística*. São Paulo: PUC/SP, 2002. Mimeografado
- _____. (org.). *Historiografia Linguística: Rumos Possíveis*. São Paulo: Pulsar, 2005.
- NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777 – 1808)*. 6ª ed. São Paulo: HUCITEC. 1995.
- OLIVEIRA, Fernão. *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, 1536. In: SILVEIRA, Olmar G. da. *A “Grammatica” de Fernão de Oliveira*. Texto reproduzido da 1ª edição (1536). Rio: Jornal do Commercio – Rodrigues & Cia. 1954.
- PEIXOTO, Afrânio. *Martim Soares Moreno – Fundador do Seará, iniciador do Maranhão e do Pará, Herói da Restauração do Brasil contra Franceses e Flamengos – Nota à ‘Iracema’*. Belo Horizonte, Paulo Bluhm, 1941, p. 39.
- PIMENTEL PINTO, E. *José de Alencar: sua contribuição para a expressão brasileira*. Vol. 4. SP: Ed. Cadernos da Serra, Coleção Imbuí, 1965.
- _____. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*. Vol. I., RJ: Edunesp, 1977.
- _____. *A Língua Escrita no Brasil*. SP: Ática, 1986.
- _____. *História da Língua Portuguesa*. Vol. VI. SP: Ática, 1988.
- PIMENTA, Márcia Mendes. *José de Alencar: Em Busca da Identidade Lingüística Brasileira: Dissertação de Mestrado*. PUC/SP, 2007.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 6ª. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

- PRETI, Dino. *Sociolinguística – os níveis de fala*. 2ª edição. São Paulo: Nacional, 1975.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *José de Alencar na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- _____. “*Transforma-se o amador na coisa amada*”. Estudos Literários. RJ: José Olympio; Brasília: INL, 1974.
- RÉMOND, René. *O Século XIX (1815/1914)*. Introdução à história de nosso tempo, 2º vol. 2ª edição. Trad. Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 1974.
- RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portugueza*. 2ª ed. SP: Teixeira e Irmão, 1885.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad. de Fúlvia M. L. Moretto. Brasília: Univ. de Brasília, São Paulo: HUCITEC, 1986.
- _____. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre homens*. Comentários: Jean-François BRAUNSTEIN. Trad: Iracema Gomes Soares e Maria Cristina Roveri Nagle. Brasília: Univ. de Brasília; São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *Júlia ou a Nova Heloísa*. Trad. de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: HUCITEC, Campinas: UNICAMP, 1994.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.
- _____. *História da Língua Portuguesa*. Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa. Apresentação de Celso Cunha. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- SOBRINHO, Barbosa, Lima. *A Língua portuguesa e a Unidade do Brasil*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SPINA, Segismundo. *História da Língua Portuguesa: III. Séculos XVI, XVII*. São Paulo: Ática, 1987.
- TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5º. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- TUFANO, Douglas. *A Carta de Pero Vaz de Caminha: comentada e ilustrada* [ilustrações Mozart Couto], São Paulo: Moderna, 1999.
- WHITE, Hayden. *Meta-história – a imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José L. de Melo. 2ª ed. SP: Edusp, 2008.